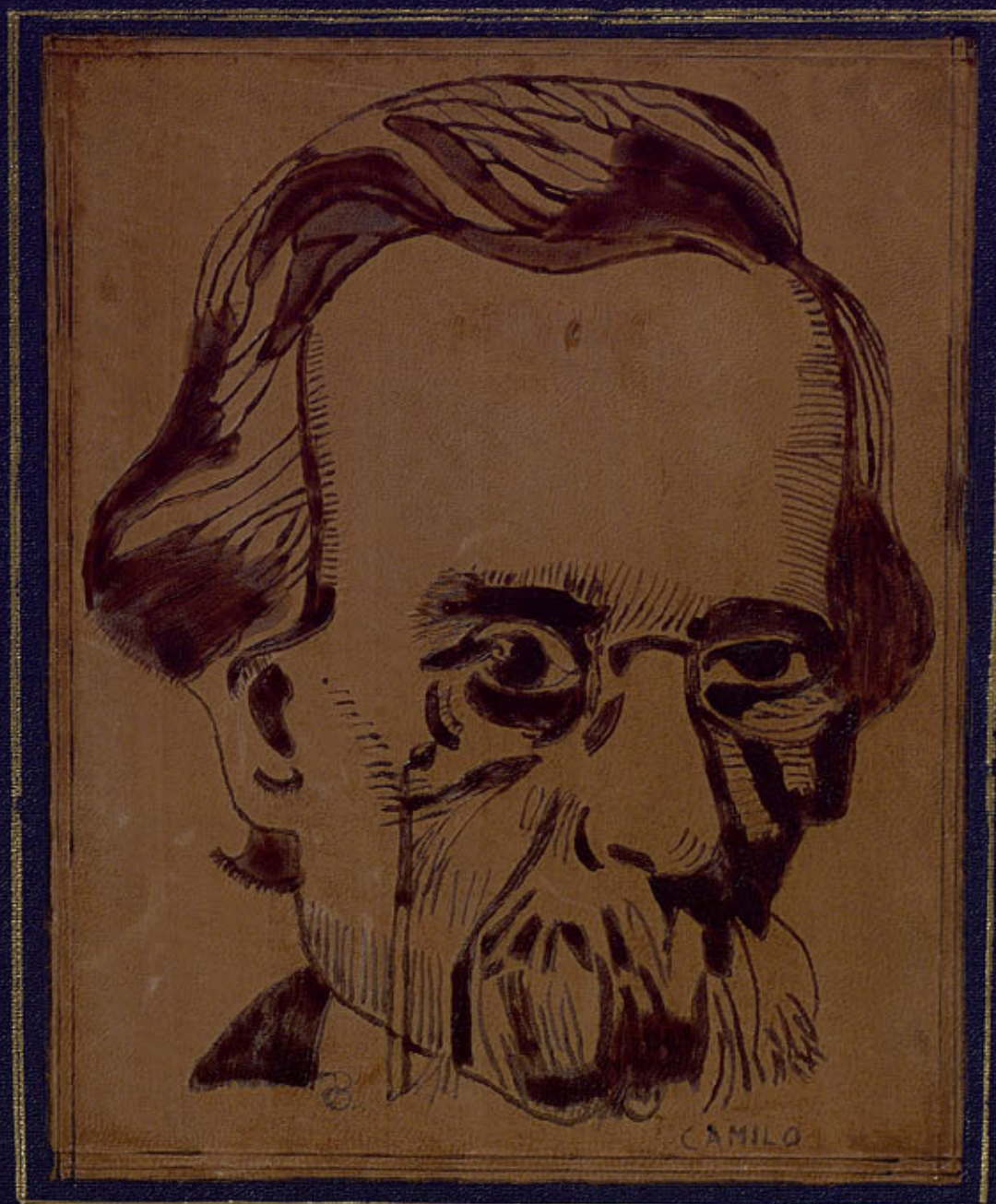
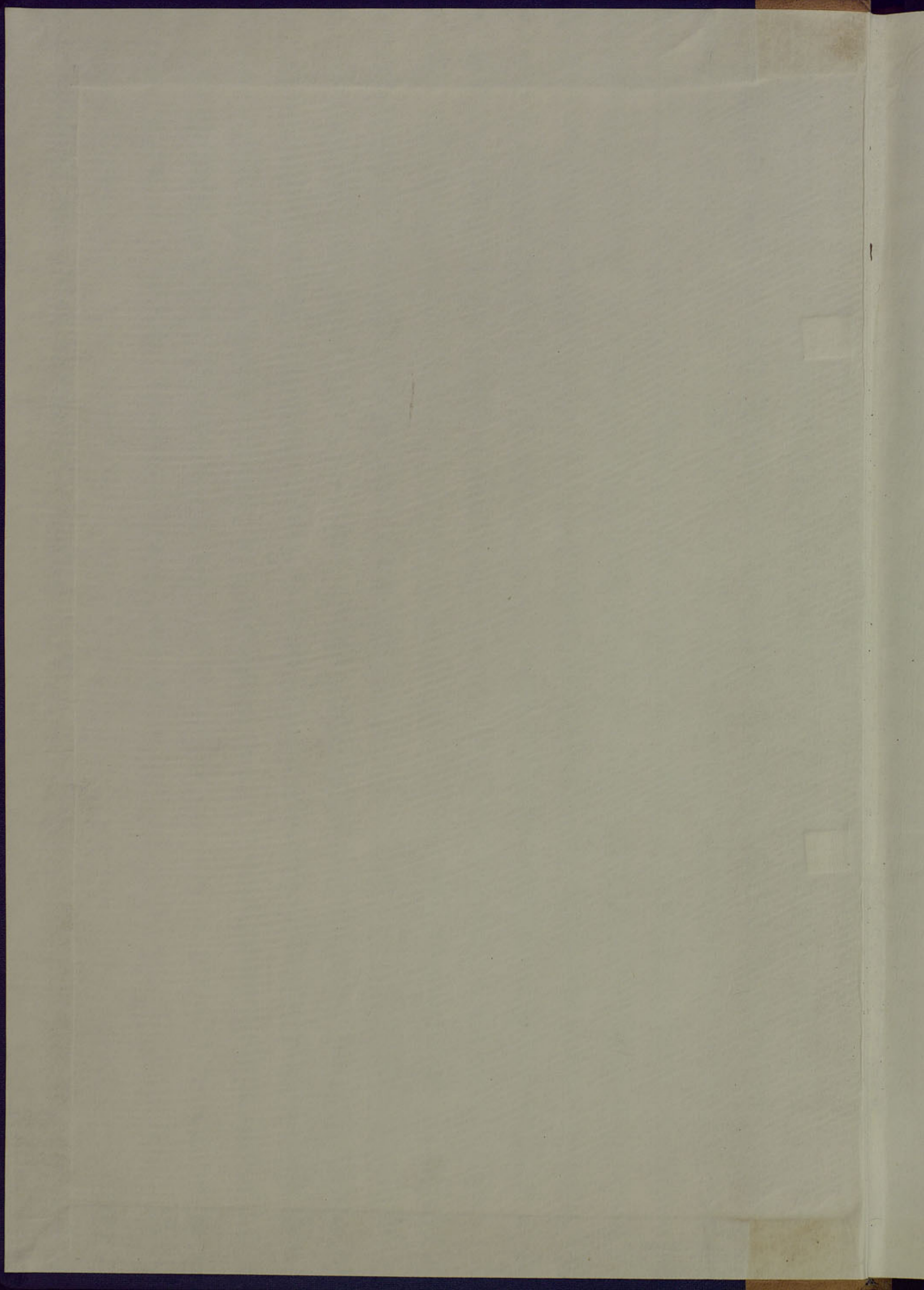


TRÍPTICO



COIMBRA

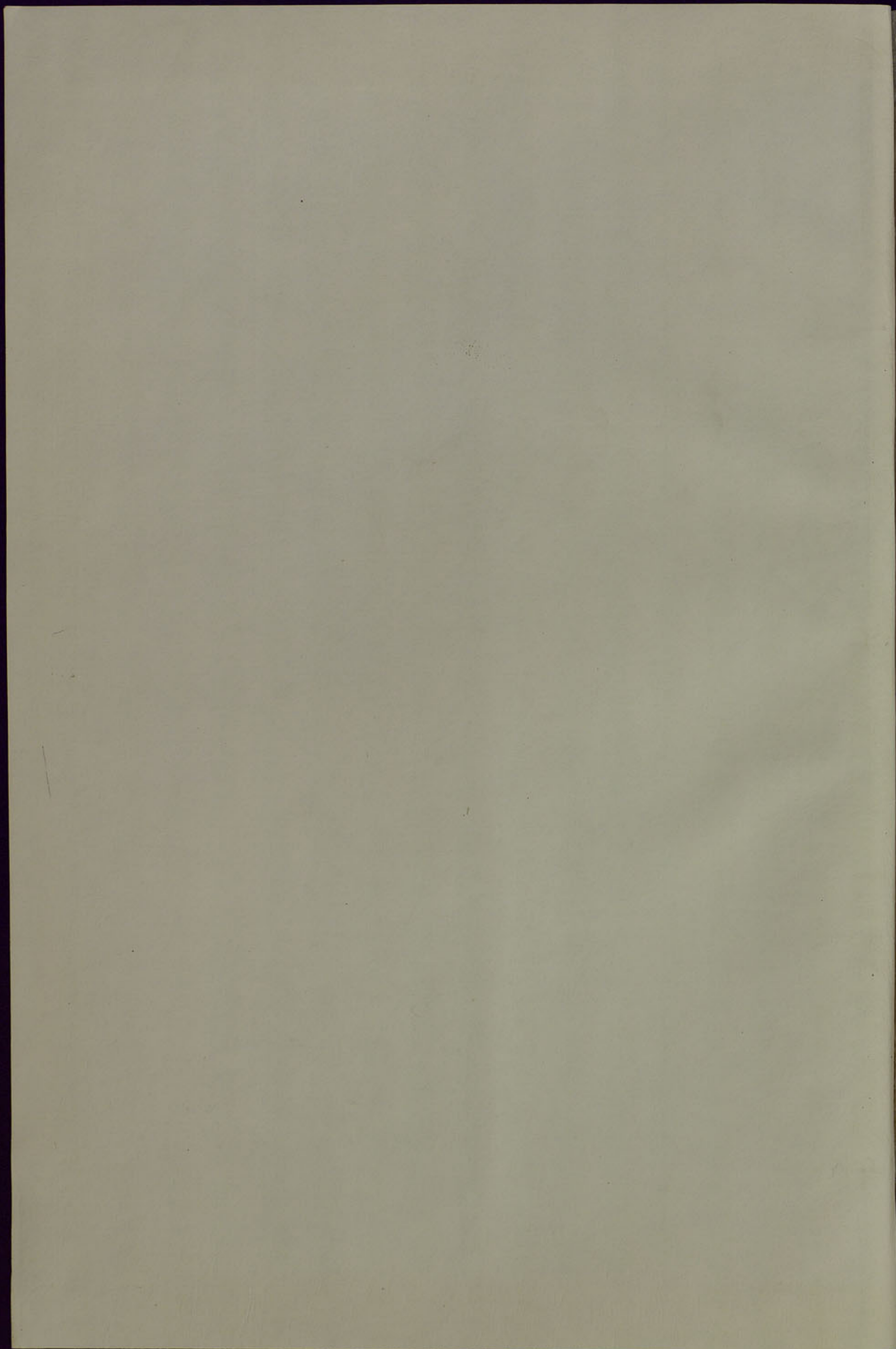
1924-25



R P

6

16



tríptico

arte

poesia

crítica



A. HERTRE
1922



1

RP
6
16

A AGGERHOLM, escultora

Há quase um ano que os olhos de Coimbra repousaram em quadros de Vázquez Díaz, do melhor que tem a pintura contemporânea no desenho, predominante e vigoroso, e na côr sempre viva, sempre filha do sol, deus dos pintores que bem se aleitam da luz. Mas parece, tão rapidamente se escoou esse ano, tão débil lição ficou dos belos quadros, que alguns séculos dobaram depois disso e que o pintor, vivo e são felizmente, pertence à velha geração de artistas, que de longe vinham, pelo Renascimento, enriquecer Portugal, aproveitar-lhe o céu, e acrescentar ao património dos Nuno Gonçalves e Grão Vasco, um latifúndio de arte que nos não afrontava, antes envaidecia. Trouxe Vázquez Díaz sua esposa a Coimbra, uma escultora intimista a uma cidade discreta, e pena foi: essa vinda não nos mostrou a nós as suas belas imagens.

Mais feliz porém do que aqueles que, estimando os dois artistas, desesperavam por ver uma exposição de Eva Aggerholm, vi em Madrid a sua obra.

Era um abril chuvoso, e nada melhor se casava à primavera esflorada, ensopada de orvalhos miú-dinhos, do que essas poucas peças de Imaginária fina e como que friorenta, circulada por sensibilidade semelhante à das seivas represadas, que vão formar as flores, mas que melhor se comprazem no fluxo de fôlhas e troncos. Falo de Eva Aggerholm, escultora, por mero prazer independente, ainda que por gratidão pudesse também falar, pois alegrou, com uma imagem de saborosas linhas, o interior do meu primeiro livro. É um desenho a que me refiro, já por gosto, já porque está mais perto dos olhos de quem me lê. Outro documento da artista se guarda em Portugal: a reprodução da *Niña de la cabellera grande*, na revista *Contemporânea*; e se esta dá a maravilhosa harmonia das linhas mais favoritas de Eva — as que traduzem pudor da forma nua, defesa dos volumes plásticos ou leve desgosto de expô-los — o desenho do meu livro acen-

tua a feição e alegoriza, ainda que num esbôço, o recato da imaginária. É difícil encontrar entre os artistas plásticos alguém que, mais do que Eva Aggerholm ou talvez tanto como ela, mantenha uma obra de pura unidade escultural, preocupada com um termo remoto de expressão — quicá cada vez mais remoto — em que a coisa a exprimir caminha direita do mais fundo da vida. A *Madalena*, o *Mouimento Funeral*, a *Niña*, não são expressões intelectivas em que a razão trabalhe, guiando os meios mecânicos de que se socorre a escultura; inteligência sim, há nessas peças, mas resultante da concordia espontânea de todos os sentidos de Eva, afinados numa atitude essencialmente recolhida e vedada a estranhos como atitude de Esfinge. De resto, não é para admirar que o Egito servisse a instruí-la, Mulher do norte, da pastoril Dinamarca, a escultora como que voga num oceano de surdinas, e é dele que recolhe com sua rede sensitiva as formas, elementares como um fiapo de alga, que as suas mãos realizam. Há pouquíssimo de lapidar na sua obra, e também, se místicas são como eu creio, as suas imagens não fazem lembrar as daqueles monges santelros, tão puristas, que Anatole France nos mostra, no *Jongleur de Notre Dame*, de barba branca sob a poeirada alvadia. Em Eva Aggerholm o ascetismo é mais o de um organista, ou, melhor ainda, no dizer de Juan Ramón Jiménez, o lírico de *Platero*: ela é *marinera de la escultura*. A saúde do mar percorre os contornos de cada imagem dela: é como a linha sinuosa que nas praias, depois da maré cheia, retém os sinais do corpo núbil das ondas. E porque não chega à chã castelhana, onde trabalha, o sôpro doce dos ventos mareiros brandos, a sua obra responde a esse silêncio com uma suave música, uma música bastante estranha ao mármore que utiliza.

Vitorino NEMÉSIO

A AVE-MORTA louvor do sal

«Adeus p'ra nunca mais!» Cerrei o olhar,
Depois de ver a noite e não ver lua,
Na ave-morta peguei, com meu pesar,
Fechei os olhos e deitei-a á rua.

¿São as aves de mais para chorar?
Quem é que o diz? Que instinto mo insinua?
¡Mas sem aves, sem rosas de tocar,
A vida era tão pobre, era tão nua!

«Morta e presa da vida»! Isto consola.—
«Morta, presa da vida»!—Eis, chega um gato,
Com seu faro de gato, e apanha a rôlz.

¿Para a ave que morreu, qual a moral?
— Não sei se cometi um desacato;
— eu não sei se fiz bem, nem se fiz mal.

Oh salinas de branco á beira-mar!
Onda vestindo azul que foste presa
para o fogo do sol e hás-de acabar
em pedrinhas de neve á minha mesa!

Sal que prováste a bôca á bem-amada
quando se soube ao certo do seu nome,
voltas da alma em lágrimas—ficou-me
de prová-las, a boca ressalgada.

Humilde. Oh humilde como a água! Jogo
Teu corpo ao lume e cantas sobre o fogo:
— A' sina de cantar não descontentas.

Tu és, compondo o gosto da comida,
como o amor compondo a nossa vida,
filho do azul de céu e das tormentas!

AFONSO DUARTE.

BRANQUINHO DA FONSECA.

VMA VILA DE ARTE

O século XVI foi, para Montemor-o-Velho, o período de maior esplendor social e artístico.

Quer os seus monumentos públicos, quer os particulares, documentam a riqueza geral que causas externas provocaram: enchendo a terra com os lucros do trato ou das razias africanas e asiáticas, Diogo de Azambuja, o conquistador de Çafim, e Fernão Mendes Pinto, o aventureiro da China, não representaram decerto excepções no seu tempo.

Das igrejas se tem falado por vezes; da moradia privada, que tanto impressiona, nunca, que me conste, a-pesar do interesse do assunto.

A cada retôrno de expedição feliz, a cada negócio concluído, a Vila intumescia de casas novas, que ao vaguear pelas ruelas irregulares ou pelas íngremes ladeiras do burgo encontramos ainda, milagrosamente conservadas, reconhecíveis pelos labores da cantaria, pelos lóbulos, florões, tranças ou rosetas que adornam vêrgas e alisares.

Cubozinhos de pedra pouco elevados, seus portais amplos e sóbrios, janelas enfeitadas abrindo como um sorriso entre mísulas, estas habitações representam a *domus* burguesa e popular dos cidadãos e artífices de fortunas modestas.

Compõem-se de dois pavimentos, quando muito, um ao rés do chão, outro de sobrado, o

beiral da cobertura de quatro águas assente em cimalha de dupla sacada, elegante e forte.

A porta é ancha, as vêrgas alisadas a pico miúdo ou gravadas de dizeres em belas letras clássicas, cujo nobre lançamento sombreia a pedra em guisa de ornamento. «Não há gosto perfeito nesta vida», se lê numa que apontei.

Sobre o portal, ou assimetricamente, uma janela larga moldurada ou de arco polimórfico, acolitada de mísulas de grandes dimensões, capazes não só de sustentar os clássicos craveiros, mas até arbustos, completa o sistema de aberturas necessárias ao arejamento e claridade da casa. Por vezes um nicho, um relêvo devoto, uma carreira de esgrafitos iluminam a página branca da fachada.

Se o exterior é, na sua simplicidade, aparatoso, o interior modesto, subdividido em camaras pequenas e irregulares sobre as quais abrem, aos pares, alcovas acanhadas, revela o conceito de comodidade dos habitadores quinhentistas.

Nas cantareiras cavadas nas paredes, sobre o pano das chaminés ou nas antas da lareira é que uma carranca, uma vóluta, uma flor, uma cartela cronogrâmica, documentam ainda a preocupação artística dos construtores.

Coimbra, 1911.

VERGÍLIO CORREIA.

memória

Deus faz de nós criaturas tão diversas daquilo que devíamos ser que se me afigura seu ânimo caprichoso tal qual o duma criança.

Meu avô andou nas águas do mar. Sentiu os frios que congelam o sangue e a ardência do sol que anoitece a pele. Duma vez, tinha apenas dez anos, naufragou na foz do Mondego diante dos olhos assombrados da mãe que o via em risco de despedaçar os ossos de encontro aos blocos do Cabedelo. Sem ter em casa com que mandar tocar a um cego, minha bisavó fez promessa à Senhora da Encarnação, se ela se amerceasse da vida de seu filho, dum menino de oiro do tamanho d'ele. Meu avô salvou-se nos braços dum tio que era o capitão do hiate. E ela, visto o prometimento ser maior que suas posses, converteu-o em penitência, indo de joelhos até a capela da Senhora que fica arredada na encosta da Serra.

Meu avô tem em seu peito tatuada a cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo e, em cada braço, sinais de sua paixão. Eu tenho, não o madeiro onde o Nazareno morreu para nos remir e salvar, mas a cruz da desesperança em que são crucificados todos os homens que um dia olharam de certo modo para o céu.

E, quando devia andar cantando na proa dum barco, gasto os olhos a chorar na contemplação desta vida que não posso compreender.

Na verdade Deus é de ânimo caprichoso tal qual o duma criança.

Tenho uma imagem dum S. Francisco de Paula carunchosa e amarelecida que não dava por todo o oiro do mundo.

Os olhos de minha bisavó deviam saber de cor o geito dos olhos da imagem que se levantam para o céu em súplica aflita. Afeiçoada devia ser a esta a súplica de seu coração quando pedia pelos que andavam sobre as águas do mar em débil casca de noz.

Tenho esta imagem a cabeceira de minha cama não para lhe rezar, porquanto a razão mo impede, senão para memorar a vida dos meus que foram na terra

bem diferentes do que eu sou. Basta levantar os olhos para rever na face beatíssima do Santo, a tragédia dos que, de mãos erguidas, foram súplices em momentos de ansiedade. E, vejo, então, uma sala de tecto baixo de madeira com duas janelas viradas para o mar, pequenos como postigos de gaiola. A um canto, sobre uma cómoda negra, alta de pés, coberta de delicado pano de renda como o dos altares, um relógio em forma de portal de igreja conta os momentos do drama, as horas de angústia. Junto d'ele, uma Nossa Senhora vela debaixo de redoma de vidro com rosas de papel caídas aos pés, e entre dois castiçais ardendo, o meu S. Francisco de Paula conforta o coração duma figura negra ajoelhada, chorando lentamente e deixando cair dos lábios a oração pelos que andam nas águas do mar.

Gostava de ainda ter fé na alma porque havia de aprender as orações que minha avó rezou.

As vezes descubro no olhar do Santo uma piedade maior e afigura-se-me que sua mão estendida sai de seu natural e me quer chegar ao coração—o meu coração de carne!

Meu avô, a primeira vez que foi ao mar depois de se ter unido pela graça de Deus com minha avó, levou a fidelidade dela nos seus cabelos cortados.

A mulher, no tocante a formosura do corpo, tem o cabelo como graça mais saliente. Maria Madalena foi com ele que alimpou os pés do Senhor e Salomão dizia que os cabelos da Sulamite «eram como os rebanhos de cabras subindo o monte Galaad».

Grande devia ser, portanto, a ternura de minha avó para, em testemunho de saúde e temor de viuvez, sacrificar sua cabeleira que era airosa como as ondas e especiosa como os nevoeiros. Bem verdade é que o Senhorio da Morte se estende mui mais florescente no mar do que na terra, e quantos para ele vão que não voltam mais!

Quando penso nesta quase-lenda cerro os olhos e fico a desejar uma mulher assim na minha vida...

João GASPARG SIMÕES

SOL

O Sol

O Sol Poente indica repouso;

Para haver repouso é preciso ter criado.

O Sol repousa toda a noite porque criou todo o dia,

Como Ontem...

O Sol nasce todos os dias.

O Sol descança todas as noites.

Nascem Homens todos os dias.

Morrem Homens todas as noites.

Todas as manhãs faz anos que o Sol nasceu para criar;

Todas as noites faz anos que o Sol se escondeu para descansar,

Como Ontem...

O verdadeiro viver está em olhar bem para o Sol e ser como Ele.

O Sol cria-nos as cores de todas as coisas e as formas de todas as coisas;

Criemos também formas e cores com nós-próprios,

Para sermos como o Sol.

O Sol dá-nos tanto prazer, e nós escondêmo-nos d'Ele porque temos vergonha.

O Sol não gosta das pessoas que se escondem d'Ele e castiga-as,

Como Ontem...

O Homem que vive ao Sol, e que segue o exemplo do Sol, é cada vez mais Homem até que chega a ser também Sol.

Se o Sol não tivesse criado um dia, esse dia não teria fim.....

Gloria a Ammon-Râ!

ALBERTO VAN HERTRE
DE TELES MACHADO

A MINHA NOITE

Triste noite sózinha e desolada,
Em que os uivos dum cão, entre a neblina,
Lembram a ponta duma adaga fina,
Que me trespassa a carne arripiada!

—Fio de água entre fragas—murmurada,
A prece nos meus lábios desatina:
—Minhalma é chama lívida e franzina,
Que uma sombria mão ergue à rajada.

Sonho de negro e cinza—nevoeiro...
Sonho que sou o último e primeiro
Dos mêdos que esta noite vai contando.

Bebo o filtro da sombra, de mansinho,
E sou a êrma volta dum caminho
Onde outrora Jesus passou chorando!...

ANTÓNIO DE SO USA.

Doente

Tocado de sofrimento,
Seu corpinho, quando tosse,
Treme todo, nem que fosse
A haste dum lírio ao vento.

Rosto pálido de mármore,—
Se chora, também choramos,
—Que o seu corpo é como a árvore
De que nós fossemos ramos.

Pois também, quando ela ria,
Uma infinita alegria
Nos dava horas felizes.—

Oh roseirinha em botão,
E' no nosso coração
Que mergulhas as raízes!

CAMPOS DE FIGUEIREDO

APELANDO DA SENTENÇA

(A uma escritora portuguesa)

Compreendo, minha senhora! Compreendo e avalio bem quanto o meu ultimo livro (1) a deve ter, não direi apenas desgostado, mas até desconcertado, não obstante a linha de conduta, nóbre e firme, que sempre tem mantido atravez de uma existencia onde não é vulgar o desconcerto.

O que, porem, não compreendo é que me tenha tornado responsável por semelhante desconcerto.

«Obcecado pelo espantallo se-dição do clericalismo...»

Quem: eu, minha senhora? Eu que incessantemente procuro nor-tear os meus actos pela mais elevada tolerancia?

V. Ex.^a ou não leu o meu livro, ou leu-o ás avessas. Só assim justifico o haver-me atribuido intenções que nunca tive, delitos que nunca pratiquei.

Desde o prefácio á ultima linha da derradeira epistola, tudo se encaminha num unico sentido, que resumí nestas palavras de abertura: —«Este livro regista o pensamento que a teologia formulou contra a mulher...»

E acrescentei, para evitar equívocos: —«Se o leitor, voltando a sua ultima página, não tiver apercebido que nele se pretende, ao esclarecer um equívoco secular, fornecer á mulher uma arma que, vibrada por suas delicadas mãos, possa dominar completamente o seu algoz — não terá compreendido o designio do autor.»

Pois nem assim, perante uma tão formal declaração, se evitaram equívocos.

Porque V. Ex.^a caiu num lamentavel equívoco, que nem o prefácio nem o livro inteiro podem autorisar. Autorisam, sim, mas apenas que eu volte a repetir: —aquilo não é meu! De tudo o que ali a alvorçou, chocando fundamente o seu espirito, nem um til me pertence.

Essas afirmações, que eu reconheço trocolentas, que eu também, como V. Ex.^a, encontro abominaveis, fui buscá-las a velhos, a revelhos textos.

Catei-as, uma por uma, nesse embrenhado labirinto teológico, que começa em Moisés e vem subindo, idades fora: Salomão, Ezequiel, Jeremias, Evangelistas, S. Paulo, S. Agostinho, até ao redactor de certo *Boletim* que também diz o diabo!

Essa doutrina, pois, é toda teológica, e, como tal, fazendo parte do patrimonio espiritual da Igreja Católica, para a qual V. Ex.^a — desculpe que o registre — não teve, na sua carta, uma unica censura, uma unica apóstofre, mesmo de luva branca. Foram todas para mim. Para mim, a quem, em todo o texto, apenas pertencem as conjunções copulativas!

Na verdade, senhora, para toda

essa contextura diabolica, nesse tecido de maximas violentas, de conceitos irreverentes, de anedotas patu-cas e perturbantes descrições, eu apenas desempenhei a elemental função que o meu alfaiate desempenha quando lhe levó a saragoça para o meu albornós: fornecer as linhas e as agulhas.

Pois eu, senhora, nem mesmo as linhas forneci. Alinhavei sómente, mas com linhas que nem ao menos eram pertença minha.

Para esse montão de aleivosias só entrei com alguns alinhavos e um ou outro complemento circunstancial de tempo ou de lugar.

Não me atrevi sequer a juntar-lhe, como era natural, o mais tímido adjectivo qualificativo, que, em certas passagens, calhava como na Epistola aos Coríntios... Perdão: como um colár de pérolas no còlo de uma mulher formosa.

Mas nem isso. O meu escrupulo de cronista imparcial não consentiu que eu fosse além dos já referidos alinhavos com que serzi — não sei se é o termo — essas enormidades.

Juntei, é certo, elementos dispersos. E uma vez juntos, alinhei-os, comparei-os, casei-os, tirando em seguida deducções. Sim, deduzi. Mas deduzi logicamente, em presença dos textos e á face da doutrina corrente — a ortodoxa.

E ralha-me, por isso! Bate-me o pé, a mim que pouco ou nada fiz!

Porque não ralha aos que tem a culpa? Porque não dirige as suas iras, justificadas, sem duvida, contra os autores d'essas abjecções?

Non est creatus vir propter mulierem, sed mulierem propter virum. (1)

O que V. Ex.^a não diria se estas palavras fossem minhas!

Mas não são: cairam da boca de S. Paulo, de quem a Igreja as recolheu e sem repetindo há vinte séculos.

Pregunto agora: aceita, sem protesto, semelhante decisão? Satisfá-la esta doutrina? Pois a mim não, e por isso berro.

V. Ex.^a é uma educadora modelo. Tem passado a vida a ensinar — a ensinar tudo e todos.

Pois aqui tem como lhe pagam aqueles que V. Ex.^a não deseja maguar, nem com uma pena de ave: —

Docere autem mulieri non permito (2)

Não permitem que ensine! Saiba ou não saiba, possa ou não possa faze-lo.

Ainda mais: não consentem que a mulher exerça qualquer autoridade sobre o marido: *neque dominar in virum.*

Este, pelo contrario, tem todo o direito sobre ela, até o de exigir que ela se cale: *esse in silentio.*

E porque?

Porque a mulher nasceu do homem e não o homem da mulher: *non vir ex mulier, sed mulier ex viro* (1)

E é a mim, senhora, que inventiva e dirige os seus doestos! Para os outros a bençã, para mim a imprecação!

Que a sua colera se mudere ou vá contra quem a mereça. Que o seu látego não caia sobre mim, que não vendi no templo nem abocanhei as coisas santas!

«Aos infieis, senhora, aos infieis,»

e não a mim que sempre acreditei no manancial de virtudes que se alberga no vosso coração, mulheres, e sobretudo na força que reside na vossa piedosa, omnipotente fragilidade

TOMÁS DA FONSECA

(1) I-Corint. XI-8-

A nossa senhora

Nossa Senhora me ajude
Nesta pobreza tamanha,
Na minha vida tão rude,
Nos fraguados da montanha.

Nossa Senhora me guie
Longe de atalhos e quelhas;
Nossa Senhora vigie,
De noite, as minhas ovelhas.

Nossa Senhora me veja
Com o seu olhar divino,
Nossa Senhora proteja
O meu filho pequenino.

Nossa Senhora perdõe
Os pecados que eu tiver;
Nossa Senhora abençõe
A minha santa mulher.

Nossa Senhora me atenda
Esta simples oração;
Nossa Senhora defenda
O meu pobre coração.

Nossa Senhora me faça
Não ter amor ao prazer
E viver na sua graça,
Com os filhos e a mulher.

Ai! de mim, se não vos ganho
Para mãe, Nossa Senhora!
Eu sou pastor do rebanho,
Sede Vós minha Pastora...

Nossa Senhora me deixe
Nesta humildade viver,
Nossa Senhora me feche
Os olhos quando eu morrer.

(1) *Cartas Espirituais — A Mulher e a Igreja* — Porto — Livraria Chardrou, 1922.

(1) *Epistola primeira aos Caríntios, XI-9-*

(2) *Themoteo — 1.ª epi. III 12.*

CRÍTICA

Paço do Milhafre--contos por Vitorino Nemésio.

Dêste livro se diz no prefácio, pela boca de Afonso Lopes Vieira, que só a estreia de Aquilino no Jardim das Tormentas e a de Alberto de Oliveira nas Palavras Loucas se lhe podem igualar.

E após sua leitura bem real me ficou no espírito essa mesma impressão. Ficou ainda mais: a certeza de que alguém surgiu na seara jungada da nossa literatura. Cogitando com vagar no aparecimento dêste homem novo, que construiu um estilo próprio, sugado no dizer popular e nos clássicos e por êle dá vida a seres e coisas de grande e mesquinha vida, descobre-se uma certa compensação para toda a farrapagem que nas montras dos livreros se refastela e sobe. Paço do Milhafre não se pode tomar no sentido banal de primícia literária, abrindo a porta ao que depois há-de vir; é antes o livro duma obra de certeza superior e dentro dela ficará sendo um dos bons, tal como é o Jardim das Tormentas para a obra de Aquilino. Plantado bem fundo numa escola que não é grande nem talvez ofereça largos horizontes, Vitorino Nemésio toma nas suas fileiras, por leal direito de conquista, um lugar que outro não saberia honrar melhor. Essa escola, o regionalismo, até há pouco quasi se resumia às lembranças de menino escritas pelos cansados da vida urbana; hoje tem uma existencia arreigada, e um fim de renovação literária nacional que muito a honra. O regionalismo português estava, a bem dizer, limitado pelas Beiras e vagos traços alentejanos; surge-nos agora dos Açores com um gosto estranho de terra marinha, ondas de água e de calcário. Lendo-o, descortina-se um drama idêntico ao das Terras do Demo, ao Leomil e doutra forma não poderia ser: aqui como lá a rudeza é igual, o fundo de desgraça permanente, lá como aqui a lama tanto se amassa aos pés que por fim se infiltra no corpo e chega à alma. Vive-se da terra e para a terra, a morte transforma-se numa maneira mais perfeita de viver. São estas figuras naturais, curtidas pelo vento e pela fome, lavradas pela chuva e pela angústia, que no Paço do Milhafre nos aparecem tão perfeitamente como vivem na terra e no mar, tão doloridamente como morrem no mar e na terra.

Com facilidade se pode no volume separar a parte regional de composições adventícias, como Antemã, duma forte e scenográfica beleza, com laivos de Fialho; e ainda de regional só tem o aroma aquela narrativa Os Reis Magos, tocada da visão infantil duma avózinha e dum garoto, e a—Célia,—um episódio com finuras de quem o viveu ou desejava passá-lo.

Há que destacar também o estilo da faculdade architectural de narrativa. Em Vitorino Nemésio há um estilo feito e apto a tudo retratar, talvez com mais força descritiva que psicológica. Embala-se no modo brilhante do dizer e de tal forma que certas figuras apenas existem para dar cor e não para marcar estados de espírito; é o que sucede em vários logares da Terra do Bravo, aliás dos bons pedaços do livro. Da leitura, fixa o ouvido uma nota primeira e dela caindo um eco aspero, a dedada roxa da desgraça, um murmúrio doce, o sorriso da ternura.

O valor do livro e do autor está principalmente na prosa e nisso é mestre. Tem um modo ondulado e forte de palavra, diversa da nossa, um jeito sêco e profundo ao terminar o período, como onda que bate em rocha e quebra. Daí, ser a propósito se afirmar na dedicatória que a fala das ilhas é—"laia de mare que se espreguiça"—e tem—"o abafado de tala, martelante.—" E' assim o seu estilo, com um forte travo, talvez—"do sal do mar que pelo caminho lhe deu."—Estamos bem longe da prosa singela e corrente, acessível, parece, a qualquer bicho; esta é toda construída e torneada na ideia e no papel, como certas cadeias de ouro fino que têm o contraste em cada elo; reforça-se, e assim obriga a fixar a atenção para lhe apreender o sentido e por estilizados em refegos duros alguns factos não os segure bem a memória.

Mas a-par disto que facilidade em vincar a figura num traço, em visionar o episódio num só período! Falando do processo da narrativa não será justo chamar a todos os trechos—contos.

Em verdade êsse nome pode aplicar-se à Enganada e a aos Malhados, onde existe uma seqüência natural e o fio do novelo se desdobra sem falhas; o resto são descrições, episódios, vivendo unicamente da fulguração estilística, muitas vezes simples manchas de tinta, como a Alma de Deus. Nota-se ainda que a descrição, em geral, não surge directamente, os eventos aco-

dem á lembrança no meio doutros, nos instantes de cogitação e de silêncio; é ao deitar que a Angelina se lembra o como e quando conheceu o Chorica, é com a morte à beira que o Velinho lança contos e orça os pecados, e é cavando a horta, em jejum, que o José Vieira recorda a má boca do casamento. Mas o que existe do princípio ao fim do livro é o falar nativo do povo composto e muito por um artista, a sua graça tradicional e colorida rimando por vezes, o pique sensual e instintivo de algumas conversas. Para meu gosto o melhor é a Enganada e Os Malhados, qualquer dêles sem falhas e interrupções e no primeiro todo o efeito saindo da triste sorte e mais nada. Não seria possível deixar sem referência a dedicatória, escrita com profunda emoção, com ternura e sangue, como lá se diz.

É aqui está do muito que o livro me fez sentir um pouco sem vida e sem alma. Serão os últimos os primeiros e por isso voltemos ao princípio: é um livro comparável aos melhores para se ler e guardar com amor. Fica-me na estante à mão direita de todos os que eu mais estimo e quero. M. C.

Uma semana de trabalhos manuais--

Nota e esquema das lições dadas pelo prof. da Escola Normal Primária de Coimbra, Alvaro Viana de Lemos, na Escola de Mogafores, a convite de um grupo de professores do círculo da Anadiu nas férias de verão de 1922.

Alma formosa de sonhador posta ao serviço do ensino oficial, o artista e mestre Alvaro de Lemos, é, no meio português, um dos raros nomes de prestígio na arte de educar.

Pedagoga especializada pela Escola de Belas Artes de Bruxelas e nos modernos métodos de trabalho da Escola Alemã, espírito cultíssimo, europeizado, êle não se limita a vulgarizar meros conhecimentos livrescos pela pena ou pela palavra, a pôr em língua portuguesa o que da sua especialidade se vai publicando no estrangeiro.

Actua por si e escreve do que praticamente conhece.

Os esquemas das suas lições, agora vindos a público em edição de um apurado bom gosto, de um esmerado aspecto gráfico, são a melhor promessa da renovação do nosso ensino oficial e da mentalidade, portanto, do professorado português. A. D.

número

1

série

1

PUBLICAÇÃO MENSAL DE:

Afonso Duarte — Agostinho Jorge — Alberto Van Ilcetre de Teles Machado — Angelo César — António de Sousa — Augusto Telo — Branquinho da Fonseca — Campos de Figueiredo — Guilherme Filipe — João Gaspar Simões — Vitorino Nemésio

redacção: rua Dr. João Jacinto, 38

Coimbra

1

abril

1924

tríplico



arte · poesia · crítica

2

Journal of the



of the

2

FLORES DE VIDRO

Só às almas serênas é dado apurar ideas perfeitas.

Em minha canseira, bem árdua, de Artista, não há já desgraçado, por mais abjecto, que eu não tenha tratado.

E' que tem para mim magnético encanto a *especial* música das lágrimas . . .

A sciência mais exacta é ainda a Poesia.

Das mais pequenas coisas, os sucessos mais estranhos. Feri um fósforo na treva e vereis como logo move uma farândola de sombras.

Pior do que uma bisnaga de vitríolo é, para a máscara humana, o pincel do mau pintor.

O Silêncio, a Luz — outras tantas flores do Espaço!

Ancêde. 1924.

VISCONDE DE VILLÁ-MOURA.

A folhinha do salgueiro e a vida das crianças

— Numa festa da Primavera em Coimbra —

«A folhinha do salgueiro
É a primeira novidade.
Quem madruga não alcança,
Que fará quem se ergue tarde!»

Mas conheceis vós esta « primeira novidade », o salgueiro das vergonteadas assustadiças que se baloçam, ao menor vento, debruçadas para as águas do Mondego, ou fachinam os valados das nossas leiras do campo, — o das flores aclamáveis?

Conheceis vós estas varinhas verdes, tão plásticas que se vergam para formar cestos e cabases, ou se esfibram para fazerem os famosos palitos de Lorrão, rendados alguns como filigranas de ourives, esculpidos, em detalhe, com delicadezas de capitel coríntio?

Receio de vós, rapazes e raparigas que me estais ouvindo, e as minhas apreensões calam fundo enquanto me lembrar a mim que, neste passado Outono, levando-vos eu para as aulas algumas fôlhas dos Plátanos que ensombram as nossas ruas, praças e avenidas, — para que as desenhásseis, — muitos de vós, quasi todos, não lhes sabiam o nome.

Quando assim não conheceis as belas árvores de ao pé de casa, que fará das que só de longe podeis ver!

Ah! quem traz os olhos fechados para a Natureza, não saberá abrir o coração para a vida, nem a ternura florirá nas Almas, e toda a palavra sairá seca dos lábios porque nenhuma imagem terá pronúncia de beleza.

Primavera. Crianças. A folhinha do salgueiro é a primeira novidade.

É queis vós saber o que a folhinha do salgueiro representa na vida das crianças? É a página de educação social que ela descreve? É a poesia da imagem que a desenha?

Pois vinde de aí comigo até onde se goza a Primavera, até ao campo, a uma das nossas aldeias das margens do Mondego, agora que a gente de lá vai deixando a vida-das-cheias, a pesca da sertela e da nassa, para se deitar à charrua, que está para começar a lavra do campo que já enxuga, rasgando-o de fundos sulcos — as leivas, — que entorroados pelo sol que as requeima, quando o tempo aperta, são bravias como pragas.

Vamos. Interessa-me muito a vida das crianças e é essa que eu desejo que surpreendeis neste dia de Primavera-festejada:

A vida das crianças e a folhinha do salgueiro.

Atentem bem no quadro: três, quatro ou mais crianças brincam à vida. Alguns cacos de louça fazem de pratos para a comida e de púcaras para o lume. Um pedaço de telha de beiral serve de giga ou cesta para hortaliça. Três pequenos gravetos espetados no chão imitam a trempa. Um naco de lama modela um forno. E o terreno onde brincam está dividido por uns riscos de areia que são as divisões das casas.

— Eis o lar. Eis aqui todo um viver que não muda desde o berço ao túmulo.

Estas crianças não-de ser isto por toda a santa vida:

Uma casa de telha vã, lumegante, onde não há mais mobília do que esta das crianças, — em inteiro, em grande.

E' a cesta de vèrga para ir ao couval, aquele caco para onde a criança colhe dos muros velhos as fôlhas peltadas das chagas, — as couves do seu brincar, e, como assim, dos musgos dos telhados, das sésseis e carnosas fôlhas de musgo, uns pequeninos bagos, cachos, faz o arroz para a cosinhada.

— Arroz dos telhados o povo chama a este musgo!

Está certo. As crianças nunca se enganam.

Mas o lume? o tempero? a carne? o peixe?

Nada lhes sobra mas também nada lhes falta, imitativamente.

Tudo a sua fértil imaginação poética inventa, cria, constrói, a tempo e a horas.

— Agora, vejiam! é uma das pequerruchas que saiu do rancho e volta a apregoar, — com um pregão alto de varina, — indo à cabeça o caco de telha, cheio de fôlhas de salgueiro, — sabem o quê? — um peixe miúdo das valas, a apregoar roubacas!

Quem merca roubacas, compra fôlhas de salgueiro.

Eis o seu desenho! Elas são pisciformes.

Primavera. A folhinha do salgueiro é a primeira novidade.

Coimbra, 22 de março, 1924.

AFONSO DUARTE.

Paço do Milhafre

A beira de água construí meu paço
De rei-saudade das distantes milhas:
Meus olhos, minha bôca eram as ilhas;
Pranto e cantiga andavam no sargaço.

Atlântido, encontrei no meu regaço
Algas, corais — estranhas maravilhas! —
Fiz das gaivotas, minhas próprias filhas;
Tive pulmões nas fibras do mormaço.

Enchi infusas nas salgadas ondas
E oleiro fui que as lágrimas redondas
Por fora fiz de vidro, e dentro, de água.

Rocha brava, se a quis, fingi de Deus:
Nas estrélas afiei os dedos meus
E foi no peito que talhei a frágua.

1922

VITORINO NEMÉSIO

Canção da noite e da chuva

Pesa-me a noite nos ombros,
pulsando o silêncio dorido.
Agora pode gritar
quem quiser ser bem ouvido.

De súbito a chuva cai
sobre a noite, enche-a tôda:
— o meu olhar que se esvai,
e o vento dança de roda.

Água de espelho caída
do céu à Terra, pra lama,
deu-te a grandesa da vida
que fôsses morte da chama.

Prá noite sou mais pequeno
que o coração do meu peito,
do que uma gota de chuva,
um grão de areia desfeito.

E a noite fez-se maior
quando a chuva abriu o céu.
Morria o vento de dor
e rindo chorava eu!

BRANQUINHO DA FONSECA.

Canção

Assim que nasce, brilhando,
A luz macia da lua,
Corro à janela, julgando
Que és tu que passas na rua.

E quando o sol aparece,
A mesma cousa acontece...

Vê lá tu em que anciedade
Viverei por culpa tua
Até que seja verdade
Sêres tu que passas na rua!

1924

JOSÉ BRUGES D'OLIVEIRA

Castanheiros

Que adorável encanto os castanheiros
Sob o ouropel da fôlha e das castanhas
A medrar no recôsto das montanhas
E em volta dos casais pelos outeiros!

Que esplêndidos na linha dos valeiros
E à orla das escarpas entre brenhas,
Lá onde pascem ovelhinhas prenhas,
Ao dolente cantar dos pegureiros!

Porém no outono o ouriço, oh fina graça!
Rasga-se em cruz, oferta-se a quem passa
E fôlha e fruto rola e cai a rodos!

Gado e crianças tudo rói e apanha
E os castanheiros, que lição estranha!
Assim se despem por amor de todos!

JOAQUIM DE ALMEIDA.

As andorinhas

I
As andorinhas que eu tive
ao pé de mim, em redor,
partiram, foram-se embora,
Em busca de mais calor!

II
Andorinhas! Andorinhas!
Para onde iriam elas?...
que nunca mais as ouvi,
ao pé das minhas janelas!

III
É mal o Outono chegou,
— oh tardes do Céu em brasa —
fez-se um silêncio profundo,
nos beirais da minha casa!

IV
Seus ninhos jazem desfeitos!
Inverno! Desolação!
Cheias de frio lá foram...
Quem sabe se voltarão?!...

ALFREDO BROCHADO.

De longe

De longe!... Vejo o fumo do teu lar!
Que alegria não sinto no meu peito!
Transborda nêle todo o teu olhar
à procura do meu triste e desfeito...

Mas que alegria, meu Amor eleito,
não sinto dentro em mim a transbordar!
Que alegria não sinto no meu peito!
De longe!... Vejo o fumo do teu lar!...

Poisarei os meus olhos, longamente
nos teus olhos que há tanto já não via,
no teu rosto de virgem sorridente...

Mas ponho-me a pensar naquele dia
em que de novo ficarei ausente,
e loge-me outra vez tôda a alegria!...

Coimbra, 1923.

LUÍS GUEDES DE OLIVEIRA.

PALAVRAS MORTAS

Dum amigo que morreu, ficaram-me em testamento alguns papéis. Dêles extraio estas palavras que ai vão:

1

«Nunca me encontrei. Se tento ser coerente há uma fôrça que me arrasta consigo não sei para onde e me obriga a perder-me de meus passos. Sou tal a minha sombra fugindo-me eternamente.

Tudo o que escrevo quisera nunca ter escrito porque entendo a criação o maior pecado humano. Conquanto não seja Deus, sou homem: e os homens reúnem em si sua imperfeição e a de Deus.

Quando o Senhor, tomando o barro vil, modelou nossa figura e dentro lhe vasou a alma, devia andar com as mãos bem trôpegas, porquanto não posso conceber que a perfeição crie a imperfeição.

2

Cai a noite sôbre o meu corpo. Sinto-a nos cabelos, tenho-a nos olhos e nos ouvidos e ainda que neste momento nascesse o sol para mim seria noite de tal modo me habituei a não acreditar na sua luz. Abro os olhos e não vejo. Por maior que seja a claridade, o negrume continúa a roçar o meu cabelo; e os olhos são cegos por mais que os abra.

Só na escuridão posso sentir profundante. A luz dispersa-me os sentidos e assombra-me de tal sorte que quasi odeio o sol e chego a andar de olhos fechados durante o dia. Talvez os cegos sejam inteiramente felizes ..

3

A Morte é coisa tão próxima que basta fechar os olhos para logo a ver de encontro a mim. Quando cerro as pálpebras tudo que fica para além delas é treva.

A Vida não existe fora da nossa criatura. Somos nós, homens, que a criamos. Se nossos olhos um dia se fechassem todos no mesmo momento, deixaria de existir o Mundo...

4

Se me encontro só, durante a noite, na escuridão do meu quarto, ouvindo o coração bater de encontro ao peito, penso que, cada pancada que vai dando a mais é uma pancada a menos que haverá de dar.

E o que será um peito sem coração?

5

Somente as árvores conseguem dar-me o sentido da Vida. Enquanto as raízes mergulham na terra já os braços vão entrando no céu.

Eis no que se resume a existência!

6

Esta figura que se senta aqui a meu lado deve ser o fantasma da minha sombra.

Sou em crer que todo o homem é a sombra doutro homem, e, se isso é verdade, porque me não falas? Talvez já pensasses naquilo que procuro para pensar e não encontro, naquilo que está dentro do meu mundo e não consigo achar! Sim; tu sabes que afinal todos os homens são bons, desde o que nos lambe as botas até ao que maliciosamente nos vai trincando o coração pelas costas, e que, mutuamente nos afiguramos bons ou maus, consoante nossos pensamentos são bons ou maus também.

Continuas sentado a meu lado e não me dizes nada. Há momentos em que quisera que falassem, fôsse lá quem fôsse que falasse! Há outros, no entanto, em que desejava todas as bôcas fechadas e só a minha aberta para poder gritar — falem!...

Estás talvez julgando que endoideci? Não! Eu continuo a ser aquela figura que encontras sózinho por essas ruas conversando as pedras e perguntando aos olhos dos que passam: — sabes quem eu sou? Ninguém deixará de pensar o que eu próprio pensarei de mim, porém, só tu continuarás sabendo eternamente o verdadeiro mistério da minha vida, da nossa Vida, Homens!

7

Já que principiei a falar contigo a esta adiantada hora da noite e o sono não me chama embora procure largar a pênna que me tortura e faz dizer o que não devia; já agora, dize-me, porque não poderei saber o motivo da tua presença continua na minha vida? Será que eu não mereça que a tua voz desflora meus ouvidos no silêncio intermimo desta noite, em que se ouve apenas o bater do coração e o tombar monótono da água naquela pedra lá fora ao luar? Porque não respondes?

Continuo a crer que és o fantasma modelado da minha sombra. És, com certeza, a essência da minha sombra...

8

Abro os olhos e não vejo. Porque será que o céu é azul e a água sem cor? Não há nada mais singular do que isto! E, no entretanto, tenho os olhos abertos e a bôca pode gritar bem alto: o céu é azul e a água sem cor!

Vejo e grito. Dos olhos me saem lágrimas, da bôca soluços. E estas lágrimas quem mas pôs nos olhos, e estes soluços quem nos trouxe a bôca?...

Pela cópia — JOÃO GASPAS SIMÕES.

Uma poesia inedita de Gonçalves Crespo

Publicamos hoje uma poesia inédita de Gonçalves Crespo, que devemos, nós e o leitor, à gentileza dos srs. Drs. Bernardino Machado e Lopes d'Oliveira. A sua história é simples: pedida, pelo primeiro, ao autor, para celebração do aniversário de uma criança, como se depreende de sua letra, foi mais tarde oferecida a

Lopes d'Oliveira, por amabilidade de quem hoje nos veio às mãos.

Três oitavas de um correntio lirismo, encima-as no autógrafo de fina letra nervosa uma nota, consagrada a Bernardino Machado, donde se infere o improvisado dos versos através de uma humorada de pitoresca energia. É pena que não fique reproduzida aqui...

Miniaturista delicioso, músico de rimas, Gonçalves Crespo deu ao Parnaso português virtudes novas, aqui e ali de ritmo claro e simples, mais além de muito suaves côres. Com António Feijó perlaz o diptico de iluminadores do verso; e é bom, agora que os dois são mortos, que a nossa lembrança em louvor de ambos se acenda e assim perdure.

Dous annos só, que ventura!
Folga e ri, linda creança!
Eu vejo tanta esperança
Na tua vida em botão!
Para ti ha só aromas
N'este pantano da vida,
Sobre o teu leito, querida,
Solta risos a illusão.

Folga e ri, linda creança,
Quando tu fores maior
Talvez que julgues melhor
A infancia que desmaiou.
É que a tua alma de moça
Ferida pela amargura
Queira voltar à ventura
Que para sempre passou.

Passa a ventura depressa,
Como o sol, como a alvorada,
Como a nota enamorada,
Que o echo repete alem.
O que nunca desapareça,
É essa doce lembrança
Que tu deves ter, creança,
Dos beijos de tua mãe.

Páginas Alentejanas

por Augusto Picão Telo

A voz do abegão, potente como um estrondo no silêncio encantado da campina, diz do meio das sombras da madrugada o clássico —Vá de agarrar!— e minutos depois, quando o sol mostra a cara envergonhada por cima dos cabeços, já a ganharia atrás dos arados deixou os colóquios do caminho, para se dedicar de alma e coração à faina da lavoira.

E volta acima, volta abaixo, rasgando o campo do alto ao fundo, parando classicamente no começo e fim de cada rêgo, do sol nado ao sol pôsto, a lavoira continua seu incidente de monta, como labuta sagrada que nada pode interromper.

Atrás dos ganhões, saltitantes, quasi imponderáveis, as alvéolas ou levandiscas põem uma nota alegre e distractiva na monotonia do trabalho.

As aziñheiras ramalhudas, velhas, perpétuas companheiras da planície, lembram na sua atitude de estáticas a segura garantia do carinho dos manes e enquanto o ventre da terra vai sendo rasgado à lanceta do arado, filosofam elas na sua quietude patriarcal, cogitando com gravidade e recolhimento no mistério da vida que lhes corre o corpo.

Mais ao lado, nas belgas já lavradas e gradadas, o sementeiro com o saco do trigo preso ao ombro e tomando-o na mão esquerda, como um vivo bronze hierático, caminha lépido, de baixo ao cimo das torças, atirando para ambos os lados, a gestos ritmados de curva, os punhados de grão, num mecanismo todo sapiente que não falha.

O campo então lembra-me as almas e o sementeiro um espírito bemfazejo que as vai fecundando, numa sementeira de esperanças.

Mais em cima, a meio do tecto do céu, as nuvens vão correndo impelidas pelo hálito de Deus, para de espaço a espaço largarem sobre a Terra a chuva fecundante e miúdinha, como uma poalha finíssima de lágrimas desfeitas.

Ao largo, em grupos de três e quatro, atarelados, sófregos, grasnando tagarelas, andam os corvos crocitando à procura de sementes perdidas.

A' tardinha, pela boca da noite, o abegão larga a voz — Ferra! — que é de praxe velha e dão-se por findos os trabalhos do dia.

E então os pachorrentos bois já sótos, dirigem-se para a pastagem, enquanto a ganharia regressa ao monte.

.....
E quando os ganhões chegam de volta, a planície retoma o seu habitual silêncio.

Parece então que das coisas mortas se evola uma alma subtil, um perfume de paz que nos pêneira e que cheio de união religiosa nos faz pensar na dor resignada das coisas do Universo e nos toca e nos impregna dum suave encantamento todo feito de pureza e doçura.

Dentro em pouco tudo repousa: as coisas, os animais, os homens.

Quando muito, se a tarde é amena e lépida apenas fica desperta encostada ao peitoril duma janela a filha do lavrador, dezoito anos de carne, primavera cheia de cio, que de olhos vagos locando os longes parece interrogar as sombras do montado, tãda absorta e penetrada de um forte sensualismo que mal desperta e é logo torrente impetuosa que nada pode deter.

Passados instantes, o espírito do silêncio toca até ao âmago e ao fundo das suas fontes as vozes das coisas. Tudo se cala.

Poder-se-iam ouvir nessa transparência aérea, as vozes extintas dos pastores que tivessem ecoado há mil anos ou mais.

E então a planície deserta é como um vasto oceano de escuridão, ou como os subterrâneos do mundo das trevas.

Depois, de hora a hora, a campina amortece, dilui e dissolve em si numa precisão espantosa de periodicidade, as vozes dos galos que de pé nos poleiros se espertinam uns aos outros pela noite adiante, para que não percam na morte aparente do sono as poucas horas de vida, que a natureza lhes concedeu.

De vez em quando a presença incómoda de um maltês que se avizinha a passos cautelosos de raposa, desperta e põe de atalaia os rafeiros dedicados; e mal ele se aproxima mais, é então uma orquestra desafinada de regougos resmungantes, de uma instrumentação profusa de sons conflituosos, onde os há desde as notas de requinta de um esgrouviado canicalho de portas a dentro, até às graves de bombo, dos mastins do gado.

Outras vezes começa a vir das bandas do Pego, ao princípio em carícias leves e por fim em tormenta tresloucada um enxurro de vento que tudo assola e que rebenta as arvores pela raiz com estrondo retumbante.

Dir-se-ia que milhões de titans alados voam pelo ar numa galopada de fúria, acotovelando-se com frenesi.

Se um segundo se ouvem menos é para tomarem fôlego aos sorvos

violentos e em seguida podem retomar o desfreado golpe.

E o espectáculo dá-me a ideia de que esquadrões sobre esquadrões, se vão despedaçando num remoinho formidável de encontro às barreiras firmes, inexpugnáveis e maciças de uma potente barbacã.

Depois abranda; assemelha-se com o destrogar estenuado, exausto, das hostes que se foram esclacelando.

Por fim tudo volta à quietação.

Erra sobre a planície o espírito maligno da noite. A treva tece um manto de malfícios e de mêdos que nos deforma os contornos das coisas e no-las transfigura em terrificantes monstros apocalípticos.

Pesa sobre as ramarias um ar de quebranto e sono.

Entanto, no ventre ubérrimo da terra vão-se desenrolando aos milímetros as tragédias sacrossantas dos partos dos trigos.

A manhã põe-se de marcha lá para as bandas do oriente; e após a batalha muda que tãda a noite se deram a luz e a treva, o espírito gladiador do dia, olímpico e forte, alevanta de uma arancado herculeo, para cima dos lábios do chão o disco incendiado do sol.

Ei-lo que aponta; é umromeiro infatigável que não acerta com a sua Jerusa'ém e que teima em vir todos os dias retomar a mesma estrada e dar a salvação a tudo que topa sob o seu caminho. É esse mesmo espírito vencedor e heróico reconeça então a escrever em cada manhã um novo poema épico, servindo-se das mil penas dos raios do sol. E ao mesmo tempo que ele alinhava a sua primeira estrofe, rompe triunfal para o azul a rapsódia apotrótica e cristã do dilúculo. A natureza sedenta bebe o leite de luz vindo do seio inexgotável de Deus e agradecida reenvia-lho feito em orvalho, a correr como lágrimas pelas faces das fôlhas.

As águas das fontes e dos ribeiros que durante a noite arrastaram gemendo o canto elegiaco e soluçante das suas saúdades, cantam agora a alegria da luz, de montes para vales, desde a montanha ao mar.

E' manhã.

Suponde a alma clara de uma virgem de dezoito anos, a ser iluminada pelos divinos esplendores da paz da consciência e tereis o espectáculo da pura claridade de minha terra, à hora criadora do Sol-nado.

(Do livro *Evocações Alentejanas* a sair brevemente).

OS VERSOS DE AFONSO MOTA GUEDES

A redação do « Triptico », desejando publicar os versos do malogrado Poeta que aos 22 anos, frequentando o quinto ano de Direito, abandonou Coimbra, deixando colaboração na « Rajada » e « Dionísios » onde se firmou como uma das mais belas e sádias sensibilidades da sua geração, e que misteriosamente a loucura emudeceu para sempre, pede a todos os seus antigos companheiros os versos que por ventura dele conheçam ainda não publicados.

Ao Senhor António Boto pedimos já vénia para dar como pertencendo a Afonso Mota Guedes a quadra do vilancete primeiro do seu livro « Motivos de Belesa ».

« O poeta que nos encantára é hoje uma sombra que fa medo; informa-nos Teixeira de Pascoais.

« Passa dias e noites num cemitério, sem comer, nem dormir, preso a quatro palmos de terra: o tumulto da mãe. Há pouco ainda os camponeses da aldeia, acompanhavam um defunto ao cemitério. Mal atravessaram o lugubre portal, fugiram, vendo erguer-se duma cova a figura inesperada do Poeta.

« É um fantasma que faz medo. Perdeu a aparência, relêvo humano, o contacto com os outros. É só alma, é alma extrema afinada até à loucura, absorta na dor até à petrificação indiferente.

Aleluia — versos de Angelo César — Coimbra Editora, Limitada.

É coisa assente pelos sábios que a arte do pensamento na sua mais bela expressão escolhe com indiferença a prosa ou o verso. Daí a injustiça de certo escritor afirmando que amava um cão porque este desamava os poetas. Em verdade, todos nós compreendemos e melhor sentimos o que somos capazes de realizar ou ambicionamos e por isso não espanta que os meus poetas favoritos escrevam quasi sempre em prosa... Defeito, por certo, de sensibilidade ou inteligência, já agora irremediável. Tudo isto é prologo pouco amavel mas verdadeiro para falar dum poeta. Esta Aleluia, que appareceu, ao invéz das outras, antes das trévas, procede, o que mais admira, o Evangelho, a Boa Nova... Em cada trecho, mesmo em cada verso, ha a confissão duma attitude humana e humilde repassando as canções, os sonetos, as quadras, tal e qual a agua viva dos prados, a alumiar por entre a herva. Essa attitude manifestara-se já e com nitidez, no primeiro livro; era um animismo panteista e doloroso; na Aleluia esse animismo a modos se restringe e exacerba numa particular entidade, as coisas largamente compreendidas são agora vistas através dum principio dominante. Evolução, afinal. Quasi todos os aspectos característicos da Boa Nova transmigraram, com mais perfeição e amor, para este novo livro: a résa das fontes e pinheiros, a mansidão das ovelhas. Alguns houve, contudo, que por estarem fóra da puresa mística requerida, foram banidos ou naturalmente desapareceram: Medievo, onde ha seios nus e o corpo dum pagem. Para os tísicos em que a tosse é abafada e o brilho dos olhos amortece, Outono duma tristeza fria e desesperadora. Olhando de alto e desprezando os relevos miudos, consegue-se distinguir duas correntes que, sem serem opostas, nem por isso menos se diferenciam: dum lado, a compreensão idealista da natureza, animada por um principio geral de simpatia e solidariedade; do outro, a tendencia para os temas mais restritos, episodicos, da vida episodica e vulgar. A primeira modalidade está paredes meias com certa poesia de Correia de Oliveira e Pascoals; a segunda é mais variada em cultores, podendo ir de João de Deus a Fr. Agostinho da Cruz e Diogo Bernardes. Mas em todo o verso Angelo Cesar apõe o sinal característico da sua individualidade, a ternura moça de quem

muilo sente, junta à tristeza de quem olha o mundo. Na fala surda dos pinheiros, na rudeza agreste dos penedos, até aí existe a dor, porque o artista como os pinheiros, é poeta e sê-lo

É sentir a vossa magua,
É ter na voz flos de água
Que vem do seio da terra...

A noite dá-lhe alucinações, lembra-lhe uma viuva debruçada sobre o campo, e como ainda hesita, veste de negro a descrição, põe escuro em palavras rastreadas com luar:

Chorei sobre o meu tinteiro
E a tinta ficou mais preta...

O conhecimento da humanidade traze-lhe a certeza da aridez e grosseria das almas hodiernas, pois que se Jesus voltasse agora á terra, seria despresado e escarnecido. Isso mesmo tem dito muita gente, Junqueiro, sem ir mais longe. O livro é mantido por um sólido e pensado equilibrio, composto sob certo plano e com um fim previsto, que se o faz perder em exuberancia de composição o torna mais valioso pela certeza e formosura dum caminho nunca abandonado: Pulsa como sangue um ideal de pureza e amor, uma casa branca e só, o amor do simples e bom será das pedras, alisadas pelos beijos, do choro das aguas, das estrelas o guiam magos como os rafeiros aos cegos no caminho degradado. Muito de simpatia de Angelo de Cesar é a fluidez e dinamismo vital das coisas, dos seres e pensamentos. Sentou-se á beira do rio da vida, a vê-la passar; não pendurou a lira nos salgueiros da margem para que o veno a fizesse gemer, mas sofreu a dorida influencia de assistir á morte do que é, molificado e desfeito pelas lagrimas. E é da humidade vaporosa e clara desse rio, onde, como diz Heráclito, se não desce duas vezes, que as paginas do livro estão embebidas, assim claras, macias e tristes como um casulo de nevoa desgarrada. As figuras do povo, a gente baixa que ali fala e sente, são figuras mais idealizadas que vistas: representam apenas estados varios da sua alma, attitudes de perfeição e religiosidade, bem distantes do naturalismo grosseiro, ás vezes simples e profundo, mas que é sempre a realidade. Mostram-se como concepções de base numa impressão desejada, impressão que logo se subjectiva e torna íntima. Saem um tanto fora desta regra as Saudades da minha aldeia.

A forma do periodo é simples, clara e propria, mais cheia de brandura, empregando talvez com demasiada profusão os diminutivos; algu-

mas imagens, por se ajustarem com precisão ao seu modo de ser, repetem-se, com certo exagero, dando um tom levemente monótono que a outros parecerá artificio de bem exprimir o encoberto. É, de resto, a unica coisa que se não coaduna com o meu pensar. Será porventura um defeito?... Não escolhendo, quero destacar entre o que mais me agradou as Cantigas para os pobres, a Canção das fontes, e os tres sonetos Fogueira pastoril, Inverno e Saudades da tua vóz. Ao terminar confesso que Aleluia é um livro que, mesmo sem o reclamo doutros, nada inveja aos de Alves Martins ou Americo Durão, um livro de alto lirismo, cheio da graça todo espirito de certas pinturas que ainda hoje se veem nas catacumbas de Roma. Para o ideal que a sua anciedade busca, de joelhos e com olhos brilhantes, ficam bem com a sintese, na vida e na morte, estas palavras gravadas sobre o túmulo Caesidius Fqustinus: Bonae animae in pace.

M. C.

Horas de Combate — por Guerra Junqueiro — com um prefacio de Mayer Garção — Porto, Livraria Chardron — 1924.

Agora que Junqueiro vive apenas na gloria da sua obra, é consolador evocar tudo quanto o seu genio criou. E as palavras que o livro, ha dias publicado, regista, são, além de jurgações de um grande espirito, actos representativos de grande coragem cívica e valor moral inconsciente.

Entre eles notaremos o discurso lido em 1897, em comicio publico, onde Junqueiro definiu, bem claramente, o seu ideal político, sem que o filosofo, o pensador esquecesse outro maior — o ideal humano.

Belas são igualmente as palavras ditas pelo grande Poeta no tribunal que, em Abril de 1907, o julgou em virtude de afirmações produzidas em manifesto á cidade do Porto, que a justiça desse tempo julgou ofensivos da pessoa do Rei D. Carlos.

Para honra dos juizes que constituíam esse tribunal, devemos informar que o Poeta foi condenado sim, mas apenas pecuniariamente.

Outros factos assinala ainda o livro, factos que, tendo impressionado vivamente a opinião pública, convem lembrar ás novas gerações, que os desconhecem ou os conhecem ás avessas.

T. da F.

número	PUBLICAÇÃO MENSAL DE:	Coimbra
2	Afonso Duarte — Agostinho Jorge — Alberto Van Noortre de Teles Machiado — Angelo César — António de Sousa — Augusto Telo — Branquinho da Fonseca — Campos de Figueiredo — Guilherme Filipe — João Gaspar Simões — Vitorino Nemésio	1
série		maio
1	redacção: rua Dr. João Jacinto, 38	1924

Além da — revista de Angola
e de — Colômbia

Além da — revista de Angola e de — Colômbia. Este trabalho apresenta uma análise crítica da situação política e social em Angola e Colômbia. O autor discute o papel da imprensa e a influência da cultura estrangeira. O texto aborda temas como a luta pela independência, a corrupção e a desigualdade social. A linguagem é acadêmica e detalhada, com referências a eventos históricos e literários. O autor conclui que a transformação social depende da participação ativa da população e da imprensa.

Além da — revista de Angola e de — Colômbia

Além da — revista de Angola e de — Colômbia. Este trabalho apresenta uma análise crítica da situação política e social em Angola e Colômbia. O autor discute o papel da imprensa e a influência da cultura estrangeira. O texto aborda temas como a luta pela independência, a corrupção e a desigualdade social. A linguagem é acadêmica e detalhada, com referências a eventos históricos e literários. O autor conclui que a transformação social depende da participação ativa da população e da imprensa.

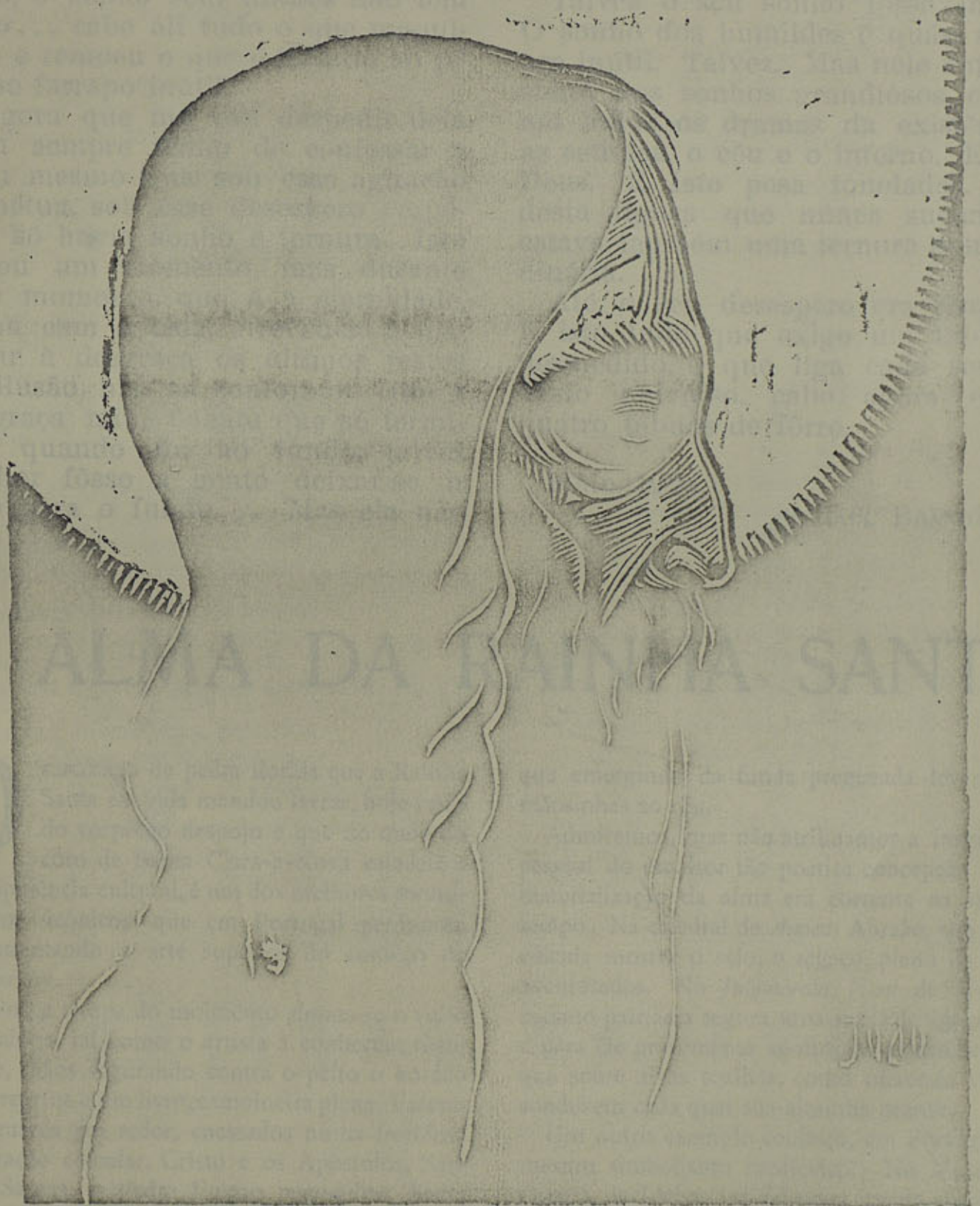
Além da — revista de Angola e de — Colômbia

Além da — revista de Angola e de — Colômbia. Este trabalho apresenta uma análise crítica da situação política e social em Angola e Colômbia. O autor discute o papel da imprensa e a influência da cultura estrangeira. O texto aborda temas como a luta pela independência, a corrupção e a desigualdade social. A linguagem é acadêmica e detalhada, com referências a eventos históricos e literários. O autor conclui que a transformação social depende da participação ativa da população e da imprensa.

Colômbia
Ano 1
Número 2
Série 1
Publicação Anual de:
Além da — revista de Angola e de — Colômbia
de José Ribeiro — Angola e de José
Augusto Telo — Departamento de Filosofia — Universidade
Federal do Rio de Janeiro — Rio de Janeiro, Brasil
Wladimir Neves
Redação: rua Dr. João Juchato, 22

*Vila de ...
Alu: ...
Junho*

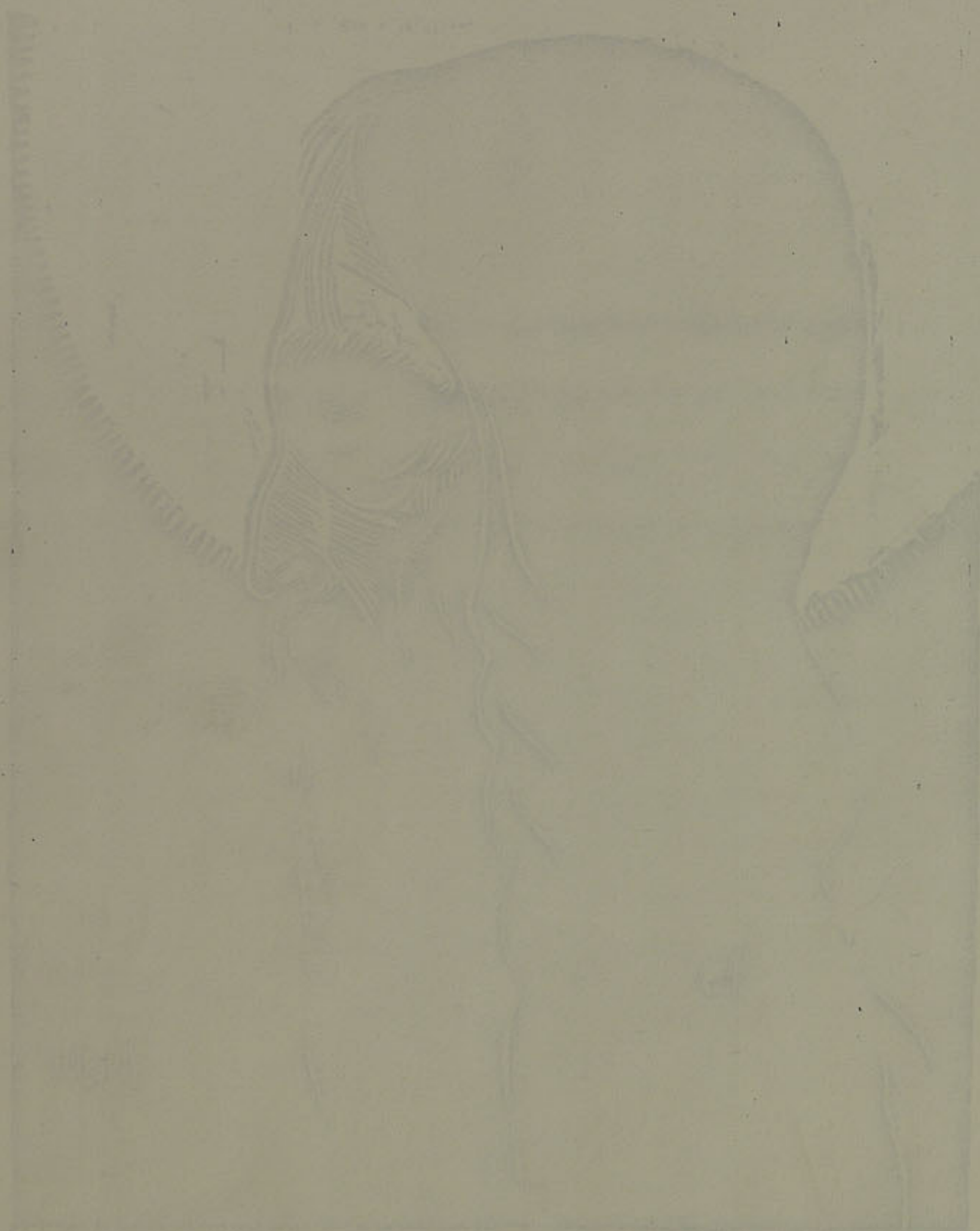
tríptico



S. João Baptista gravado por João Carlos

arte - poesia - crítica

3



6. J. J. Schachtel's portrait of John Galt

arte = poesia = critica

A M O R T A

... **E** tudo isto cabe dentro dum caixão de passarinho! Cabem os dias e as noites, os monólogos infundáveis; cabe a ternura e a dor, cabem tôdas as construções imaginárias que nos sustentam.

A vida que é tão grande não tem pêso, o sonho sem limites não tem pêso... cabe ali tudo o que maquinou e remoeu e que é infinito ao pé dêsse farrapo inútil.

Agora que me vou despedir dela para sempre tenho de confessar a mim mesmo que sob essa agitação perpétua, sob êsse desespero perpétuo, só havia sonho e ternura. Isto durou um momento, mas durante êsse momento, que é a eternidade, arcou com a vida, atreveu-se a disputar à desgraça os últimos restos de ilusão, não se conformou com a desgraça num debate que só terminou quando foi ao fundo, talvez melhor fôsse a gente deixar-se ir logo para o fundo... Mas ela não

pôde: tinha de defender a vida dos seus e defendeu-a até cair amachucada por aquelas mãos de ferro que não perdoam nem quebram. Tinha de defender o seu sonho, e defendeu-o até tombar exausta, combatendo pela vida viva que nos acompanha até ao túmulo.

Talvez o seu sonho fôsse inútil. O sonho dos humildes é quási sempre inútil. Talvez. Mas nêle entram como nos sonhos grandiosos, como em todos os dramas da existência, as estrêlas, o céu e o inferno. Entra Deus. E isto pesa toneladas. No desta figura que nunca sucumbiu estava também uma ternura extraordinária.

Até o seu desespero era ternura. E isto tudo que exige um tablado desmedido, e que liga cada ser ao vasto universo, cabe agora entre quatro tábuas de fôrro.

Maio, 1924.

RAÚL BRANDÃO.

A ALMA DA RAINHA SANTA

O sarcófago de pedra florida que a Rainha Santa em vida mandou lavrar, hoje vazio do corpóreo despojo e que no meio do côro de Santa Clara-a-Nova estadeia a sua opulência cultural, é um dos melhores monumentos icônicos que em Portugal perduram, documentando a arte superior do comêço do século xiv.

Sobre a tampa do moimento alonga-se o vulto da Rainha, tal como o artista a conheceu, rôsto suave, mãos segurando contra o peito o bordão de peregrina e um livro, esmolneira plena. Fazem-lhe guarda em redor, encasados numa frondosa decoração edicular, Cristo e os Apóstolos; Santos, Santas, o Padre Eterno pequenino, Santa Maria, as figurações simbólicas dos Evangelistas.

Nada esqueceu ao escultor entre o que poderia agradar a sua real ama, na lavoura do cofre tumular.

Nem a alma!

Sobre o reverso do docelête rendilhado que protege a cabeça da Santa um anjo de asas altas e abertas conduz em toalha tufada a alma da Rainha, uma alminha nua, pequena e impúbere,

que emergindo da funda pregueada levanta as mãosinhas ao céu.

Admiremos, mas não atribuamos a inspiração pessoal do escultor tão poética concepção. Esta materialização da alma era corrente na arte do tempo. Na catedral de Amiens Abraão, sob a sua edícula mostra o seio, o regaço, pleno de bem-aventurados. No *Julgamento Final* de Reims o mesmo patriarca segura uma abada de figurinhas, e para êle gravemente se dirigem quatro serafins que sobre alvas toalhas, como oferenda votiva, conduzem cada qual sua alminha orante.

Um outro exemplo conheço, em Portugal, do mesmo simbolismo mediévico. No Museu do Carmo, de Lisboa, na primeira capela absidal do lado da Epístola, encontra-se um sarcófago de grandes dimensões, cujas largas edículas, figuras e decorações foram evidentemente copiadas do túmulo de D. Diniz que está em Odivelas. O baldaquino ornamental da figura jacente, um varão de sangue real ainda não identificado, mostra restos de uma figuração idêntica.

Carta de longe

A minha mulher

Minha adorada mulher
Aqui vão em duas linhas,
As saudades que adivinhas:
— Tantas que nem sei dizer!...

Ando por terras estranhas,
Longe do meu Portugal;
— Atravessei rio e val',
Terra chã e altas montanhas;

Mas onde quer que passei
Senti-me sempre sózinho:
— Lembrei-me sempre do ninho,
Da rôla que lá deixei!

Este sol, que me alumia,
É triste, nem dá calor;
Não é como o teu amor,
Que é sol de noite e de dia:

O Céu é mais desmaiado
E assim a modos de estranho;
Inda não vi um rebanho,
Nem um pastor de cajado!...

Moro á beira dum lago
De águas mansas como escravas:

— Antes quero as ondas bravas
Do mar que nos olhos trago!

No pálio que se descerra,
De tanta côr, às tardinhas,
Eu procuro as andorinhas,
Que vêm da minha terra.

E as andorinhas amigas,
Nas curvas que vão traçando,
Parece que estão marcando
Voltas das nossas cantigas!

Adeus, minha companheira
Das minhas dores e alegrias!
— Agora, e todos os dias,
Seja Deus á tua beira:

E lá do alto do Céu
Te dê graça ao teu desejo!...

— Mando-te a alma num beijo
Do teu António, só teu! —

Pörtchasch-am-See, Junho de 1923.

Musicado por António Mesano.

ANTÓNIO DE SOUSA.

Rosas e cantigas

Eu hei-de despedir-me desta lida
¿Rosas? ¿Árvores! ¿hei-de abrir-vos covas
E deixar-vos ainda quando novas?
Eu posso lá morrer, ¿terra florida!

A palavra de adeus é a mais sentida
Dêste meu coração cheio de trovas.
¿Só bens me dê o Céu! eu tenho provas
Que não há bem que pague o desta vida.

E os cravos, manjerico, e limonête,
Oh, que perfume dão às raparigas,
Que lindos são nos seios do corpête.

Como és, nuvem dos céus, água do mar,
Flores que eu trato, rosas e cantigas,
Cá, do outro mundo, me fareis voltar.

Maio de 1924.

AFONSO DUARTE.

Rei

Quatro paredes brancas, sob um alto
Tecto de estuque liso em alva cal,
Onde a luz dum candieiro de metal
Põe reflexos nocturnos de cobalto,

Eis o meu quarto! — o templo nupcial
Do mais sagrado culto em que te exalto,
Aonde os corações batem mais alto,
P'ra que só dentro dêles o Amor fale.

Nesta hora serena em que me deito,
E reclino a cabeça no teu peito,
Doce como a carícia duma asa,

Sinto-me mais alegre e mais feliz
Do que se fôsse rei do meu País:
Pois sou Senhor e Rei na minha casa!

CAMPOS DE FIGUEIREDO.

Cantigas ao vento

Quem fez a alvura do dia,
Faria a noite também?
Quem fez a nossa alegria,
Fez a tristeza de alguém?

Quem fez a noite de estrêlas,
Que os navios vão seguindo,
Faria as grandes procelas,
As ondas do mar rugindo?

Quem fez o meu Portugal
Faria o deserto imenso?
Quem fez as almas do mal,
Faria o céu em que eu penso?

Quem fez os astros da altura,
Faria os corvos e as feras?
Abandona a criatura
Quem fez a luz das esferas?

Quem fez a paz do meu lar
Fez as horas ltuosas?
Quem fez as algas do mar,
Faria os cravos e as rosas?

Quem dá vida às nossas vidas,
Será quem nos fecha os olhos?
E quem fez as margaridas,
Faria os negros restolhos?

Quem fez a alvura da lâ,
Faria os lóbos dos montes?
Quem fez o alvor da manhã,
Fez os negros horisontes?

Quem fez a minha tristeza
Deu-me a Fé que me conduz?
— Quem fez a nossa rudeza,
Fez o Amor de Jesus?

Porto, Maio de 1924.

ANGELO CÉSAR.

Carta de longe

A minha mulher

— Antes que eu te veja
 Já me dá um gosto
 No peito que se desce
 De tanto que te vejo
 E os meus olhos se abrem
 Para ver a tua face
 E os meus braços se abrem
 Para te abraçar
 E os meus lábios se abrem
 Para te beijar
 E os meus pés se abrem
 Para te abraçar
 E os meus olhos se abrem
 Para te ver
 E os meus braços se abrem
 Para te abraçar
 E os meus lábios se abrem
 Para te beijar
 E os meus pés se abrem
 Para te abraçar

Minha esposa minha
 Aquele vulto em duas linhas
 As palavras que se abrem
 — Tantas que não sei dizer
 Ando por terras estranhas
 Longe do meu Portugal
 — Anos se vão e vai
 Terra chã e altas montanhas
 Mas onde quer que passei
 Senti-me sempre sozinho
 — Lembrando-me sempre do ninho
 Da mãe que lá nasceu
 Lá se vai, não me abram
 É triste, sem de calor
 Não é como o teu amor
 Que é sol de noite e de dia
 O céu é mais desolado
 E assim a minha de estranhas
 Não há vias ao teu lado
 Nem um pastor de capado
 Moro a pedir dum lago
 De águas doces como escuro

R e i

Entre tantas coisas
 Que me vêm ao coração
 Não há uma que me lembre
 De ti, minha esposa
 Quando eu estou longe
 E sinto a tua falta
 E os meus olhos se abrem
 Para te ver
 E os meus braços se abrem
 Para te abraçar
 E os meus lábios se abrem
 Para te beijar
 E os meus pés se abrem
 Para te abraçar

Rosas e cantigas

Eu hei de lembrar-me
 De ti, minha esposa
 Quando eu estou longe
 E sinto a tua falta
 E os meus olhos se abrem
 Para te ver
 E os meus braços se abrem
 Para te abraçar
 E os meus lábios se abrem
 Para te beijar
 E os meus pés se abrem
 Para te abraçar

Cantigas do vento

Quando o vento sopra
 E os meus olhos se abrem
 Para te ver
 E os meus braços se abrem
 Para te abraçar
 E os meus lábios se abrem
 Para te beijar
 E os meus pés se abrem
 Para te abraçar

Quando o vento sopra
 E os meus olhos se abrem
 Para te ver
 E os meus braços se abrem
 Para te abraçar
 E os meus lábios se abrem
 Para te beijar
 E os meus pés se abrem
 Para te abraçar

Quando o vento sopra
 E os meus olhos se abrem
 Para te ver
 E os meus braços se abrem
 Para te abraçar
 E os meus lábios se abrem
 Para te beijar
 E os meus pés se abrem
 Para te abraçar

Quando o vento sopra
 E os meus olhos se abrem
 Para te ver
 E os meus braços se abrem
 Para te abraçar
 E os meus lábios se abrem
 Para te beijar
 E os meus pés se abrem
 Para te abraçar

MONÓLOGO NAS TREVAS

“**E**stou aqui só, às escuras, num canto, roendo as mãos como um velho maniaco, chorando baixo como uma mulher abandonada. Todos se foram, porque lhes disse a verdade. A verdade é um manjar muito amargo. Todos se foram. Estou só. Os galhos das árvores estalam no pomar. A lâmpada não tem azeite. As flores murcharam na minha jarra. A chuva entrou pelas telhas, e cai-me gota a gota nos cabelos. Desde pequenino que eu mentia! O meu instante de não poder mais havia de chegar. Eles se consolarão: Essa mulher que dormia a meu lado, ainda é bela e moça. Encontrará outro que a tome nos braços, e se deite ao lado dela. Os meus amigos têm outros amigos. A minha mãe tem mais filhos. Só eu não tenho mais ninguém, porque não quero mentir mais. Diante de mim, só há um deserto. A meio do deserto, uma cova. Sobre o deserto e a cova, o silêncio. Para quebrar o silêncio, um só ruído: o baque dum corpo. Mais nenhum. Nem o dum grito sem eco. Há muitos anos que vivo, esgotei os gritos e as palavras. Já não sei mais mentiras. E agora, também já não sei mais verdades. A verdade é simples — diz-se depressa. O que demora é a chegar-lhe. Tudo o que é belo é assim: Quanto sangue pisado não custa uma virgindade? Quanta mentira amassada não custa um sonho? Quanta insistência na cegueira não custa uma fé? No entanto, um gesto desflorará aquela virgindade. Um ar de vento levará aquele sonho. Um lampejo escurecerá aquela certeza. Em tres frases, eu disse todas as minhas verdades. A minha mãe, disse: « Nunca te conheci por mãe! » A minha mulher, disse: « Nunca te senti minha! » E disse aos meus amigos: « Vós nunca fostes meus amigos! » Estou a ver a cara deles. Cheguei a divertir-me, e cheguei a desesperar-me; mas palavra que me sentia num trôno, e posto acima da minha própria humanidade. Oh! como os homens fazem dó! Enchem a boca de verdade, erguem estatuas à verdade, e matam-se pela verdade. Mas a verdade chega, nua e horrível como é. E os homens fogem, espantam-se ou indignam-se como diante duma coisa monstruosa. Cobardes, por-

que quereis fingir de valentes? O que custa não é morrer pela verdade, é viver com a verdade. Sim, estou a ver a vossa cara: Mãesinha, com que grandes olhos me fitavas! Deixa-me beijar-te os pés, mas deixa-me dizer-te a verdade: Tu não tens culpa, mas eu nunca te senti minha mãe. Se tu nunca me sentiste teu filho!... Como tu torcias os braços, pobre mulher que eu possuí virgem! Deixa-me apertar-te ainda, mas deixa-me dizer-te a verdade: Tu nunca foste minha, porque nunca me escolheste entre todos. Trouxeram-te para o meu leito, e foi por isso que ficastes a dormir nêle. Deste-te a mim como te darias a outro. O assombro com que me ouvieis, vós que vos julgastes meus amigos! Tomai ainda estas mãos, mas deixai-me dizer-vos a verdade: Vós nunca andastes comigo — por mim. Eu era inteligente, e talvez mais interessante que a maioria. Despertei a vossa curiosidade, e vós achastes que eu-vos poderia entreter. Seguistes-me, e habituastes-vos a mim. Isso é ser meu amigo? Eu não tenho mãe, nem mulher, nem amigos. Como os poderia ter? Eu sou orgulhoso, concentrado, selvagem, cheio de alcapões e de contrastes — tão egoísta que não vejo o mundo senão dentro de mim. Depois, compreendo muitas coisas que é preciso não compreender. A ternura foge desta espécie de criaturas. O que até aqui me permitia conviver convôscos, era isto: Eu mentia, vós menteis, e todos nós nos fingíamos enganados. Bateu a hora de caírem as máscaras. Depois de vos ter falado, eu voltei-me para mim próprio. E gritei, batendo na cabeça com as mãos fechadas para que as palavras me caíssem dentro como pedras: « Tu não és desta vida! Tu não és desta vida! Tu não és desta vida! » Porque a única verdade é esta, as outras são consequências dela. Bem eu fiz tudo para a repelir, ela foi mais forte do que eu. Por isso estou aqui só, às escuras, num canto, roendo as mãos como um velho maniaco, chorando baixo como uma mulher abandonada. Diante de mim há um deserto, com uma cova no meio, o silêncio por cima. Eu espero o último ruído que me resta: o baque dum corpo. »

José Régio.

o caminho

Entre a multidão havia um homem a quem chamaram Louco...

.....
Todas as manhãs a multidão passava ao longo do caminho, entre os dois muros muito altos.

Ninguém entre a multidão pensava já nos muros, visto o caminho entre os muros ser já um velho Hábito para a multidão.

Um dia, um Homem, destacou-se da multidão e subiu acima de um dos muros para ver.

E viu campos e casas, árvores tão lindas e gente que nunca tinha visto, pois os muros tudo escondiam.

Chamou mesmo de cima do muro a Multidão e disse-lhe:

— Por detrás destes muros há lindas casas e lindos campos, velhas árvores e outras gentes, e vocês nunca os viram...

A multidão entreolhou-se desconfiando.

— Venham ver, dizia o Homem, que até há um outro caminho mais lindo do que este para nós passarmos todos...

A multidão voltou as caras e seguiu sempre, todos os dias, por entre os muros, muito altos...

E desde esse dia o Homem seguia sempre o outro caminho, o seu caminho, como ele dizia, feliz, da banda de lá dos muros.

.....
Entre a multidão havia um homem a quem chamaram Louco...

ALBERTO VAN HOERTRE DE TELLES-MACHADO,

DISTRO

Evocação de São Marcos

Eu tenho pelas velhas pedras, pelos velhos monumentos do meu país, uma grande, uma funda, uma enternecida veneração.

E' que esses monumentos, — castelos, catedrais, igrejas, túmulos, sarcófagos, — quando nêles poisam amorosamente os meus olhos, evocam-me um passado de grandeza e de elevação moral, revelam-me a alma sonhadora e heróica da minha raça, a caminho dum Além espiritual, — construindo uma Pátria sobre o duplo alicerce da Fé e da Honra.

Tenho por esses velhos monumentos, amorosamente cobertos da patine dos séculos, uma comovida ternura, porque junto deles o meu espirito e o meu coração têm sonhado os seus mais belos sonhos de força, de grandeza e de perfeição.

Amo essas velhas pedras porque elas têm dado à minha inteligência e ao meu sonho as melhores horas de refúgio da maldade, do egoísmo, da dor, da agonia da hora presente. Venero esses velhos monumentos porque eles dão-me em grandeza a fisionomia heróica do velho Portugal — sonhador, romântico, aventureiro e crente.

.....
Mais do que nenhum outro, prende a minha sensibilidade e alarga o meu sonho este venerável Panteon de S. Marcos.

Ali, naqueles túmulos trabalhados de piedosos labores, dormem os representantes mais lídicos da Lealdade e do valor dos nossos séculos heróicos. « Ali dorme, se é que não vela ainda, uma Raça de

(Continúa na página 6).

que quizes ouvir de repente? O que conta esta...
neste país verdade? O que conta esta...
com a voz e o olhar? O que conta esta...

João Falcão

como hiato dum certo momento...
verdade. Mas a verdade chega, e o homem...
E os homens logo experimentam um...
como hiato dum certo momento...

Favocação de São Marcos

que a todos os pontos da terra...
neste país verdade? O que conta esta...
com a voz e o olhar? O que conta esta...

o caminho

que a todos os pontos da terra...
neste país verdade? O que conta esta...
com a voz e o olhar? O que conta esta...

UMA PÁGINA DE JOSÉ DE AZEVEDO

Arouca. Na cerca do Convento, à boca dos vinhedos. É sob uma noqueira velha, rente da fonte grande a que o outono escasseou a água. — Entardecer. Outubro morto.

— *E falaram-se, assim, as duas freiras:*

MARIA DO CÉU:
E era linda?

MARIA DA ASSUNÇÃO:
Nunca, em aspecto, pomba foi mais pomba, nem santa foi mais santa...

MARIA DO CÉU:
Ah, era linda!...

MARIA DA ASSUNÇÃO:
Deixai lembrá-la. Sei-lhe o geito e os modos. Disseram-me a sua graça.

MARIA DO CÉU:
Contai, contai.

MARIA DA ASSUNÇÃO:
Conto. Deixai lembrar-me, lembrá-la. Eu conto...

— *E depois dum silêncio.*

Assim anda perdida a sua imagem na memória e nas bocas:

— *Uma parva. O fio de água da fonte diz ao tanque uma toada de água.*

«Tinha um corpito frágil de rebento novo. E eram seus olhos duas contas negras, e os seus cabelos fartos e compridos...

A linha do seu pescoço era direita e branca...»

MARIA DO CÉU *atalhando*.
Tanta beleza escondida num hábito... como o nosso!

O meu pescoço, Irmã, também era branco. Agora já nem sei... ninguém o sabe...

MARIA DA ASSUNÇÃO:
Parece que vos faz tristeza.

MARIA DO CÉU:
Ah! Só se pôr da tardinha!...

— *Um silêncio.*

MARIA DA ASSUNÇÃO:
Scismais?...

MARIA DO CÉU:
No que a traria ao Convento. Certo, penas de amor.

MARIA DA ASSUNÇÃO:
Não.

MARIA DO CÉU:
Então?

MARIA DA ASSUNÇÃO:
Não sei...
Aqui viveu como um lírio que se morre. Num hábito de freira...

MARIA DO CÉU:
Assim negro?

MARIA DA ASSUNÇÃO:
Como o nosso. Arrastou nobrezas de Rainha numa humildade de Santa. Foi Santa.

MARIA DO CÉU:
E era Rainha!

MARIA DA ASSUNÇÃO:
Dizem que até lá baixo, às grades do Convento, a acompanharam honras que merecia como filha de reis. Não que ela as quizesse. Outras maiores deixara, com con-

«*Vem a morte e leva a gente...*» diz a dorida Trova. Assim desapareceu este moço de tão estremecida sensibilidade—colhido aos vinte anos pela tuberculose, a doença dos poetas de Portugal, e que já Hipócrates dizia só tocar os indivíduos de quilate superior.

Morreu com uma canção ainda nos lábios, namorado de tudo que é belo na terra e no céu, e passou para Lá em pleno sonho, como num vôo. Escreveu pouco, em jornais e revistas, duma das quais — «Audácia», um título que era uma bandeira e que a morte lhe arrancou das mãos — fui eu colaborador de incipientes letras e imensa amizade.

E é bem a esta amizade saúdosa que procuro um eco na simpatia dos leitores, publicando «O Milagre de Estrêlas» — página que tem a simplicidade ingénua dum conto de fadas e a melancólica doçura dum adeus sem lágrimas.

A. de S.

tentamento, em terra estranha que pra Rainha a quizera.

MARIA DO CÉU:
Pobre dela!... De certo adorada por Príncipes e Senhores.

Entre as gentes que a trouxeram... não vinham moços, cavaleiros?

MARIA DA ASSUNÇÃO:
Não sei.

MARIA DO CÉU:
Vieram, com certeza. É que ninguém se lembra!

MARIA DA ASSUNÇÃO:
Se foi há tantos anos!

MARIA DO CÉU:
Por isso, talvez os anos! O tempo empoeira tudo. Mas vieram, hiam de ter vindo. E' que ninguém se lembra!...

MARIA DA ASSUNÇÃO:
Depois, foi de noite o seu acolhimento, noite escura.

Contam que só se via, lá fora, a estender-se no caminho, uma fieira de luzes.

MARIA DO CÉU:
Hiam de ter vindo... É que ninguém se lembra! Ela era linda... Hiam de ter vindo moços.

Ha uma pausa.

MARIA DA ASSUNÇÃO:
Sim, sim, recordo. Vieram. Moços. Até um deles, cavaleiro, apareceu morto, ao outro dia. Era tão negra a noite que se despenhou numa cova funda com o cavalo.

MARIA DO CÉU: *num espanto*.
Um cavaleiro morto?...

MARIA DA ASSUNÇÃO:
Sim, lá baixo, a beira do caminho. Deram com ele de bórco, no barranco. Tinha o peito rasgado! Fazia médo.

MARIA DO CÉU:
Ah! Tinha o peito rasgado!

MARIA DA ASSUNÇÃO:
Fazia médo.

MARIA DO CÉU: *a desenhar sua ideia*.
Foi de noite, noite escura. Só se via lá fora, a estender-se no caminho, uma fieira de luzes...

MARIA DA ASSUNÇÃO:
Noite escura.

MARIA DO CÉU:
Abriu-se a porta do Convento. Ela entrou...

MARIA DA ASSUNÇÃO:
Entrou.

MARIA DO CÉU:
Adivinhava-se na sombra...

MARIA DA ASSUNÇÃO:
Ah, sabeis?!

MARIA DO CÉU:
Não, vejo. Adivinhava-se na sombra o seu airoso vulto.

...Era mais fino o seu corpito frágil de rebento novo. E pareciam mais negras as negras contas dos olhos. A linha do seu pescoço.

MARIA DA ASSUNÇÃO:
Era direita e branca.

MARIA DO CÉU:
Ia perdendo, no escuro, a sua branca graça...
Ninguém falava.

MARIA DA ASSUNÇÃO:
Certo, ninguém falava.

MARIA DO CÉU:
Direito, sobre a séla, avultava, entre todos, a figura do moço erigida estranhamente numa fria serenidade fidalga.

Triste, duma desvairada tristeza a esculpturar-lhe um orgulho de raça, tinha-se quedado a olhá-la. Ela era ainda uma presença a seus olhos... e ele já a sentia uma saudade...

MARIA DA ASSUNÇÃO:
Hia de ser assim.

MARIA DO CÉU:
Entre eles, estendia-se a vida.

Fez-se um silêncio mais fundo. O moço foi mais sereno. Depois, entre eles, a porta negra do Convento... A vida... A porta é uma louza.

Além dela, só em saúdades se vive.

MARIA DA ASSUNÇÃO:
Hia de ser assim.

MARIA DO CÉU:
Viram, então, o cavaleiro e moço ferir de rijo as ilhargas do cavalo. Afastaram-se as luzes, caminho abaixo.

Um galopar fantástico... às vezes, um reflexo acêso viscava na armadura do moço uma linha de lume. Um, e outro, traços de luz fulgiram incendidos... Depois, um último reflexo, maior, estilhaçado de lume...

Foi à borda do barranco. Dir-se-ia que aquêle último lampejo fôra o estilhaçar do coração...
E foi, e foi...

MARIA DA ASSUNÇÃO:
Por isso ficou com o arcaboijo desfeito!

MARIA DO CÉU:
E eram de lume acêso, chispas do coração!

CARTA AO POETA

ANTÓNIO ALVES MARTINS

Querido Poeta

O Angelo César é um estudante distinto que anda atarefado com os actos da formatura e só hoje, 26, me trouxe a oferta do seu livro «Mulher de Bençam».

Estou cá longe e ia julgando que V., meu velho e querido companheiro de Coimbra, se havia esquecido de mim.

Mas! não! Cá veio visitar o seu irmão mais velho, no sacrificio das Musas, e com um enternecido cumprimento que eu — cantor enrouquecido — mal mereço.

Versos de inspiração, os seus, meu caro Alves Martins, eles nascem-lhe feitos: e é este o verdadeiro condão dos Poetas, — daqueles raros iniciados que a Natureza fadou para a cantarem.

Outros há que fazem os versos. Fazer os versos é tão feia acção como jurar falso.

E se há grandes almas que não têm voz, — essas que amem os Poe-

tas: Amar é o seu único destino e não é menor.

Identificam-se em espirito a Oração e o Deus.

Que seja ouvidos quem não souber cantar!

Aqui, em Portugal, toda a gente faz versos. Porisso os que realmente são Poetas, tão desamados são em Portugal.

O público anda extremunhado com tantos versos! Já não distingue a côr dos bons dos que são maus, e, pela lei do menor esforço, ou das maiorias, gosta em regra, dos peores. Sim. Fazer os versos é tão feia acção como jurar falso. A poesia não é mera questão de afinação verbal...

A «composição literaria» do lirico das Peninsulares só está certa dentro das «Escolas». Nas «Escolas» e mãos dos «Namorados» e «Namoradas» que se escrevem em «sonetos» recortando adjectivos do «Candido Luzitano».

Digo só adjectivos porisso que, verbo, não lhes faltará, e substantivo comum, são elles em demasia.

Mas, vinha isto à conta de lhe dizer que de todo o livro o que mais me agradou foi o «Ultimo Canto» pelo tom e linha constructiva, — que não é musicalmente o mais afinado.

Você, Alves Martins, (e também o lirico maior Angelo Cesar), encontraram o Paraizo na Terra!

Para Vocês, meus queridos Poetas, não há traços a carvão, — riscos nas paredes, — êsses protestos das crianças, — rugas na fronte que medita, — linhas verticais, muito vincadas a caírem como raios sobre as nossas cabeças, — mas suaves curvilíneas, maciamente coloridas como o Arco-Iris, frescas e perfumadas como os ondulosos outeiros pastoris, onde há frautas maviosas, como sereias das fontes, apascentando mansos cordeirinhos, — a paz religiosa das cousas.

O Amor o abençõe, meu querido Poeta, e lhe dê sempre nos seus versos as Horas da sua «Mulher de Bençam», para glória sua e admiração do

Coimbra, maio 1924.

AFONSO DUARTE.

homens fortes e justos; e por elles, por aquelas cinzas que já o Amor e a Fé abrasaram, vivem também, no seu tumulto de glória, — estremosa bravura, lances fatais, gritos, agonia, o orgulho e desgraça, — o choque das mais bravas batalhas e combates: Aljubarrota, Ceuta, Tânger, Alfarrobeira, Ouguela, Arzila e Azamor, a Índia — e depois Alcácer-Kibir!...

Ao lermos as crónicas e os epitáfios desses cavaleiros, aparecem também à nossa evocação enternecida austeras e nobres figuras de mulheres adoçando de carinho e ternura aquele bravo tumulto: D. Brites de Meneses, D. Maria de Vilhena, D. Guiomar de Castro, D. Antónia de Vilhena.

(Excerto do estudo «Panteon de São Marcos».)

AGOSTINHO JORGE.

F. T. MARINETTI

De Itália, Marinetti, enviou-nos uma série de manifestos acompanhados do livro «Les mots en liberté futuriste».

Este movimento iniciado há

publicamos neste número
uma separata de cantigas
para o S. João

anos em Milão, encontra-se hoje por todo o mundo civilizado.

Nós, não somos futuristas, mas também não pertencemos á categoria dos intolerantes.

Todas as ideias dos homens nos interessam.

número

3

série

1.

PUBLICAÇÃO MENSAL DE:

Afonso Duarte — Agostinho Jorge — Alberto Van Hoertre
de Teles Machado — Angelo César — António de Sousa —
Augusto Telo — Branquinho da Fonseca — Campos de
Figueiredo — Guilherme Filipe — João Gaspar Simões —
Vitorino Nemésio

redacção: rua Dr. João Jacinto, 38

Coimbra

1

junho

1924

CARTA AO POETA ANTONIO ALVES MARTINS

Não vou ter a certeza de que
 a tua vida é feita de amor e de
 deus, mas de tudo o que te
 dá prazer e te dá vida e te dá
 sentido. Não vou ter a certeza de
 que a tua vida é feita de amor e
 deus, mas de tudo o que te dá
 prazer e te dá vida e te dá
 sentido. Não vou ter a certeza de
 que a tua vida é feita de amor e
 deus, mas de tudo o que te dá
 prazer e te dá vida e te dá
 sentido.

Não vou ter a certeza de que
 a tua vida é feita de amor e de
 deus, mas de tudo o que te
 dá prazer e te dá vida e te dá
 sentido. Não vou ter a certeza de
 que a tua vida é feita de amor e
 deus, mas de tudo o que te dá
 prazer e te dá vida e te dá
 sentido. Não vou ter a certeza de
 que a tua vida é feita de amor e
 deus, mas de tudo o que te dá
 prazer e te dá vida e te dá
 sentido.

Não vou ter a certeza de que
 a tua vida é feita de amor e de
 deus, mas de tudo o que te
 dá prazer e te dá vida e te dá
 sentido. Não vou ter a certeza de
 que a tua vida é feita de amor e
 deus, mas de tudo o que te dá
 prazer e te dá vida e te dá
 sentido. Não vou ter a certeza de
 que a tua vida é feita de amor e
 deus, mas de tudo o que te dá
 prazer e te dá vida e te dá
 sentido.

CORAÇÃO - Versos

"Coração" é um livro de poemas de António
 Soares de Sousa. O livro é dividido em
 duas partes: a primeira contém poemas
 de amor e a segunda poemas de
 reflexão.

BARROS DE COIMBRA

"Barros de Coimbra" é o título de um
 livro de poemas de António Soares de
 Sousa. O livro é dividido em duas
 partes: a primeira contém poemas de
 amor e a segunda poemas de
 reflexão.

EVOCAÇÕES ALENTANAS

"Evoções Alentanas" é o título de um
 livro de poemas de António Soares de
 Sousa. O livro é dividido em duas
 partes: a primeira contém poemas de
 amor e a segunda poemas de
 reflexão.

António Soares de Sousa é um dos
 maiores poetas portugueses do século
 XX. O seu trabalho é marcado por
 uma profunda reflexão sobre a
 condição humana e a sociedade.
 Os seus poemas são caracterizados
 por uma linguagem simples e direta,
 mas com uma grande força poética.

Este livro contém poemas de António
 Soares de Sousa. O livro é dividido
 em duas partes: a primeira contém
 poemas de amor e a segunda poemas
 de reflexão.

Este livro contém poemas de António
 Soares de Sousa. O livro é dividido
 em duas partes: a primeira contém
 poemas de amor e a segunda poemas
 de reflexão.

Este livro contém poemas de António
 Soares de Sousa. O livro é dividido
 em duas partes: a primeira contém
 poemas de amor e a segunda poemas
 de reflexão.

PUBLICAÇÃO MENSAL DE
 número 3
 série 1
 Junho 1934
 Colónia

1
A terra do Portugal,
Fica tão perto do Céu,
Que Cristo, p'ra vir ao Mundo,
Foi por ela que desceu.

2
Que a graça de Deus me cubra,
E tão alegre me faça,
Que eu possa sempre sorrir,
Na ventura e na desgraça.

3
Morrer um filho! No Mundo,
Não pode haver dor mais forte;
É tal qual como se a gente,
Assistisse à própria morte!

4
Quem canta para que canta?
Quem chora para que chora?
Quem canta nada adianta,
Quem chora nada melhora!

CAMPOS DE FIGUEIREDO

1
Bemdito seja o fulgor
Do luar em maré-cheia.
Bemdito seja o amor
Que toda a alma incendeia.

2
O' amor — candeia acêsa
Consumes toda a alegria!
Bemdito seja a tristeza
Que nos dá em cada dia.

3
Não cabe tanta ventura
Dentro do meu coração.
Eu ando p'la noite escura
Gritando-a como um pregão.

4
Tenho uma sorte bem alta
O bom Deus seja louvado!
Na vida nada me falta
Amor, se estás ao meu lado.

MANUEL LOPES D'ALMEIDA

1
Podes deixar de nascer
Logo à noitinha, ó luar,
Que as fogueiras hão-de ser
Que nos hão-de alumiar.

2
Andei os dias do ano
À espera dêste dia:
S. João leva a tristeza,
Faz renascer a alegria.

3
Os milagres que tu fazes
Não os podemos contar!
Os que amam... fazem as pazes,
Quem não ama — encontra par...

ALEXANDRE D'ARAÇÃO

1
As que amei foi tão sómente
P'ra te amar com mais ternura...
— Quantos actos faz a gente
Para uma só formatura!

2
Em risos que são rosais,
Mudas a voz doiradilha...
Pois olha... por pouco mais,
Foi Santa certa Rainha...

3
Saúde som despedida
Não é saúde da amor...
— Que um beijo dado à partida
Faz a saúde maior!

CELESTINO GOMES

1
Na noite do meu destino,
Ve-te o meu olhar aflito,
Qual ponto de luz brilhando
Nas trevas do infinito.

2
O' noite de São João,
Divino e louco arraial,
Céus e terra de mãos dadas
Neste velho Portugal!

3
Já a fogueira do Sol
Arde no alto da serra,
Vamos dançar, vinde tôdas,
O' moças da minha terra!

4
Quando noiva alguma estrêla,
A lua sorrindo lesta,
Vem mirar-se no Mondego
P'ra ir mais linda p'ra festa.

FAUSTO DOS SANTOS JUNIOR

1
Santo Antoninho — valei-me
Nesta hora de perdição.
— Vi um olhar que se foi,
Que levou meu coração.

2
S. Joãozinho, meu Santo
Das noitadas e fogueiras
— Livrai-me dos maus olhados,
Nesta vida de canseiras.

3
S. Pedro das chaves grandes,
Santo Porteiro do Céu
— Trazei luz a um caminheiro
Que a não tem, que se perdeu.

4
Ninguém, ninguém nos escuta;
Que crença que todos temos!
— Acenda-se outra fogueira!
Bailemos todos bailemos!

ALBERTO DE SERPA

1
Raparigas e estudantes
São duas coisas amigas,
Se uma rima com descantes
Outra rima com cantigas.

2
Mondego vai de mansinho
Pelos choupais, sem canseiras;
Passa o tempo no caminho
A falar às lavadeiras

3
A tua graça me acoite
E seja-me o teu olhar
O que um farol é de noite
Aos que se perdem no mar...

4
As tuas mãos, que eu desejo,
São dois fios de luar.
— Se nelas te der um beijo
Nem o podem segurar!...

JOSÉ CRIZPO



A
 1
 Para que se tornem
 - Quanto mais se
 Para que se tornem
 2
 Em tudo que se torna
 Mudar a voz humana
 Para que se tornem
 Por tudo que se torna

ALEXANDRE D'ALMEIDA

P
 1
 Que nos não se abatem
 Logo se abatem, e just
 Onde deixar de nascer
 2
 Que nos não se abatem
 Não se abatem, e just
 Onde deixar de nascer
 3
 Que nos não se abatem
 Não se abatem, e just
 Onde deixar de nascer

MAXIMILIANO D'ALMEIDA

B
 1
 Que toda a alma humana
 Bem-dito seja o amor
 De just em mais-bem
 Bem-dito seja o amor
 2
 Que nos não se abatem
 Não se abatem, e just
 Onde deixar de nascer
 3
 Que nos não se abatem
 Não se abatem, e just
 Onde deixar de nascer

CAMPOS DE POUPEIRO

A
 1
 Que a graça de Deus me cubra
 E não deixe me fazer
 Que eu possa sempre sentir
 Na ventura e na desgraça
 2
 Quanto mais se torna
 Mudar a voz humana
 Para que se tornem
 Por tudo que se torna



R
 1
 Que nos não se abatem
 Não se abatem, e just
 Onde deixar de nascer
 2
 Que nos não se abatem
 Não se abatem, e just
 Onde deixar de nascer
 3
 Que nos não se abatem
 Não se abatem, e just
 Onde deixar de nascer

S
 1
 Que nos não se abatem
 Não se abatem, e just
 Onde deixar de nascer
 2
 Que nos não se abatem
 Não se abatem, e just
 Onde deixar de nascer
 3
 Que nos não se abatem
 Não se abatem, e just
 Onde deixar de nascer

N
 1
 Que nos não se abatem
 Não se abatem, e just
 Onde deixar de nascer
 2
 Que nos não se abatem
 Não se abatem, e just
 Onde deixar de nascer
 3
 Que nos não se abatem
 Não se abatem, e just
 Onde deixar de nascer

C
 1
 Que nos não se abatem
 Não se abatem, e just
 Onde deixar de nascer
 2
 Que nos não se abatem
 Não se abatem, e just
 Onde deixar de nascer
 3
 Que nos não se abatem
 Não se abatem, e just
 Onde deixar de nascer

fogueiras de S. João

MOTE

Livro de horas das solteiras
Canta o cúco: hei-de casar.
O' cúco das ramalheiras
Quanta vez has-de cantar?

VOLTAS

No São João as fogueiras
E' saltá-las com folgado:
Saltai-as moças, solteiras,
Se quereis casar-vos cedo.
— Queimou-se, ardeu a alcachofra,
Da manhã se renovou:
Fogueiro vento me sopra,
' Bem-amada ' como eu sou.
— São João, santo do povo,
Bem-amada me deseja:
Na água quebrei um ovo,
O ovo se fez igreja.
— Esmola dei a um pobre
Na manhã de São João,
E o pobre um nome descobre
Que é só do meu coração.

AFONSO DUARTE.

1
Fogueiras, só sei daquela
Ardendo no teu olhar.
Raparigas, fazei roda
A' volta dela, a cantar.

2
Que lindo ramo de cravos,
Pareces mesmo um canteiro!
Se deixasses, escolhia
A tua bôca primeiro.

3
Cravos, cantigas, fogueiras,
Meu Amor, que lindas são!
Os cravos são os teus lábios,
O resto, o teu coração!

4
Oh! mocinhas de Coimbra,
Cantai comigo também;
As cantigas são fogueiras,
Fogueiras, beijos de alguém...

LUÍS GUEDES DE OLIVEIRA

1
Tenho dois limões à flor
Por cima do coração,
A não ser o meu amor
Ninguém lhes há-de pôr mão.

2
Tenho duas cabacinhas
Que me deu Nosso Senhor;
Ninguém lhes toca, são minhas,
Mato à sede o meu amor.

3
Tenho fontes, sou mulher,
Cada uma em seu outeiro
Feliz de quem cá vier
Matar a sede primeiro.

4
Quando canto nunca penso
No que virei a cantar:
Quem chora não pede um lenço
Nem pensa que vai chorar

JOAQUIM DE ALMEIDA.

1
Esses teus olhos, Maria,
São duas noites cerradas
Onde as meninas, coitadas,
Têm saudades do dia...

2
Coimbra da fala doce,
Nós somos como a Anorinha:
— Já da manhã que nos trouxe
Chama por nós a vardinha.

3
Minha mulher, minha mãe,
Rosas da mesma roseira:
— Dei a ambas minha vida
Mas de diferente maneira.

4
Maria! tão lindo nome
Para as bôcas sequiosas!
Maria: disse e ficou-me
A bôca a saber a rosas!

ANTÓNIO DE SOUSA

1
"Curto amor é desamor";
Decerto não pensarias.
— A luz do sol enche o céu
E morre todos os dias.

2
São tuas falas melhores;
Ando por isso a temer...
— Fazem-se as sombras maiores
Quando o sol vai a morrer.

3
Ó bôca da minha bôca,
Quem menos diz mais acerta;
Fala pouco, não te chamem
A mulher da bôca aberta.

4
Minha bôca há-de cantar
Emquanto nela houver fala,
Se não é do teu agrado
Vem com a tua fechá-la.

BRANQUINHO DA FONSECA.

1
Como és assim esguia,
Magrinha como Jesus,
Quando abres os teus braços
Fazes lembrar uma cruz

2
As nossas almas são Uma!
Simple milagre de amor:
— Quando se juntam dois rios,
Fazem um rio maior

3
São azas brancas partindo
Os lenços nas nossas mãos...
Na hora da despedida
Todos nós somos irmãos!

4
Cantigas de ao pé do berço
Vem ouvi-las o Senhor
— Nôste mundo são as mões
Quo, a cantar, rezam melhor.

ANGELO CÉSAR



Loguneiras de S. João

NOTA

Lyro de logun das loguneras
 Gasta n' coto: hei de caza
 O' coto das tamallinas
 Gasta vex nas lo cantas

VERBAS

No São João as loguneras
 E' salta-las com loguneros:
 Salta-las moças, loguneras,
 De quanta cantas vex cada
 — Gostimo-as, vinda a alandiofa
 De maná as cantas:
 Logunero vonta me cantar
 — Bem-amada — como eu sou
 — São João, canto do povo
 Bem-amada me desaja:
 Na lousa quebrado um ovo
 U ovo se faz lousa
 — Bemol del a um povo
 Na maná do São João
 E o povo um nome desaja
 Que é do seu cantos

ANTONIO DIAS

Fuguetas, se sei de qual
 Ardejo no seu olhar
 Inapetite, lizo toda
 A volta dela, a cantar

Que lindo ramo de crevas
 Flocos mesmo em cantos
 De deixares, escolha
 A tua boca primosa

Grave, cantiga, logunera
 Mas Amor, que lousa é!
 O maior é o seu lousa
 O coto, o seu cantos!

Oh! moçinhas de Coimbra
 Cantas, cantas, cantas
 As cantas do logunero
 Logunero, bojos de algum...

Luiz Gouveia de Oliveira

Tenho dois lindos a flor
 Por cima do coração
 A não ser o meu amor
 Nenhum lhes dá de que não

Logo duas copadellas
 Use me deu Rosa Sabor
 Nenhum lhes toca, são lindas
 Mas a não o meu amor

Logo cantos, logo cantos
 Logo cantos, logo cantos
 Logo cantos, logo cantos
 Logo cantos, logo cantos

Quando canto, canto pouco
 De que vive a cantar
 Quem canta não pode um tempo
 De cantar, que vai cantar

JOAQUIM DE ALMEIDA

E nos seus olhos, Maria
 Não duas noites cantas
 Onde as cantas, cantas
 Tão cantas de dia

Compre de São João
 Não sou eu a cantar
 — É o maná que nos cantas
 Canta por nós a cantas

Minha maná, minha maná
 Não sou eu a cantar
 — Dal a cantas, cantas
 Mas de diferente maná

Maria! São João cantas
 E nos seus olhos, Maria
 Não duas noites cantas
 Onde as cantas, cantas

ANTONIO DE SOUSA

Canto de São João
 Cantas, cantas, cantas
 — A tua de São João
 E more todos os dias

São João, cantas cantas
 Ando por São João
 — Cantas, cantas, cantas
 Quando o sol vai a cantar

O São João, cantas
 Quem canta de São João
 Não sou eu a cantar
 A mulher de São João

Minha boca de cantar
 Cantas, cantas, cantas
 — São João, cantas
 Ven com a tua cantas

BRAZILIANO DA FORTALEZA

Canto de São João
 Cantas, cantas, cantas
 Quando cantas os seus cantos
 Fazer cantos, cantos

As cantas, cantas
 Cantas, cantas, cantas
 — Quando as cantas, cantas
 Fazer um seu cantor

São João, cantas
 Cantas, cantas, cantas
 — São João, cantas
 Todos são cantos cantos

Cantiga de São João
 Cantas, cantas, cantas
 — São João, cantas
 Que, a cantar, cantas cantas

ANTONIO DE SOUSA



Universidade

tríptico



REVISTAS
COIMBRA

D. de M.

4

Desenho de Diogo de Macedo

30.
32
2

O PRANTO DAS RESES BRAVAS

— Tu, tôu... Tch... Eh cão!

TO Chórica gritava junto à parede do mato, fazia um sol de fogo e até as lages escaldavam. Meio dia. Debruçado, o pastor suava em bica e punha a mão no sobrôlho: calça grosseira com vira, pé rapado, e o branco camisa com as letras do nome bordadas. Esteve um bocado a pesquisar, por entre as faias verdes; disse outra vez: — *Eh cão!* — e duma clareira surgiu um cachorro ofegante, com babas à ilharga da boca. Tinha o pêlo a modo côr-de-rato, com várias partes mais claras, fazendo um redoiço à lombeira. Corpanzil de vulto, o dêle era animado e retorcido ao estacar, voluptuoso na finta das sonecas, junto às soletas das portas, quando, ficando nas patas traseiras, espreguiçava as da frente, abrindo os dedos. Cortaram-lhe as orelhas, em piqueno, num banco de carpinteiro, como quem adelgaça uma framela; o rabo ficou num tóco que o arrelhiava com a môsca. Assim, se a varejeira lhe ferrava o estilete na anca, êle inclinava a cabeça, arreganhava as beicanas, e o dente coçando era mais alvo do que cal, ou que fatias de pão de milho, novo e tenro. As patas eram sólidas e brancas, porisso o chamavam *Calçado*; e o ôlho, nem milho torrado, olhava macio e amigo, com duas borbulhas de ramela.

Saltou duma moita de silva que tinha cachos de amoras, entre lenha cortada, e veio aos galões, pulou mexendo um ligadoiro e fez melguices ao dono. Chórica tomou o bordão que estava ao lado, e pôs-se a caminho.

No dia seguinte havia uma tourada nas Lages, com os cornúpetos amarrados à corda pelo cachaço ou pela armadura, e êle ia apartá-los à Criação do Meio. Servia há doze anos o sr. José Francisco Airora, como pastor da rapa, e desde pequeno lidava com o gado bravo da Matela, cercava as vacas-mestras com pedradas e enxotava as crias abanando os braços: — « Ei-uê! Chicou, bezerro! »

A tourada acertara-se quando da outra corrida, à noite, numa venda. Tinha mesmo acabado de estalejar um bombão, recolhido o último bicho, quando, da mancha de gente que bebia, ao balcão, vinho novo, o Felipe levantou a tigela, que ia emborcando, e com o ôlho esgaseado berrou à bela sociedade:

— Temos que dar mas é outra!

— E pra já! — esforçou o Verdoiço, que não estava tão bêbedo. Queria metê-los à bulha.

Sem ser o Felipe, estava o Trabona e o José Luís da Canada, todos destombados para se encabeçarem em qualquer uma coisa. O ponto era terem dois dedos de gramática. Mas o Silva do *char-à-bancs*, mais sorrateiro e velhaco, pôs logo as suas dúvidas, com manha:

— Vocemecês não prestam pra nada. Dou o pescoço ao talho se daqui sai coisa com coisa.

O Felipe ia-se engasgando, com o focinho a pingar:

— Aqui é que se quer ver quem são os homens. Cá por mim dou dois toiros e o dinheiro para a licença.

— E eu dou um — disse o Trabona.

O José Luís dava o quarto. Jantar para os pastores, isso ficava ao cuidado do sr. Coelho, como era costume.

O Verdoiço perguntou:

— E para quando?

Respondeu o Felipe, que para domingo. E, mal se tendo em pé, pediu ao João da venda três roqueiras, fez lume na isca de algodão e gritou, correndo à porta:

— Eh rapazes, vá fogo pró ar! Viva o povo das Lages!

Gente de fora chegava aos degraus que havia em frente da venda, perguntava o que era, e uns aos outros passavam senha foliona:

— Toiros, domingo, rapazes!

Destacou-se logo uma mordomia para o touril, aonde estava o Airora. Ia o Felipe, o Trabona e o José Luís. E combinou-se que viriam quatro guechos, não esquecendo o *Broco*.

De calça branca e grilhão de ouro, *panamá* largo à fadista, o sr. Airora praticou com o Papinha uma lasca. E o Chico Tromba, capenga, que estivera no Brasil e sabia jogar a capoeira, ameaçou o Felipe em ar de graça:

— Se isso ficar em água de bacalhau, tens chocalhada à porta. Tã certo...

Quando falhava uma boiada, com efeito, era costume ajuntar gente, pegar nos chocalhos das reses com coleiras, e em magote correr as canadas, vaiando, à imitação dos pastores trazendo o curro ao touril:

— Ei-uê... Chicô! Brelão, brelão, brelão!

Do mato de faias, onde o Chórica roçava as silvas da cozedura, ia-se à Ribeira Sêca de Cima pelas Canadas. Êle foi. O sol abrasava. Ao pé da igreja, na venda do Fura-Olho, matou o bicho com vinho e seguiu. Tinha de tomar a estrada do Carvão, para lá da Carvalha, passar a Grotta do Mêdo tôda verdosa de ervas e virar ao cabo de riba. Assim fez. O cão ia após êle num trotezinho, mas às vezes ficava para trás muito tempo, dando-lhe cheiro a caça, ou alçando a perna a uma parede, a aguava, logo se pondo a galope para ganhar caminho. Passaram a vila para cima, e numa ladeira, como fôsse puxante, o Chórica pôs-se a andar mais pausado, o cão

tomou-lhe a dianteira. Considerou-o. Há tempos, o sr. José Joaquim falara-lhe em chegar o *Calçado* a uma cadela malhada, prometendo uma libra e um cachorro; mas como o bicho, em verdade, era de boa estampa e sem parelha por li, Chórica fez-se grave, bailou a cabeça e mudou de conversa. Ficavam em « vê-lo-hemos ». Agora, alisando a fôlha de milho para a tocha de tabaco, depois de passá-la entre os beijos, moeu com a mão direita o picado sôbre a esquerda, olhou melhor para o cão: estava velho e troquilha. Embora fôsse pé-leve, tinha já calos no assento e enrijecia de ouvido. Depois, em querendo, — molengão. Dava-lhe às vezes uma tosse feia, alongando o gasnete, ou apanhando orvalho sentia dores de barriga, buscava mêzinha nas relvas. É verdade que ainda era esperto no mato e muito arteiro no açougue, aos sábados, quando o Mudo atirava ossos e suãs à canzoada. Então saía de casa cedo, corria as ruas da vila arrebanhando outros cães, e, mal amanhcia Deus com a sua graça, rondava a porta do açougue, por baixo do sr. Eduardo. Nesses lances, à disputa de mata-coses e de tripas, unhas de vaca e olhos, êle dominava a matilha engalinhando-se bravo, com a beicana aos tremeliques, mostrando os dentes — sarilho tamanho, às vezes, enrijecimento tão bruto, que nem a pau ou correia se dava quinau de apartá-lo, ouriçadíssimo de raiva. Até um dia (há que tempos!) o José da Amália atirara-lhe de regeitada um serrote:

— Passa d'í, alma do diabo!

Aleijara-o, e êle partiu a ganir, perna ao ar, como quem joga ao *homem*. Mas, tirado aquele costume metediço, poucos pitafes tinha. É verdade: — dera-lhe em tempos para beber os ovos da postura da galinha carapuçada, mas apanhou uma novena de pau que até se viu azul e não tornou ao poleiro. Também não *pegava* sem razão. Mas em o afigando — ssuc... ssuc... — desabalava como um raio, e ai das canelas topadas! Enfim, bom animal, mas velhote. Mal se precatasse o Chórica, morria com alguma tamburra do bucho, esperneando; e porisso o pastor (que tinha acendido o cigarro e ageitava a cinza com o polegar direito) decidiu levá-lo no dia seguinte à vila, ao sr. José Joaquim. Botava os seus calculos: a cadela devia estar saída, com a lua. Era a *Catita*. Pertencia a uma estirpe clara de perdigueiros e de *Setters*, tinha mesmo dois terras-novas na família, e um avô envelhecera porteiro, pachorrento e gordo, já capado. Ninguém por li de roda sustentava mais cães do que o sr. José Joaquim, apontador das Obras Públicas, que sabia remédios para cavalos empachados e burros com esparvão. Mas misturava as raças ao calhar, no seu curral repleto de gamelas, onde a Mariana Pelingrina lançava fareladas e água fresca do tanque, de manhã, com uma saia vermelha. Chega, não chega à Carvalha, o Chórica, que era Manuel, da pia, e afilhado do sr. João Mendes, entrou em casa, — uma casinha baixa à borda do caminho, com barras roxo-rei. Era num descampado mas calhara-lhe ali, por ser ao pé dos pastos, aonde ao lusco fusco ia ordenhar as vacas. Meteu alguma coisa na bôca e seguiu. Já o esperavam, na Criação, o filho do Xaviel, o Chico Trangola e o Garrancho. Todos de camisa e largos chapéus de Braga com forros côr-de-rosa, encieirados, vieram à estrada com os bordões de castanho e as jaquetas ao ombro.

— Toca, Manuel! Já encurralámos o *Fusco* mas a *Briosa* ainda não. Anda ronceira, o estupor!

Isto disse o Xaviel, e Chico Trangola apoiou:

— Suámos bagada de água! E agora vamos às sopas, Garrancho. Dá-me uma afoçada nesse pão.

Assentaram-se os três numa machuca de erva humedecida. O Teotónio do Landeira, um pisco de gente, trouxera os jantares num cesto, debaixo dum pano de lã. Tiraram a terrina, que sem a tampa expedia um fumo rescendente a couves com batatas, cheia de suor nas paredes. Em pratos de barro havia chicharros fritos. Comeram.

— Provas uma migalha, Chórica? — convidou o Garrancho, metendo a navalha a um pão quente.

— Não quero; também comi peixe sêco.

Então falaram do gado. Uma vez que o *Fusco* estava a laço, restava cercar o *Broco*, mais o *Roseiro* e o *Picardo*.

— Home, o *Broco* não! — ressaltou Chico Trangola. — O patrão quere-o folgado.

O Chórica explicou que as Lages exigiam o *Broco*; davam até mais dinheiro:

— O Felipe é que é o encabeçado.

— Bela bisca! — arrematou o Garrancho.

Mas bom como bom para a pândega. Chico Trangola falou — « não sei se vocês se alembra... » — daquela tarde, pelo Bodo, em que o Felipe embebedara todos e dera uma pataca a cada um.

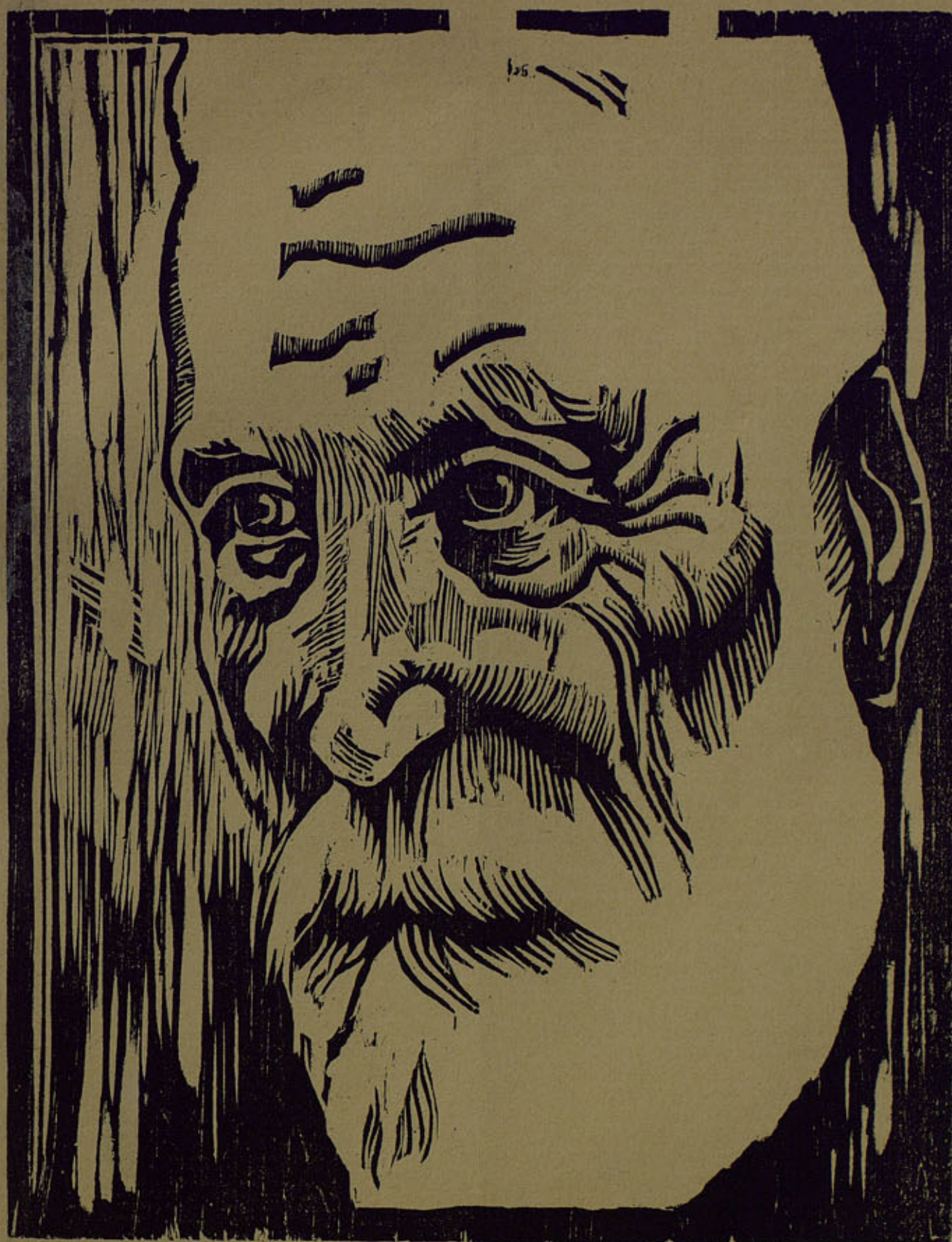
— Há dois anos.

Chórica confirmou:

— Tal e qual! Isso foi dar-lhe para baixo. Das primeiras coisas! O Chico perdeu uma embola amarela, até por sinal...

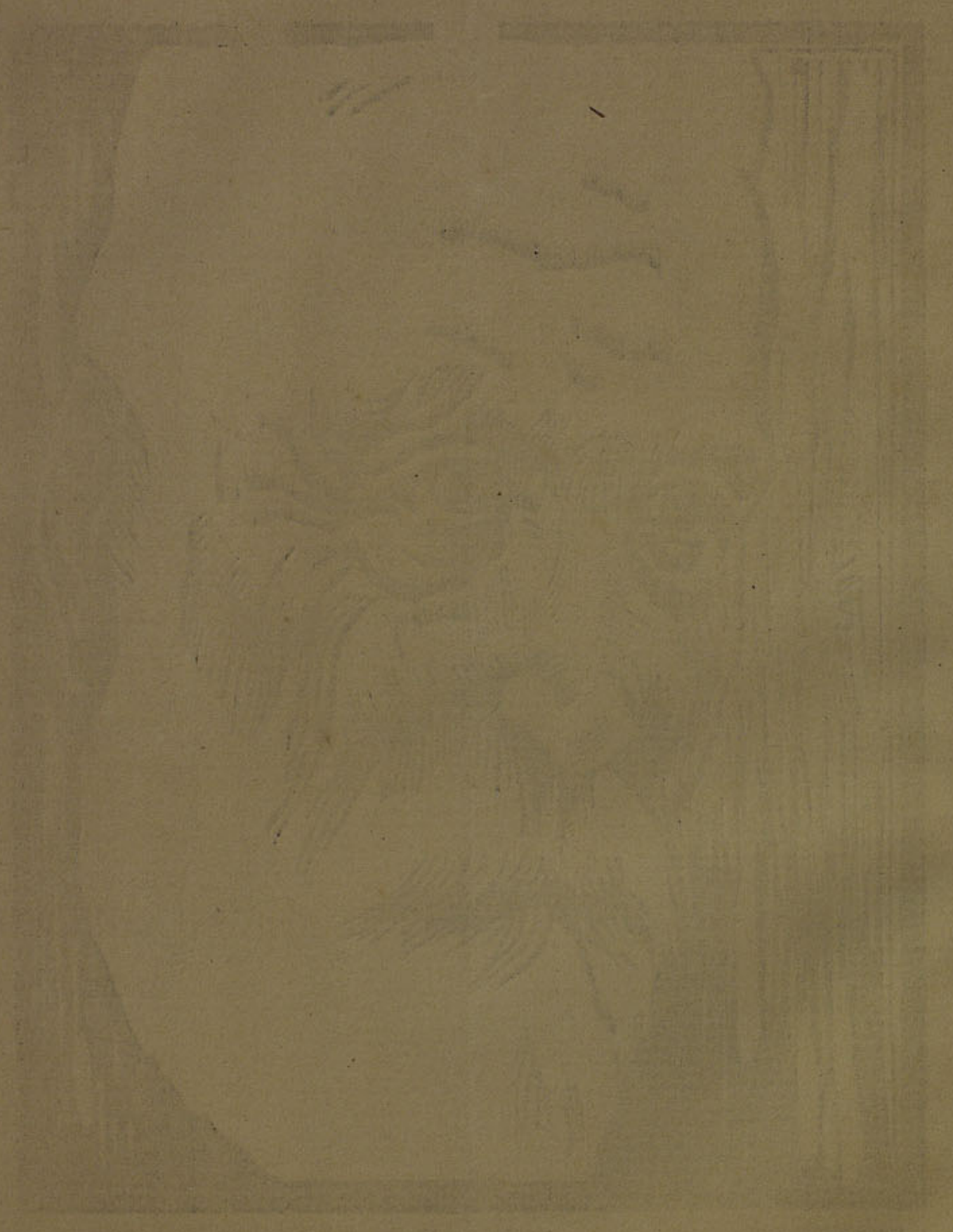
— Isso sei eu! Custou-me quinze tostões, em casa do sr. José Lourenço, na cidade; que tive de pôr outra nova. E o patrão nunca o soube.

Emquanto o Teotónio arrumava a loiça e dava os restos aos cães, os pastores tiraram cigarros das orelhas e fizeram fogo.



trípico

Anatole France, gravura de João Carlos (incompleta)



FALA DO CIPRESTE

Eu vivo, à luz do luar, nos êrmos cemitérios,
Cercado de fantasmas e mistérios...
A minha sombra cai, tão fria como a neve,
Sôbre marmóreas cruces,
E abraça os êrmos túmulos sombrios,
Onde, em noites de outono, esvoaçam luzes
Chiméricas, bailando ao zéfiro mais leve...
E sinto negros mêdos e arrepios!
Ouço em volta de mim, rezas, soluços, ais...
Não sei que sentimento me deslumbra
E me dispersa em fôrmas espetraes...
Sou a nocturna voz do esquecimento,
Um grande esbôço humano em tintas de penumbra!
Gesticulando, ao vento...

TEIXEIRA DE PASCOAES

CANÇÃO DA NOITE

Vai o céu chegado à terra
Não há voz que se contenha...
a sombra, à noite, na terra,
pesa mais que uma montanha!

Voz erguida, voz perdida;
Deus do céu que já morreu!
— P'ra valer à minha vida
não há ninguém senão eu!

Scismas de dor, scismador
vida d'Além que te importa?
— Olha os que falam d'amor
Sentados à sua porta.

Sete partidos do mundo,
terra firme, ondas do mar...
Tenho alma de vagabundo,
onde é que irei acabar?!

Ó bruchas fechando roda,
cinza bulindo o que vale!?
— Calai-vos que me arrependo,
não quero esperar bem nem mal.

Meu amor ao desengano,
cheia da graça mais bela...
Todos os meses do ano
levo-os de scismas com ela.

Cerra-se a noite cerrada.
Ai que vida a minha vida!
— Náu na tormenta abalada
que vais de róta perdida!

Terra e céus comigo juntos...
Não há bôca que se cale.
Choram-me os olhos, pergunto:
Mas de que é que isto me vale?

BRANQUINHO DA FONSECA

EIS-ME...

Eis-me sósinho, ante a minha alma acêsa,
No silêncio da noite alumando
A terra comovida de tristeza,
Que os meus passos cansados vão trilhando.
Eis-me sósinho a murmurar a reza,
No ar, que vão meus gestos modelando,
Desta melâncolia portuguesa,
Que em marinhas canções vai ecoando.
Eis-me sósinho entre os espectros pardos,
Como Põe crispando de ansiedade
As mãos, que, pela sombra, arranham cardos!
Eis-me sósinho entre o Inferno e o Céu;
Eis-me sósinho como uma Saüdade
A' procura dum bem que já morreu!...

ANTÓNIO DE SOUSA

CANTO DO CISNE

Oh! trágica fundura do meu peito
Onde crepita um fogo de ternura
A erguer-se a Deus! Etérea creatura
Que animas de luar meu sonho eleito!
Chama de Céu e inferno que tortura
Teu vulto de anjo, anímico e perfeito,
Neste incêndio de amor que traz desfeito
Meu triste vulto, irmão da noite escura.
O Verbo se fez carne, de maneira
Que o Verbo se fará em pedra fria,
A minha voz se tornará Saüdade...
E ao derredor verás a vez primeira
O éco do meu canto à ventania,
Beijar-te o rosto em ondas de piedade!

LUÍS GUEDES DE OLIVEIRA

CORAÇÕES DE ABRAÇOS

AO AFONSO DUARTE

Quem é o pintor? Quem é? Quem é o pintor
Que vem pintar de noite as minhas uvas?
— Seja quem for, (que tem!) Seja quem for,
Vive ao nutrir das luzes e das chuvas.
E como pinta? E como arranja a cor
Dos Alicantes? Cabecinhas ruivas!
Das malvasias? — Cachos d'água em flor
E a dos Bastardos? — lágrimas viuvas.
E as videiras?! Como elas são as mães,
Num estado de graça e parabens,
Em longos, cristianísimos serões!
São as mães com seu fruto nos regaços,
E choram, — e desfazem-se em abraços,
Que a gente sabe dar em corações.

ANTÃO DE MORAIS GOMES

Capítulo duma História por Imagens

Esta palmeira aparece-me com uma origem estranha. Devia ter sido, inicialmente, engendrada para corpo de mulher; por um capricho bizarro não lhe puzeram cabeça, mas em desconto e no lugar dela nasceram braços, floriram braços, arremessados em trajetória parabólica, braços que sentem, vibram como um cérebro feminino delirado.

E de agasalho teceram-lhe à volta do corpo um colar de penugem fibrosa, penteada em madeixas. Tudo nela me atrai, mas os braços mais que tudo. Braços que lembram tranças verdes duma sereia decapitada, braços tão sedutores e prevertidos que do acto completo de abraçar só fixaram o primeiro momento: o geito de abrir os braços... Surgem como jactos dum repuxo verde que pelo caminho se desfibrasse em mil scentelhas verdes; e quando o vento, neste instante, lhes bate furioso, lembram-me linguas a falar do que não sabem... Mas assim que o vento lhes dá logo falam. E toda a palmeira estremece, torce-se, enrosca-se em furia sobre si, alonga os dedos quasi ridiculos de sensibilidade exagerada, varre com eles o chão e vergasta depois o corpo, acariciando-se. A terra em volta estremece com a palpitação das raises e, extinta a rabanada palradora, petrificados os ramos, as folhitas mais novas, as mais doidas, ficam estonteadas da orgia, ainda trémulas, não sei se com desejo de chamar o vento a novo bailo, se de compor o cabelo esfarripado... Da minha cova, onde moro, vejo tudo isto e entendo-nos. A sua história liga-se à minha como o anel ao dedo que o sustenta. Nas manhãs muito claras, quando abro o postigo e os meus olhos quasi pestanejam sobre a terra húmida, um fumosinho de cigarro paira e ondula como ideia tenaz á flor dum cérebro exausto. Em volta, as quatro paredes, alvas, brutais, com janelas olhando sobre este poço; cá no fundo, o que existe no fundo de tudo: a lama, terra amassada, tanto pode ser com o sangue dos meus que eram pedreiros, como com a agua das chuvas que, morando para o lado das estrelas, outro destino não tem senão cair na terra e fazer lódo. A's vezes dele nascem flores, certas só nele se dão; mas esta leiva amontoada até á altura dos meus olhos, nunca deu, que eu saiba, mais que um triste gaipo de ortiga. Dirão: há ainda a palmeira. Mas essa, estou certo, não vem nem vive da lama. Ha mais, ha ainda mais, ha a minha dor e o mar cinzento que me bate de encontro ao craneo, mas não o quero mostrar por hora...

E ha ainda que em certas noites, quando as nuvens se apagaram da folha celeste, uma lua muito polida rebola pelo telhado e espreita cá para baixo, para este poço onde jaz a palmeira, chora a minha vizinha e eu vivo enterrado á espera da morte. Suspende-se um momento com a cara chegada ás telhas do beiral, por cima da trapeira, debruça-se e olha... No fundo, inquietos, todos esperamos. Então, alonga sobre as bicas de barro a face corroida e das entranhas da cisterna tudo o que vive se finca melhor na terra para olhar o

ceu: a palmeira arqueja os braços, como quem enche o peito de ar para crescer; eu resurjo meio corpo e sento-me no traço do postigo, a creadita, a vizinha alonga pela trapeira o busto encharcado em algodão azul, espantada que uma lua que passeou campos de milho em flor tenha a bondade de vir olhar o abismo onde jazem tres creaturas. E só quando a madama, mirado bem o poço e a sua fauna, se desprende do telhado para o espaço e atravessa aquela nesga de ceu em esmalte como presa por um barbante, tal a Estrêla nos mistérios do Natal, só então é que a minha vizinha da trapeira alegre o rosto, abre os olhos para a chapa exótica cravada num fundo transparente e fica bem quieta, estática, a olhar até que a lua, presa do barbante, salve o abismo onde vivemos. Uma chaminé desprende até nós a sua alma e manda a sombra escorregar pelas paredes, rastejar pelo chão, lambar a pedra do meu postigo e, conforme a lua vai andando, sóbe, sóbe, para de novo se lhe meter no corpo, quando a lua se sumiu. Como certas bocas, esta chaminé só produz fumo e escuridão e só por isso se nota; e é por isso que lhe não entendo o interesse duma cova onde vivem a creada, eu e a palmeira. Deu-se isto em muitas noites. E era à noite que eu olhava para mim e me sentia mais homem. Não precisava desabotoar o casaco para ouvir sob os dedos o coração; da minha vida passada tudo era claro e aborrecido, informe como gota de azeite num rio imovel. Querria ter sido qualquer coisa de extra-humano, e sentia uma sombra espessa atafuhlada de encontro á boca. Porque se calava a palmeira ao pôr do sol? Quem lhe fazia mal em noites de vento? Porque chorava sempre a creadita? Ah!, a esta hei-de eu falar, ha-de entender-me porque veiu do campo. Hei-de contar-lhe das serras, dos borregos e sentirei cá debaixo os seus olhitos achinesados boiarem, nostálgicos. Terei a ilusão dum companheiro, e será como se por sob o vestido de chita azul as minhas mãos lhe sentissem palpitar, no sitio onde os seios vão nascer, um coração pequenino, alegre, esperto como um relógio de pulso; será como se tivesse nos braços aquele corpito vibrante porque em seu cérebro passou como rajada a visão colorida duma serra violeta, manchas de sol na grenha dum pinhal, o chocalhar distraido dum rebanho! Ah!, hei-de torna-la feliz nem que seja durante um segundo e por uma ilusão. Mas se eu não consegui ainda viver, como posso dar-lhe a sensação da vida? Se nós somos ambos no mundo inadaptados, batidos, se ela chora porque não sabe revoltar-se, se eu me revolto porque não sei chorar, como hei-de falar-lhe á alma serrana, eu que das serras só conservo a mudez profunda em lembrança? Ergueu-se o vento e parece cair às bategas sobre este poço. Muito baixo, à minha cabeça exaltada começam a chegar as falas da palmeira a bradar neste deserto de quatro palmas. O vento passa como um tufão e só agora reparo que os braços da arvore ficaram todos partidos, estorcegados...

M. C.

Os nossos assinantes que desejarem obter a 1.ª série do "Triptico", podem dirigir-se à redacção ou à Livraria da Empresa "Lumen", Editora.

Publicamos neste número, em separata, um retrato de Anatole France, gravado em madeira por João Carlos.

DIOGO de MACEDO, estatuário

O Artista é, de todos os homens, o que mais perto está de Deus pela semente de immortalidade que lança à Terra. A vida é uma continuada luta com a morte. Palpamos e sentimos a sua frialdade em tudo que nos rodeia e fugimos dela como se houvesse algum canto do mundo onde suas gélidas mãos não chegassem. A suma preocupação do homem no curto espaço da sua passagem sobre a Terra — é perpetuar-se. Procuramos, aflitivamente, deixar no mais insignificante gesto, dedadas de eternidade, sinais impercíveis da nossa existência.

Soyez profondément, farouchement veridiques, pronuncia Rodin no testamento legado a seus discípulos. Sublime apóstrofe da boca dum moribundo! Verdadeiros, sede verdadeiros! Eis o grito do que tocou o fim e entreviu por momentos a immortalidade da sua obra profundamente verdadeira. Só a verdade não morre. Assim como a terra anda agarrada às raízes das árvores, a verdade anda presa ao que é eterno.

Na escultura de Diogo de Macedo arde a apóstrofe de Rodin. A verdade caminha do interior de suas imagens como se viesse do próprio regaço de Deus. A cabeça de *Antero*, flutuando num mar de misticismo, com uns dilatados olhos que nos trespassam sem mesmo nos fitarem, foi gerada nesta infinita verdade. Mas, porquê falar aqui de Diogo de Macedo? Vi há pouco tempo alguns de seus trabalhos e, foi tamanha a impressão por eles deixada, que me sinto no dever, quanto mais não seja para comigo próprio, de traçar duas linhas sobre o Artista. Visão crítica não a tenho. Siuto o que é verdadeiro que tanto monta dizer o que é belo: e a profunda belesa pertence a todos os olhos. Às vezes penso até que ser-se senhor de tal vizão é ser-se escravo da insensibilidade. O crítico assemelha-se a um deus. Descerra as palpebras e vê tudo — vê aquem e além da perfeição. Anatole France entrevendo-se por instantes Deus sente saudades da sua humanidade e exclama: *ma faiblesse m'est chère. Je tiens a mon imperfection comme a ma raison d'être*. E, na realidade assim acontece. Possuir a sabedoria das sabedorias, saber porque as flores da amendoeira são brancas e qual a essência das lágrimas, equivale a ter perdido a humana faculdade de sentir. É da nossa imperfeição que nasce a dor, mas é na dor que floresce a belesa.

Sou em crer que a escultura é de todas as artes a mais humana. Criar



à nossa imagem e semelhança, pôr um coração a bater dentro do bloco dum peito, iluminar uns olhos sem sequer lhes dar luz, talhar a piedade na face imovel duma pedra — é ser-se homem e mais do que homem. Além disso o Mundo é feito de volumes. Só abstratamente existem linhas. Os corpos que nos parecem ter apenas superfície surgem-nos com três dimensões. A distância afiguram-se-nos formados por aquela extensão que os olhos vêem; mas, mal nos aproximamos, descobrimos pelo lado detraz mais alguma coisa. As mãos do escultor só criam volumes — só geram verdadeira vida. E, curioso é notar que, ainda desenhando mantém a mesma, tendência plástica. Diogo de Macedo, em seus delicados *croquis*, continúa sendo modelador e, se quizermos observar esta verdade, basta lançar a vista para os seus desenhos do «Album de Portugal».

Dêle são as *Tricanas* que aqui publicamos. Os corpinhos elevam-se do fundo como que animados e são as carnes nubes que se agitam e contorcem na paisagem de choupos suspirosos. Tudo se eleva, tudo caminha da face lívida do papel para os nossos olhos.

Na obra de Diogo de Macedo há uma continuidade que não salta à primeira vista mas que se adivinha. Diogo de Macedo segue um caminho marcado embora insensivelmente, uma mesma mão conduz os seus trabalhos, e, ainda que por vezes se note um retorno, logo o escultor retoma o caminho iniciado deixando pela estrada o selo da sua dolorosa alma, nuns braços que se erguem para o céu, numa cabeça cheia de sofrimento que pende para a terra. Foi esta a impressão primeira que me ficou das poucas peças escultóricas que do estatuário vi: bronzes já expostos, mármore, gessos e alguns esboços que modela no intervalo das obras de folego com grande celeridade. Ao tralar o corpo humano, o artista imprime na carne das estátuas a vida que vem de dentro e, propositadamente talvez, esquece as

atitudes para mais realçar a humanidade.

Em seus nus não há impudor. Adivinha-se a pureza primitiva na ingenuidade das mulheres de cabeça recolhida nos braços. Todas são Evas em quem respeitamos nossa primeira Mãe.

O bronze, *Construtor de Catedrais*, um colosso empunhando uma pá, feriu-me pela robustez da execução. Cheia de tenacidade, esta escultura de reminiscências cubistas, realça a fortaleza de seu talento. A par disto, Diogo de Macedo, entrega-se amorosamente ao amanho do barro e seus esboços, dum delicioso talho, guardam a ternura das mãos criadoras. Uma teoria de figuras, a gama do amor, desde o enleio inicial ao desespero do desamor, prendeu-me saudosamente o coração, e um *São Sebastião* martirisado invocou-me o Santo de D'Annunzio morrendo entre cânticos.

Diogo de Macedo é lírico e trágico ao mesmo tempo. Pio Baroja chamar-lhe-ia *Humorista* em virtude da sua piedade soberana. Romântico já o foi e nunca o deixará de ser, embora veladamente. — Afinal todos nós somos românticos, pobre humanidade! — O seu último trabalho é talvez das suas obras mais serenas. Uma cabeça de Nun'Alvares, calva como a palma da mão, uns olhos pequenos donde sae uma chama que não se sabe se é do céu se da terra e a barba em ponta caindo sobre o hábito. É o Condestável recolhido ao silêncio do claustro, mas conservando a viveza do século. De todas as cabeças é esta que tem mais intenção. Inteligência bastante há na interpretação do retrato donde foi copiado. É uma das características da escultura de Diogo de Macedo a inteligência, uma subtil inteligência, penetrando tudo, virando as almas do avesso.

O talento do estatuário está consagrado. No Museu de Arte Contemporânea há já um busto saído de suas mãos, a *Niña de Velasquez*; no Museu de São Miguel de Seide, o seu *Camilo* fala baixinho para as pedras que lhe escutaram as lágrimas. Diogo de Macedo, porém, não se preocupa com estas consagrações e trabalha, continúa sempre trabalhando no desejo de atingir aquilo que ele tem a certeza de alcançar.

Propus-me falar do escultor e falei, se bem que tivesse muito da minha admiração para dizer, também, do pintor e homem de letras. Que ele me perdoe, no entanto, as palavras desacertadas que sobre a sua personalidade escrevi — elas são sinceras, e a sinceridade é meio caminho andado na senda da verdade.

JOÃO GASPAS SIMÕES.

(continuação da página 2)

O *Calçado*, assente nas patas, de trás, movia lento entre as mãos duas espinhas de peixe, que devorava regalado. Tinha à ilharga a cadela do Garrancho, côr de café com leite, atarracada, que lambia duas folhas de couve na borda duma tigela e olhava de revés para a *Somitega*. Era uma cadela de *illa*, especial e muito quadrada de membros, vaga parenta dos *bull-dogs*. Não pertencia a pastor nem lidava com reses por officio — que, farta e regalada, com dono farto de rendas, passava a vida num casinholo catita de criptoméria tenra. Mas o Chórica ou os seus homens não a empataavam, se vinha, fugida como sempre, desembaraçando-se da grossa coleira de coiro com muita ginástica de cabeça.

O Chórica ou os outros — arrelivavam-se. Experimentavam escarmento com pauladas, moledos postos de rebôlo, mas ela ficava atrás, de esprieta (a corsarional!), e pouco depois lá estava ao pé dos companheiros, com passos manhosos e leves. Era admirável de estampa, alta, com uma malha negra na maçã do rosto, e duas orelhas quebradas e flácidas, dum tecido corredio. Os olhos debruavam-se-lhe de listas, como veludo, eram claros e braseirosos de noite, e o pêlo do peito descia num amarelo-barro, que ela encardia nas ervas. Fora de horas, no casoto, dominando a quinta, ladrava com fúria às sombras e aos rufos estranhos de roda. Se, perto, caracóis iam de muda para a horta, com a mochila às costas, e sobre folhagens caídas faziam quebrar os rebordos ou rastejavam nos pedruscos, a *Somitega* baixava a cabeçorra quadrada, o lombo virgem de afagos, transpunha cautelosa o buraco da toca e lançava um berreiro pomposo, como uma buzina, muito ao largo.

O sr. Sequeira, seu dono, gostava do bicho a valer, pois lhe guardava a fazenda. — que isto, os ladrões são aos centos, mariolando, e o cheiro das abóboras novas, sobre os alpendres, é sinal certo da apanhadura de milho que atraí os larápios em Setembro. Dava-lhe gamelas cheias de lavagens, e ossos; e duma vez, que o Joaquim Tarro saltara ao curral das bananas, porque ela o mordeu nas canelas teve razão melhor, e até rosquilhas. Pobre Tarro! Escalavrado da perna e inda por cima chamado a uma polícia, os pés sangrando de testos... A cadela era uma toira, mas tinha repentinos bons, às vezes. Saltava então à esquerda e à direita, prês e cheia de júbilo, como uma papagaia loira em suja gaiola de lata. Tivera um tio podengo que dava o pé, ensinado; e, mais remotamente, em quinto grau talvez, uma prima como uma *boa* de senhora, a *Mascote*, que as meninas Sequeiras traziam no regaço e brincavam com fita ao pescoço. Isto de parentela, vagamente lhe contara a mãe, na palha fina de puérpera, quando a *Somitega* se lhe coçava às maminhas, negras como apagueiras de capela, um pingo de cera na ponta. Nesse tempo era tenra, e a sr.^a Domitília roubava-a do chôco para as meninas depois fazerem judiarias, pondo-a de pernas ao ar, a ver-se o papo côr-de-rosa... Davam-lhe até sopas de leite, e biscoitos esmiolados. Crescera. Um dia mordeu uma visita, com fôrça. Lembrava-se. Alombara com a tranca da cozinha, puseram-lhe um açame como quem relha uma guecha e — zás! — com a tesoura de aparar as torcidas, a Domitília cortou-lhe uma mancheia de cabelo. Ficara feia, como se a tivessem pelado, e durante dias, no quarto de peneirar, lageado, fiseram corropio dobrada, coçando a pele na lombeira. Bons tempos... Permittia-se então, no quarto de costura, alçar a perna inocente e inquieta, mas af por volta do ano já a expulsavam de casa, com a bengala do senhor:

— *Somitega!* Passa para a rua, cadela! Ora a fedorenta!

Insistente, dormia no capacho os longos sonos mornos e às vezes rapava na porta, ou batia com o cotovelo como uma visita de cerimónia. Assim enganava a criada, que a espancava com um terrível cabo de vassoira, correndo-a escada abaixo. E eram injustos, batendo-lhe. Ela tinha fidalguia pura, galgos de rei e sambenardos mansos e ascéticos. Um avô, o *Roldão*, jogava o pau desiramente, e um dia salvara um menino à bôca duma ribeira, como se fôsse a Moisés. E quando olhava, em pequena, a oleografia enorme de S. Domingos, ladricando, estimava de ver alguém da sua igualha com um archote na bôca, ao pé do pio varão de saia branca.

Quando os pastores largaram, de bordões, para apartar os toiros, assobiaram forte pelos cães, que se lançaram de gargalhão entre as ervas, sumindo os corpos na tenrura. Pelo plaino ia a pastagem tosquiada e raras poças guardavam gota de água para um molhar de língua. Longa, a estrada era uma fita cortando-o, qual papagaio de rabo, grande e de papel, que cair fôsse muito longe, estiraçado. Viam-se no descente, para algares profundos, rabadas marcando compasso binário à música mugida, as galhaduras erguendo-se como estantes de côro nas reses tôdas quietas, ou então progredindo quasi em passadas de estaca, no estiração dos rebentos.

Chórica foi o primeiro a investir com o gado. Fez um rodêlo largo e sorrateiro e, agachando-se, mandou o *Calçado*:

— Pega, cão!

Pedra de funda não partiria mais célere, a rasgo direito no ar como vergasta. De entre a manada, que fôra cerrando à laia de hoste, o *Broco* sobressaía pelo vulto redondo e bem boleado de anca. Mesmo na orelha foi que o cão se lhe filhou, e pendeu, nem chouriço. Então o Trangola avançou com a *Ligeira*, que fechou tenaz de bôca numa canela do *Broco*. O côro era moroso e difícil, todo de ardis para as vacas e os guechos céleres. Como era grande a manada, carecia haver fino no caminhar entre ela, geito e disfarce, como quem não quere a coisa e por fim lá se vai, a encurralar os que marcou. Ora, assucedeu que nesse dia, um pouco mais atollado, o Chórica malhou à farta nas lombeiras com o bordão de castanho. Cada cepada, que te parto, e é que partiu sem querer, pois a *Briosa*, afrontada na sua, largou num galope doido, e foi cair, espapaçada, à ribanceira. Todos os homens deram um grito ao mesmo tempo, houve um toiro que berrou como com pena, e chegando-se à beira do valado, o Xaviel deu com a rês retorcida, um corno encabado entre pedras. Lançaram-se à uma os pastores para aquela banda, agarrando-se ao calhar. Vinha descendo do céu uma tarde leitosa e fina. Por sobre a Serra da Praia, uma negra massa de nuvens botava a correr desordenada, deixava frangalhagens nos ligadoiros dos muros, e embrulhando-se na luz viva do sol que já se punha, assomava em pequenos trapos de côr: côr de laranja, côr de vinho e rajados. O gado, que cuidadoso rofa o pascigo farto, foi-se chegando para o valado, lasseiro. Eram bezerros dum pêlo lustroso, guechos de galho bem feito, calhamaças de vacas velhas com toiros na cola buliçosos.

Primos do gado de corrida, mais longe, os bezerros mansos traziam os cestos de relhar botando escuma por fóra, e pareciam anjos do céu disfarçados naquele campo com cabazinhos de lrios. As mães, bimbalhantes de mofo, traziam à idea mulheres, com massa sovada a pingar leite.

— Cerca daí...

— Bás-trás!

Que pena! Aquela rica estampa da Briosa, irmã do Lagarto do ti Cândio, estoirada para ali sem concôrto, entre uma machuca de feito! Esperneava açodada e escorria-lhe o sangue em tornos quando o filho do Xaviel lhe pôs uma compressa de trevo na ferida maior da cabeça. Dalí a morte era um passo. Que fazer? Mas o Garrancho descortinou na estrada o sr. Joãozinho que andava por li a cavalo, com quatro capotes na garupa:

— Vamos chamá-lo?

— Pois sim. Pode ser que o Padrinho inda a salve.

Escoroçoado, porém, é que o Chórica assim falou. O Trangola botou-se ao caminho e troive o homem:

— Ah, sr. Joãozinho, que isto era tal qual uma pessoa! A nossa Briosa!

O padrinho do Chórica traçou o capote pelos ombros e abai-xou-se. Ali à mão, para remédio, só uma gôta de aguardente que trazia num frasco no bolso. Tirou-lhe a rôlha de vidro e alagou a compressa da vaca. Ainda ficava um pingo:

— Bebe-o a gente. Sempre aquece...

— Aquela alma é que está fria gelada, meu padrinho.

Diabo do Chórica, homem como poucos, e agora a esba-goar-se de chôro que nem que mamasse ainda! Também não era dêle só, aquele poisar-se pasmado diante da rez que morria, babando-se, os grandes olhos esmorecidos como brasas com água por cima. Os outros cercavam-na também.

— Pois é verdade, meu afilhado. Vai-se-te uma cabeça bem boa...

— Vacas é o menos que falta, sr. João Mendes — opinou o gorgulho do Teotónio. — Só o sr. João de Ornelas e o Almeida têm mais duma sebe delas!

— Carece ter com quê para as mercar.

— Isso é bom para o tio e para a gente — voltou o pisco ao Trangola. — O sr. Airora é o home mais rico desta terra.

— Pois sim — disse o Chórica. — A gente é que cria amizade aos bichos...

Calaram-se. Já havia uma muralha em redol, de galhaduras baixas, tocando umas nas outras como o Finório amolando distraídamente as navalhas. Fios de baba luzindo, com as côres do Arco da Velha, pingavam melados e tristes. As vacas pareciam viúvas, de anôjo, e os bois davam ares a orfãosinhos que tivessem ficado ao desamparo, berrando e estendendo os focinhos. Foi apertando a manada e enristecendo. O sol pôs-se à procura da sua tumba roxa. E, já abalados os homens, no vir da noite mansa, quando as estrélas começaram lá em riba a vigiar para baixo, ainda o gado era visto de vela à vaca morta, já toda coberta do sereno.

(1922).

VITORINO NEMÉSIO.

número

4

série

2

PUBLICAÇÃO MENSAL DE:

Afonso Duarte — Alberto Van Hoertre de Teles Machado — António de Sousa — Augusto Telo — Branquinho da Fonseca — Campos de Figueiredo — Guilherme Filipe — João Gaspar Simões — Vitorino Nemésio.

Número avulso 1\$50; Série de 3 números 4\$50. Redacção: R. dos Coutinhos, 3

Coimbra

15

novembro

1924

tríptico



[Handwritten signature]



arte
poesia
crítica

5

32
2

BALADA DA PRIMAVERA E DA JUVENTUDE

Primavera!... Primavera! .. É ela que chega, coroada de rosas, enfeitada de grinaldas, como na « Alegoria » de Boticelli!

Andam canções de amores e desejos, silenciosas músicas dionisiacas, de ressurreições e de triunfos, dissolvidos no ar, à mistura com perfumes estonteantes!

— Vem tu daí, oh minha encantadora Cloë que o sol esculpiu! oh minha Musa frágil, humana e real de carne e osso! Ao pé de ti, eu tenho sempre dezoito anos!

Eu que, às vezes, julgo ter sessenta, e que, a miúdo escureço a existência de amargos desalentos e pessimismos senis! mas que a enterca-lo também de frêmitos doidos, de garrulices matinais de colovias, arvêloas ou criancetas pequenas!

Vem! tu és daquelas que sabem fazer-nos esquecer do que há de cruel e de estúpido, de absurdo e de trágico e, sobre tudo, do que há de antipático no mundo, para que fiquemos a sentir a vida como uma clara canção de espuma, bebida na corola duma flôr!

Sim! Tu consegues abolir a tragi-comédia social, destronar a gravidade, desprezar as falsas categorias, quebrar as pesadas cadeias que a mentira forjou, — tu, tão caprichosa e frívola!

É que a tua frivolidade é transfiguradora e maravilhosa, e vale mais um teu sorriso do que tôda a vã petulância e fátua consideração de todos os mandarins e conselheiros do orbe!

— ¿E tu, oh minha divina Beatriz ideada em alma, oh minha Musa ideal, perfeita, saudável e inexistente! que és, em imagem feminina e graça pura, essa ância de absoluto que a minha alma guardou, ao tombar do céu?!...

Quando tu vens, eu já não tenho idade! Eis-me liberto do tempo, a viver, por uns segundos, o eterno extase dos que contemplam a face do Senhor, embalados pelos coros dos anjos!...

— Primavera!... Primavera!... Ouço-a cantar, numa deliciosa perturbação, no meu sangue e na minha alma!

E sinto em mim um excesso de alegria e um excesso de sonho, que aneiam por comunicar-se!

É a minha juventude que se exalta, à passagem das brizas primaveris, prenes de músicas e aromas, que a desafiam e encrespam!

Primavera! Juventude! — excesso de vida, exuberância de seivas, ligeireza e graça de movimentos, opulência de côr e de sonho!

E este excesso que aquece o meu sangue e dilata a minha alma, deseja transbordar, mas exige convívio activo, livre e harmoniosa sociabilidade!

Necessito dar-lhe o que me pede, sob pena de que se rebele, e me prostre de inação e desalento.

A tristeza e até mesmo o desespero podem resultar dum excesso de exuberância e juventude inaplicadas.

— ¿Quantas criaturas vivas e ardentes sofrem e adoeçam da dificuldade de se comunicarem, ou da maneira, passiva e fria, como as outras criaturas correspondem aos seus « élan »?! Vidas de fôgo que aneiam por sair de si mesmas, mas que, vendo-se cercadas de gélo, voltam a retrair-se sobre si!

Mas vinde vós também daí, os que sois jovens de coração e de espírito! Quero dar-vos da minha alegria e do meu sonho, e compartilhar também da vossa!

Sacudi os conselhos e a influência das pessoas graves e prudentes em demasia, e vinde! Porque, olhae — quero dizervo-lo — « a gravidade é um mistério do

corpo inventado para encobrir os defeitos do espírito » (1). Assim a definiu um moralista.

E trouxe convosco, os que as tiverdes, as vossas noivas e namoradas, e celebrémos todos, com a minha amada e encantadora Cloë, a Festa da Primavera e da Juventude!

A presença das donzelas desenevoa o coração e os olhos, e revela aos nossos pensamentos o segrêdo das linhas persuasivas e músicaes.

A mulher deve representar, ao lado da vontade criadora do Homem, empenhada na lucta pelo império do espírito sobre a matéria, — a Graça inspiradora ou a Formosura, que « não é outra coisa que o império da forma sobre a matéria ». (2)

Trazei pois, as vossas noivas e namoradas!

(Só a minha adorada e divina Beatriz não tomará assento entre nós... porque não é deste mundo! Bem pode ser que nos acompanhe do alto, em presença espiritual!).

Mas que venham apenas os verdadeiros jovens! (São bem mais raros do que se imagina!).

Conheço tantos homens que têm e tiveram vinte anos, e que não sabem o que é a juventude! Outros que não conhecem senão uma juventude incompletíssima e grosseira — a juventude dos instintos brutais!...

Cuidado também com aqueles que, no intuito de parecerem jovens, se põem a fazer pinchos, cabriolas e esgares de macacos, pretendendo que ninguém as tivesse feito antes deles! Fingem desconhecer a sua ascendência, e não desejam mais do que serem notados.

Notai-os se quizerdes (talvez seja caridoso contentá-los), mas não acamaradeis com eles!

Todos êsses, que se não aproximem! Desintender-nos-íamos, e a nossa Festa, em que deve celebrar-se religiosamente o mistério da Harmonia, seria maculada por eles. Em compensação, devemos abrir alas a todos aqueles que, aos quarenta, cinquenta ou sessenta anos, guardam a juventude do coração e do espírito.

— Camaradas, façamos destes nossos Mestres!

— Celebrémos, Camaradas, a Festa da Juventude!

Vêde como a terra e os céus a celebram! Como se vestem de galas, florescem e iluminam!

A Primavera é a juventude do mundo, eternamente renovada, de ano a ano. A Juventude é a perecedora e fugidia primavera do homem.

Pois vistamo-nos também de galas, floresçamos e iluminémo-nos também nós!

Vêde como as aves a celebram: como desferem nos ares as curvas dos seus vôos, ébrios de azul! e como se desentranham em melodias contentes e luminosas!

E olhai as águas, como cantam ligeiras e transparentes.

E o vento como tira da sua fruta os sons mais doces, cariciosos e brandos! E as borboletas como bailam, fontas de luz e arômas!

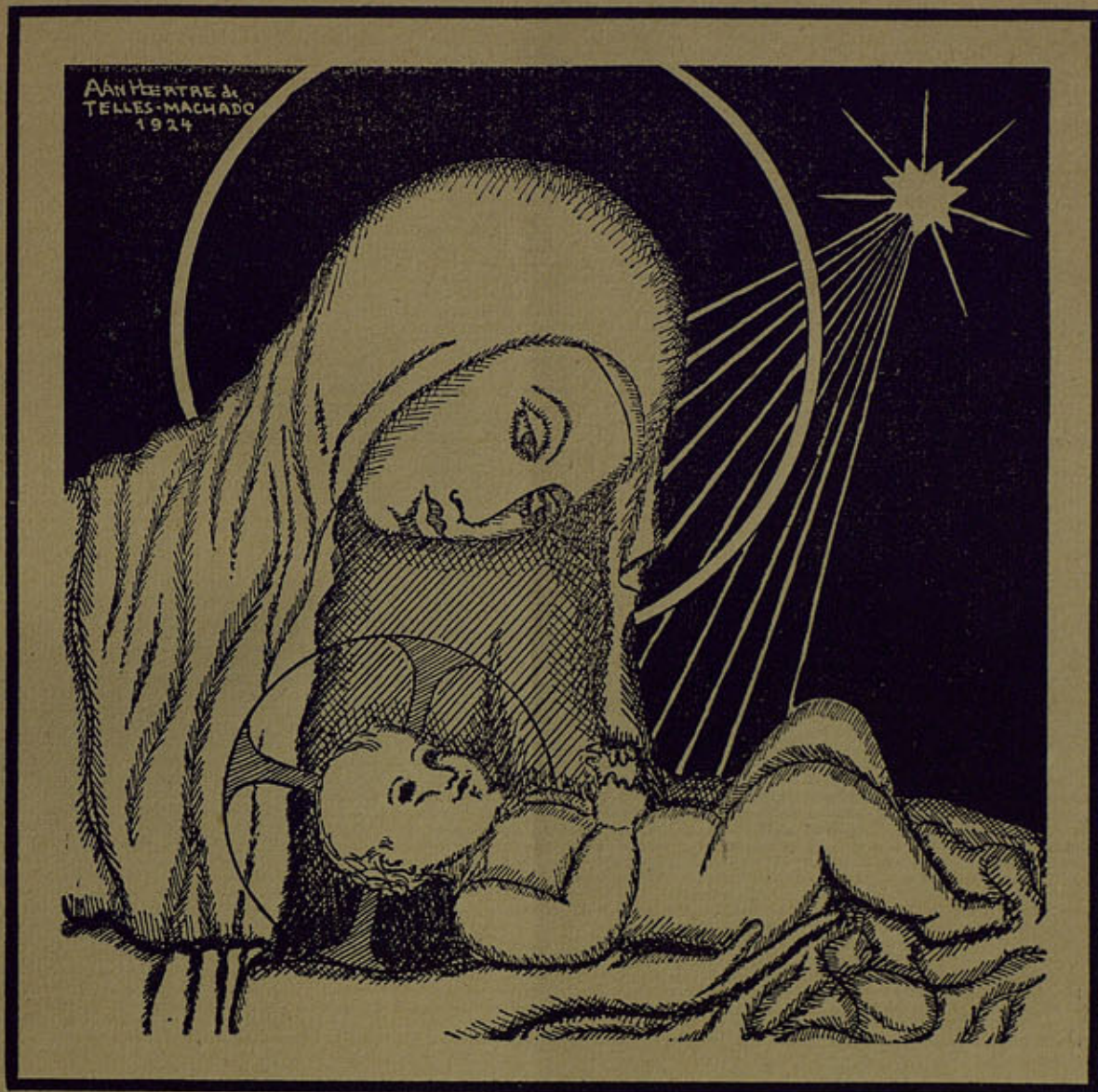
Pois voêmos e cantêmos nós como as aves, corramos descuidados também como as águas, e bailêmos como as borboletas! e como o vento e tirêmos das nossas frutas os mais doces, mais limpidos e amorosos ritmos!

— Celebrémos, Camaradas, a Festa da Primavera e da Juventude!

ANTÓNIO FERREIRA MONTEIRO.

(1) La Rouchefoucaud.

(2) Manuel Bernardes.



"triptico"

TELES MACHADO
"DESENHO"



Faint, illegible text or markings at the bottom left of the page.

Faint, illegible text or markings at the bottom right of the page.

O MÊDO DAS SOMBRAS

*Rondam sombras pelas telhas.
Não é vento! São andanças
Das bruxas! As bruxas velhas
Chupam o sangue das crianças.*

*A mãe dorme, a filha ao pé,
Em casa de télha vã
Onde nem há chaminé.*

*É de interiores deserta
É tóda uma casa aberta
A chuva e sol da manhã.*

*A filha diz para a mãe
Como a mãe responde à filha,
Por que este drama não tem
A mais do que mãe e filha:*

— Mãesinha ¿ que é, — que é!?

Nem vento, nem lua cheia,
Nem sombra que se dê fé
De algum morrão de candeia.

— Mãesinha ¿ que é, — que é?!

Não luz vidro no soalho,
Nem há lume de tição,
Está a gatinha ao borralho.

Oh, dorme, meu coração,
¿ Susto, filha, não te dê!
A água do bebedeiro
Espélha luz que se vê.

Longe vá o mau agoiro,
¿ Benza-me a luz que nos olha,
Quem não existe, não é!
O pucarinho de fólha
Lá está no mesmo pé.

— **P**ela télha destilhada,
Minha mãe, minha mãesinha,
¿ Voar nêgro de andorinha
Com risos de gargalhada!

A água da bica lá fóra
Corre, corre que se chora,
Filha minha, ¿ não tens sêde?

— **C**omo peixinhos na rêde,
Sombras, ¿ ó mãe!, na parêde.

Não é nada, não é nada.
¿ Buraco da fechadura!
Em rosa de luz coada
Será a luz da madrugada
Que vem em nossa procura.

AFONSO DUARTE

VISÃO

Desconheço a matéria de que és feita,
Que mão febril, teu corpo modelou;
Minh'alma, ao pressentir-te, insatisfeita,
Como as ondas do mar, se alevantou!

Oh femenil visão, clara e perfeita,
Que o meu olhar profano, dissipou:
Névoa, que a luz do alvorecer, enfeita,
E o hálito da aragem, dispersou!...

Ando no céu, na terra, a procurar-te,
Para meu coração todo entregar-te,
Para beijar o rasto dos teus pés...

Mas quanto mais minh'alma te procura,
Mais teu vulto se perde na fundura,
E por ti morro, sem saber quem és!...

Coimbra, 1924.

FAUSTO DOS SANTOS.

LOUVOR DA ÁGUA

Cais da bôca da fonte para o chão
e desces, nunca tens outros desejos...
Chama-te a sêde ao limiar dos beijos,
corres depois direita ao coração.

Nuvem do céu às garras do destino,
vieste à terra amaciar montanhas
e a terra chorou-te das entranhas
e vestiu-se de inverno, ó desatino!

Imagem da humildade e da ternura,
e da violência tôrva e da loucura
e da vida — que a vida é tudo isto...

Ó mais humilde! — « Os últimos primeiro... »
Desces ao barro, à lama. Em mãos de oleiro
és figura de Buda e Jesus Cristo!

BRANQUINHO DA FONSECA.

QUIMERA

Quisera ser luar doirando os ninhos,
E baixando o olhar doce sôbre as eiras...
Ter a doçura branda dos arminhos,
Humilde como as águas das ribeiras.

Pranto das despedidas derradeiras,
Ou orvalho caindo nos caminhos:
Viver no lume quente das lareiras
Para aquecer os pés aos póbresinhos.

A alma da noite... duma fonte... um éco...
Dobres dum sino ao longe... um galho sêco
Para depois ser fumo pelos céus.

A bruma que se esvai nos horisontes...
Uma árvore — quisera ser — dos montes
De braços sempre erguidos para Deus!

Beira Baixa, 1924.

JOSÉ CRESPO.

M A R I A M A D A L E N A

.....
Acharam-no morto no banco de pedra, a boca e os olhos abertos. No chão, um rôlo de pergaminho estava desenrolado neste ponto:

«Atende-me, Senhor, com presteza; o meu espírito desfaleceu.
«Não apartes de mim a tua face...»

Vieram carpideiras, vieram tocadores de flauta, fizeram-se grandes prantos. E o velho lá ficou perfumado de aloés, enfaixado em linhos brancos, de pé no seu largo sepulcro aberto na rocha. Maria, Lázaro e Marta estavam orfãos. Lázaro era honesto e severo, Marta laboriosa e púdica. Maria começou a aborrecê-los. O seu temperamento desabrochava, exaltado e nebuloso. Fizeram-se mulher muito cedo; e era tão bela, que a sua beleza inquietava os irmãos. Os moços nobres de Jerusalem vinham muitas vezes até Bethânia, montando os seus cavalos sírios. Usavam longos brincos nas orelhas, o cabelo caía-lhes nos ombros em cachos frisados, e alguns pintavam-se como prostitutas. Maria sorria lhes, de passagem, mas pouco atentava nêles. Enamorara-se do seu próprio corpo, e só a sua formosura a preocupava. Comprava os aromas e os tecidos mais caros. E passava dias inteiros estendida no seu leito de peles, entre almofadas de panos fenícios, vestida de gala como se esperasse um rei. Isto irritava Marta e enfurecia Lázaro. Então, apesar de mais nova, ela tinha para os dois respostas sibilinas e altaneiras. Nada a satisfazia. As crises de paixão, de entusiasmo, de desânimo, de exaltação, de desespero, sucediam-se nela sem causa aparente. E cada vez se fazia mais enfasiada e mais lânguida, tomando por grandes desenganos as pequenas desilusões da sua vida.

Nas tardes mornas, quando o ar é como um bafo amoroso, subia ao terrado a tocar cítara. Às vezes consentia que uma escrava negra a seguisse. A negra lembrava-se da sua pátria longínqua, e dizia-lhe histórias de monstros divinos. A sua voz tremia de lágrimas afogadas, como uma corda ferida pelo tocador... Maria punha a cítara de lado, sonhando com outros mundos e com outros séres. Depois, com um gesto cansado, despedia a escrava. Era a hora em que a lua surgia, vermelha e fúnebre como um sol ressuscitado. Pequenos rumôres esmoreciam ao longe: o tintar dum rebanho, uma voz fugindo, latidos de cães, um grito perdido. Como que se fazia uma suspensão em tudo. E na primeira absorção do luar, parecia ver-se a paisagem através dum vidro esmaecidamente azul. Prêsa dum longo devaneio, Maria esquecia-se a olhar. Como o seu pensamento, os seus olhos passavam e repassavam sobre coisas já bem conhecidas. Sonhos mórbidos lhe bailavam na imaginação. Vagas melancolias acudiam de muito fundo. Mas com tal paixão ela procurava gosar o seu próprio abandono, que nada chegava a tomar corpo no seu espírito vagabundo. Então, um pormenor bastava a entretê-la horas inteiras: Escutar o sussurro duma água invisível; seguir a linha luminosa que vincava ao longe o desenho das serras. E um delicioso cansaço a prostrava. De face nas mãos, toda ela se dispersava como um fumo. Só então era feliz.

Outras vezes, tocava. Ia improvisando, e os seus dedos inconscientes exprimiam coisas profundas. Sem querer, ela começava a reparar na sua própria música. Os sons esmoreciam, reanimavam-se, perseguiram-se, arrastavam-se — e ela

tinha a impressão de ser uma estranha quem tocava. Mas como tôdas as suas angustias choravam nessas notas, acabava por soluçar sobre a cítara. Quando não soluçava era pior: Uma bola de aflição lhe subia á garganta, sufocando-a. Ela deitava as mãos ao seio, e rasgava a túnica com as unhas. Uma noite, Marta veio encontrá-la assim: Abalada de espasmos, beijava furiosa o braço rijo e frio como o duma estátua. Lázaro quiz então casá-la. Um homem de Galaad, que enriquecera no comércio dos aromas, adocera por ela. Desesperado da sua recusa, um mercador da Galileia enforcara-se numa figueira. E pretendiam-na outros que tinham tesoiros em arcas de cedro, e outros que só tinham a sua mocidade e o seu desejo. A todos Maria se recusou, pretextando que não nascera para espôsa. Então, perdido, Lázaro disse-lhe como as mulheres de Bethânia a julgavam, acusando-a de continuar a espicaçar o desejo dêsses que recusava... Ela ouviu-o calada, livida, com um sorriso tremendo nos lábios brancos. Aquele sorriso desesperou-o: Agarrando-a pelos ombros, com a cara sobre a dela, o irmão perguntou-lhe qual era, afinal, a sua vocação, visto não ser a de espôsa... Mas largou a logo, vendo-lhe o sorriso transformar-se num esgar. Desamparada, ela atirou-se ao chão em gemidos, esfarapando o vestido com a espuma na boca; até que ficou pálida, fria, com os dentes cerrados, os cabelos soltos, o seio nu, e tão bela que o irmão desviou os olhos. No dia seguinte, Lázaro e Marta combinaram leva-la a um tal Azôr, da seita dos Essênios, que vivia nas margens do Mar Morto e tinha o poder de expulsar os demônios. Esperaram, no entanto, vendo-a mais doce e mais activa. Corria agora todos os cantos da casa, demorava-se no jardim com as flôres, chegava a querer imitar Marta e ajudá-la. Sorria e falava com meiguice. Mas como o seu sorriso era forçado, e a sua meiguice rebuscada, Lázaro e Marta adivinharam o seu violento esforço sobre si mesma.

Certa manhã, não apareceu á hora costumada. Receando que ela estivesse doente, Lázaro subiu a bater-lhe á porta do quarto. Ninguém respondeu. Bateu forte, mais forte, e acabou por forçar a porta: Numa lampada de barro, uma luzinha mortiça expirava; e uma túnica azul ficara esquecida, as grandes mangas abertas, sobre o leito ainda intacto. Lázaro compreendeu que Marta fizera mal em chorar tão alto, porque já os vizinhos acorriam a indagar. E atormentado de suspeitas, correu o pomar e a horta, subiu ao Olivete, interrogou, na certeza de não ter resposta, as raras pessoas que encontrou nas paragens de caravanas, desceu a casa duns parentes de Betphagé, — ninguém soube dar-lhe novas de Maria. Não dormiu toda a noite, a ouvir Marta chorar baixinho; e antes do romper de alva, partiu para Jerusalem. Quando voltou, pela hora duodécima, os amigos e os vizinhos esperavam-no a saber novas de Maria: Mas as mulheres, disfarçando os sorrisos, cochichavam zombando. Então, como se Maria fôra morta, arrojou-se ao chão e roçou a testa na poeira lastimando-se em altos brados. E Marta, compreendendo-o, arrancou as sandálias e rasgou a túnica. Durante duas semanas, andaram vestidos de saco por Maria. Mas todos sabiam, ao fim das duas semanas, que Maria vivia em Magdala, ao pé da cidade pagã de Tiberíade, e que já na Cidade Santa, corria a fama do seu leito de cortezã.

(Final dum capítulo).

José Régio.

S É L V I A

Pesa-me viver. Se neste momento me lançassem uma corda ao pescoço deixar-me-ia enforcar. Não sei se é a chuva que cai incessante lá fora e vem escorrer molemente nas minhas vidraças que me comunica esta sensação de aniquilamento. S. Cristovão, de longas mãos e trabalhosa vida, sinto o Mundo sobre os ombros e as lágrimas dos homens velando-me a face. A impiedade de Deus magoá-me como se fôsse unicamente eu que lhe sentisse a impiedade. Se me debruço da janela para o meio da noite penso que bastava inclinar o corpo para seguir a trajetória da água que cai e penetrar o abismo do negrume que me rodeia. E, quem sabe? Talvez eu não tombasse como a chuva e no espaço me quedasse fugindo às leis da gravidade e da Vida! Porque serei igual a tudo? Igual à água que desce do céu, às pedras que rolam das montanhas e às minhas próprias lágrimas? Aperto o cráneo nas mãos com vontade de o esmigalhar ao mesmo tempo que figuro o silêncio sepulcral que a morte me traria. Só um choro flébil persiste em chegar-me aos ouvidos. É Sélvia que chora sobre o meu cadáver, de cabelos desgrenhados e os olhos como duas estrélas brilhando na escuridão. Tenho a certeza que nem o peso da terra, nem a voracidade dos vermes, no fundo da cova roendo-me as entranhas, extinguirão a luz de seus olhos nos meus. Atravesso o Mundo com desespero de menino perdido num bosque onde há ladrões. Atônito, paro de momento a momento olhando a sombra que me acompanha e na qual pressinto o mistério da própria criação. Ensanguentam-me o corpo o cardo agreste e a silva daninha, e, assim, minha carne ensanguentada faz lembrar a do Nazareno. Cristo é a imagem da humanidade sofredora. Todos temos os braços pregados na Cruz, porquanto todos subimos a ladeira do Calvário.

— Sélvia! oh Sélvia! voluptuária e inconstante amiga, és tu, afinal, quem caminha continuamente na minha memória! De tua inocência de ave singularmente pecadora nunca te apercebeste. Mal sentiste os seios aflorar, como ondas que viessem crescendo de remotos mares, e miraste, em teu pequenino espelho a flor especiosa da tua cabeça, pensaste que tudo isso belo em ti não era teu, senão de quem o desejasse. Sonhaste-te lindo fruto sazonado à luz do sol, depois de teres sido flor, semente, nada, e esperaste que alguém viesse colher-te, perturbado de tua fragância e suavidade. Inconscientemente, pecaste. Não é que fosses, à semelhança da tua mãe Eva, perversamente curiosa; fôste antes perversamente ingénua. Enquanto ela interrogou de olhos pecaminosos: qual a árvore do bem e do mal?, esperaste tu que alguém te dissesse: eis o que de há muito procuravas! Esse alguém não fui eu, não! Nem mesmo quizera sê-lo! Sou tímido como donzela tímida. As mulheres, surgem-me envoltas em religiosidade, arcaicas fechadas pela mão de Deus. Tocá-lhes é tocar na própria substância divina, violar a natureza mesma do criador. Antes que meus beijos te caminhassem a face e te sorvessem a boca, já tua boca e tua face conheciam o sabor dos beijos. Eu fui, para teu ser andrógino, a metade ausente. Platão já me havia dito que eu era parte duma outra parte que comigo faria o todo. Ainda me lembro do espanto pintado em teu rosto naquela noite em que pela vez primeira nos encontramos. Seguia eu cabisbaixo, consoante meu costume e a vontade da chuva que caía, numa noite assim, quando, à luz dum candieiro, vi uma mulher que se debatia desesperadamente tentando evadir-se duns braços que a chamavam para si. Corri em seu auxílio, sem bem saber o que fazia, e após breve luta, tinha-te junto a mim (porque

essa mulher eras tu), chorosa e agradecida, meio tímida e de olhos tão abertos que me pareceram dois poços fundos cheios de água, dessa água que caía do céu sobre nós dois. Minha pobre Sélvia, bem te recordas com certeza das horas que seguiram nosso encontro, no silêncio do meu quarto. Muito quieta, a um canto, fitavas-me estranhamente como se me conhecesses mas não te lembrasses de onde. Não me conhecias, não! Adivinhavas-me sómente. Tanto que, ao depois, mal trocamos o primeiro beijo, disseste, quasi suspensa:

— Parece que todos os beijos que tenho dado eram o caminho para este beijo; as bocas dos outros, caminhos para a tua boca. Que eu nunca beijei, fui sempre beijada!

Como vez, Sélvia, tuas palavras quedaram gravadas dentro de mim, como o sinal da tua cabeça gravado ficou em meu peito! Lembro tua história contada ao diante logo que minha afabilidade te tocou o coração. Havia, no espelho, procurado compor o cabelo revólto, e, com gesto muito teu, alinhado o desalinho dos vestidos. A tua história! Oh! Afinal a tua história era igual a tantas que ouvira contar! Maria Madalena tu fôste, fugindo de casa de teu pai, sem mais que a formosura do corpo e destino de perdida. Porque desconhecias os caminhos do Mundo, seguiste qualquer. Se te pediam beijos, deixavas-te beijar, adivinhando nessa deliciosa prática a visinhança do fruto proibido; até que um dia tragaste a maçã apetecida. E não mais fôste senhora do que era teu! Tirante leves caprichos de sensibilidade, entregaste-te a quem te desejasse sem nisso achares mór prazer do que o prazer único de te dares. Sélvia! Sélvia! não posso lembrar mais tua história! Sei, apenas, que te quiz e te entregaste a meus desejos de homem casto como as águas dos rios se entregam ao mar. Eras dócil como a cera, e, eu, forte como o sol. Porém, como um dia teu orgulho se exaltasse ao presumires ser minha fortaleza, fortaleza de Senhor, e tua docilidade, docilidade de escrava, partiste. Voltaste, ao depois, compungida, encontrando meu coração fechado à sete chaves. Nem teus rogos e lágrimas de penitência me holiram as entranhas. Desiludida e pesarosa nunca mais vieste chamar à minha porta e hoje sófro de te haver perdido. Não é amor nem ressentimento isto que sinto. É um pesar enorme que se apoderou de mim. São, talvez, remorsos... Jamais minha boca se queimará nas labaredas da tua e jamais terei socêgo e paz. Nesta noite de inverno em que chove desabaladamente dum céu sem estrélas sobre uma terra de lama, sinto-me desfalecer, como se eu fôsse a própria Terra e toda a chuva caísse sobre mim. Vejo-te recolhida nalgum portal de igreja, de cabeça entre as mãos, chorando como uma criança. Não! Não posso pensar no que sofres nem no que virás a sofrer! Esta ideia aterra-me!

Claridade! Um relâmpago atravessou o negrume da noite iluminando as casas fronteiras, que, hirtas e silenciosas me pareceram surgir da mesma luz. Julguei-me só com Sélvia no mundo, e, num instante, a luz dissipou-me essa ilusão. E daí, quem sabe! As casas que um momento me apareceram nos olhos já não existem. Tudo nasce e morre no mesmo segundo! Nem Sélvia pertence mais a esta vida, não passa duma alucinação! Só meu coração bate e eu sou o único homem na face da Terra!

JOÃO GASPAS SIMÕES.

Neste número, publicamos um desenho de Teles Machado, em separata.

No próximo número publicaremos colaboração de poetas galegos e um desenho de Alvaro Cebreiro.

D. Sebastião, por Antero de Figueiredo.

Diz-se que ao lado das plantas venenosas há sempre, por sábia indicação da natureza, outras que lhe combatam o efeito deletério. Não é bem o caso do *D. Sebastião* e do *Desejado*; sim, o livro do sr. Antero de Figueiredo não é precisamente um veneno, o que não quer dizer que o do sr. António Sérgio não possa ser utilizado em espíritos facilmente atacáveis pelo primeiro. Nasceu, e a par nasceu o preciso coeficiente de correcção; e já daqui se tira a desnecessidade de tãda a rica prosa pelos jornais desbaratada em laudatórios e ataques: a crítica está feita e bem feita no prefácio e notas do *Desejado*.

Parece, assim, que me estou condenando ao silêncio e que esta minha posição de anotador fruste é, além de ilógica redundante. Parece, mas não é. Primeiro porque eu não podia separar dum as observações feitas ao outro livro, segundo porque me é grato este desacorde a coisas que li e ouvi sobre o *D. Sebastião*. Não é apenas o prazer de patear e destruir; é possível que, como os outros, eu esteja iludido com um conceito que julgo objectivo, mas pois entendo ser agora mais que nunca preciso essa «coragem de afirmar» que tanto faltou ao Raposo da *Reliquia* é que me não julgo fóra do dever dizendo o que penso.

Pois este *D. Sebastião* quasi que teve depois de morto uma Alcácer-Kibir maior que a de Africa: sempre aos tombos, empuxão daqui e era um nevropáta perigoso, empuxão dali e era um místico e lendário herói. Em síntese não passa dum ponto final de dinastia, um borrão de tinta vermelha caído ao fundo duma página. E assim que no-lo mostram os factos passados e emquanto os valores científicos se não invertem e a concepção homérica da história seguida pelo sr. Antero de Figueiredo não desalojar os actuais quadros críticos, temos de nos servir deles. Nem a loucura do rei é contestada pelos seus Magriços, eles todos confessam que pelo dizer dos testemunhos da época e outros, a figura do herói perde as névoas da lenda e fica, realmente, desequilibrado, impetuoso e irrefletido, agressivo e petulante, megalómano até ao extremo. A crítica definitiva, a fazer-se, ao *D. Sebastião* teria que ser dividida em duas partes: destrinchando e analisando as ideias expostas no prefácio, ver depois como elas foram materializadas no texto e se nele entra a prometida quantidade de história, vida e arte. Bem deitadas as contas só o prefácio interessa a valer; o resto é consequência e, como até em parte a introdução, conhecida de livros anteriores; é a mesma prosa, com as características já por vários traçadas e estudadas, e onde falta precisamente o que lhe daria valor: a vida. Não há vida, há talvez beleza, alindamento, pôr em fóco belas scenas por outros relatadas, mas tudo metido em fleção, em fraseado retorcido e reproduzido. Que a prosa no modo de ser do sr. Antero de Figueiredo faz dos seus pseudo romances quadros muito vistosos tendo por assunto scenas antigas: vê-se que o quadro é de agora pela tinta estar ainda fresca e a moldura ser

de nogueira fingida, mas é morto e menos sugestivo que alguns artistas do tempo. O seu livro não será talvez uma «simples história narrativa», mas não lhe falta tudo para ser «um falso romance histórico». De resto, não se preocupa com isso, pode mesmo chegar à beleza sem pôr pé na vida, que é a realidade, pois as suas composições são feitas como segue: «presente sempre o comentário pessoal, que busca ler fundo nas raízes das almas e das coisas (?) e, sobretudo com o espírito em vibração estética, instalamos no mundo das revelações balouçando-nos entre a fantasia e a verdade». Donde se conclue que, excluída do seu plano, por importuna, a objectividade crítica, pairando na tremulina da vibração estética a descrever factos onde não caiu um pó de beleza autentica, o livro sai o que se quizer, o testemunho e a dedução lógica nada têm de ver com o caso e das descrições lidas aproveitam-se as que marquem um traço de arte a aproveitar. Balouça-se entre a verdade e a fantasia e como, quando se começou a balouçar, arranjou por qualquer processo uma adequada vibração estética, está-se a vêr que, pôsto no facil balouço de entre fantasia e verdade, não hesitará em conservar a vibração à custa da fantasia. É racional, desta vez. Prefere, e apenas pode preferir, à filosofia da história a poesia da mesma; mas vai de tal arte a defendê-la que parece não querer destruir o inimigo, mas substituir-lhe uma nova concepção: onde está crítica pôr arrôbo místico, onde está documento pôr inventiva. Se erramos, é por bem querer deduzir, pois lá se diz ser o livro «um trecho de história pôsto em arte». Ora se admite a história tem de lhe admitir um processo de construção, uma trama ideológica, uma filosofia, portanto: e essa não é senão a que fica indicada.

As suas *temíveis* críticas à actual concepção da história são velhas de séculos e saltam ao espírito após a primeira leitura raciocinada do primeiro livro do género. Estão contudo, refutadas desde a altura em que apareceram; pode ver-se isso em qualquer manual de propedeutica histórica, não vale trazer aqui o caso. Além desta defeza da Filosofia Poética da história, há no prefácio e inunda o livro a defeza não filosófica mas poetica de *D. Sebastião*. Diz uma coisa acertada: que é um rei singular. De facto, e as características da singularidade estão criticamente expostas, segundo os documentos, na carta que antecede *O Desejado*. Naturalmente, o sr. Antero de Figueiredo, como não admite a sciencia da história, não admite a sciencia da medicina e refuta os caracteres anormais do rei, não porque traga à baila novas teorias patológicas e psiquiátricas, mas porque eles são «opinões aviltantes cuspidas na memória deste bravo e galhardo espírito!». É amavel, sem duvida. Ainda mais haveria que anotar, especialmente a sua original concepção do herói, ao invéz do que até aqui se cuidava, «feito de belezas e defeitos, de teimas obstinadas e de acertos admiráveis... toques de desvairo... rebentino vento de temeridade a açular os ânimos» quando se julgara que os caracterisava a ideia consciente, repensada, posta em acção de modo fulminante, mas porque sabiam por *a* mais *b* que lhe competia tal resultado. A não ser que viessem os imponderáveis, mas para estes parece

não se ter ainda descoberto *medida*... O que os heróis arranjam, e mais não podem são as condições e exactidão do mecanismo acionante, se os imponderáveis vieram bem sei que tanto faz ser herói como louco, mas o erro está em admitir como imponderáveis nas acções dos loucos factos que, logicamente, seriam previstos pelos heróis verdadeiros.

O herói talhado pelo molde do sr. Antero de Figueiredo aproxima-se imenso de certas figuras de degenerados e mais uma vez não percebemos porque se insurgiu ele há pouco quando lhe deram ao neto de D. João III os estigmas que atribue ao herói-tipo. Valha-nos, pois S. Sebastião!... O que vai além do possível é comparar Aljubarrota a uma Alcácer-Kibir afortunada! Aljubarrota, que foi a a única solução porque — diz Oliveira Martins — ou se havia de jogar tudo numa cartada ou tudo estava perdido, onde pairavam as manhas, a perspicácia e o sangue frio de Nun'Alvares, mandando espionar os castelhanos e fazendo constar o contrário do que fóra observado, para incutir ânimo à hoste, estudando e escolhendo o local da batalha com uma sciencia firme e reflectida de tal forma que a retirada e a fuga eram impossíveis, onde tudo estava disposto obedecendo a um plano previamente traçado! Basta comparar isto com «qualquer» discrição da batalha de Africa para se concluir que o sr. Antero de Figueiredo vai, numa breve edição, tirar o Condestavel da categoria de herói. Sobre o caso do Marne já os técnicos disseram o contrário do que o sr. Antero de Figueiredo proclama e ninguém os rebateu. *D. Sebastião*, é humano, nem podia deixar de ser. A desumanidade está em o oferecer como modelo a uma geração de novos, tomá-lo como simbolo nacional, pô-lo no altar onde os modernos reconstrutores da pátria irão queimar a cêra a que até os ruins defuntos têm direito.

Houve excessos no ataque? É provavel e explica-se. O que se não explica são as lóas a um homem que fez o que fez, diz Leitão de Andrade, «pelo desordenado desejo de glória mundana, sem outro fundamento forçoso nem razão urgente», contra o parecer de todos os sensatos, insultando e atropelando. E por fim, excluída a hipótese da mentira dos documentos ou da mentira do sr. Antero de Figueiredo, só por uma ultra-vibração estética e uma hiper-fantasia é que se pode chamar a *D. Sebastião* o que lhe chama. Já agora e para terminar, mais uma citação sobre o aspecto literário do livro e do artista: «...perpassa um fio de puro artifício, certa rebusca amaneirada no assunto e na sua forma, emfim um excesso de *literatura* por tãda a obra deste autor (que tem um estilo de vocabulário e não de sintaxe) para que o tomemos como norma de arte vernacular». São palavras do sr. António Sérgio e se tivéssemos receio do que possam dizer ousariamos invocar a autoridade científica do seu nome. Mas não, e se nos rocorremos dos factos e buscamos às coisas fundamento aceitavel foi por ver quão desacreditada e gasta vai a estar a fantasia e a estética pelo uso imoderado e impróprio que em nossos dias lhe dão certos autores.

M. C.

(Conclue no próximo número com a apreciação do "*Desejado*").

número
5
série
2

PUBLICAÇÃO MENSAL DE:

Afonso Duarte — Alberto Van Hœrtre de Teles Machado — António de Sousa — Augusto Telo — Branquinho da Fonseca — Campos de Figueiredo — Guilherme Filipe — João Gaspar Simões — Vitorino Nemésio.

Número avulso 1\$50; Série de 3 números 4\$50. Redacção: R. dos Coutinhos, 3

Coimbra
15
dezembro
1924

tríptico



Desenho de Alvaro Cebreiro



arte-poesia-crítica

6

82
2

O C A R R O S S E L

«**M**essieurs-dames, un tour de cochon!... Montez, mes amours!...»

Eis o guincho apregoativo da mulherunca estafermosa de avental curto todo amarelo vistoso, blusa tricotada em verde hortelã, cerrada ao tronco como meia elástica, gâmbias musculosas forradas em malha côr de tango, afrodisíacas e ber-rantes, calçadas até à rótula por botinas de duraque pardacento com os seus cento e vinte ilhoses polidos, e pers-pontadas na gáspia com desenhos de tatuagens de marujo.

Encaracolada a papelotes na véspera, a sua gaforina de *rouquine* sardenta é todo o seu orgulho de baldade que foi nos assaz distantes tempos de acrobata de circo, quando por conta do primeiro amante conseguia despertar ciumes aos machos, fazendo requebros de cadela fraldiqueira ao enfiar-se pelas argolas de ferro e ao saltitar na corda bamba de guardassolinho nipónico na dextra, fazendo equilíbrios de graça e de garça, que era a tentação de todo o magala que a contemplava, aplaudia e beliscava. Hoje essa trunfa hirsuta como ouriço-cacheiro, de pucho alçado na nuca, cocoruto emproado sôbre mil ganchos de latão, jardim suspenso desta babiloneca que é a feira, dum loiro ruivo e de répas cortadas como pentinho meúdo à flôr da testa, assim como os seus olhos verde-gato mexediços, felinos e arteiros a formarem salto ao público palonso, bistrados em redor como mascarilha de arlequim afilelada que nem lunetas fumadas, presos ao nariz achatado a punhetaço e com corcova no pino, de asas resfolegantes, com rugas em arco, de bulldogue farejando vianda, pedindo vícios e enfretando os sócos, dum rubro acenoirado que o alcool e o desejo lhe deram, tem seu quê de faiança chinesa, meio buda meio cachorro, como essas que vemos pelas montras dos *bulevares*, bonecos de fancaria para burguesoide de barato gôsto. O mento que se adivinha ter sido de pierrete, agora informe e encarquilhado como noz revelha, encardido, rugoso e às arrecuas, é abafado pela papeira balofa que recorda balão do Grandela retesado e que desce até aos peitos gordalhudos que o espartilho empina, formando dest'arte um jôgo de bolas descomunais e algo esmadrigadas que o decote encaixilha geométricamente, tal como nos compendios escolares se explica aos gaiúlos o que é uma trindade de circunferências tangentes. Tôda maquilhada a oca de cosinha, a ruge de telha e a negro de rôlha queimada, com uma bôca polpuda, cubiçosa e larga, aberta à trôche-môche por capricho de navalha canalha, dum carmim estridente e viscoso que tresanda a pústula suspeita, bocarra venenosa e má, talhada para carraseão e obscenidades, sustendo a clássica cigarrilha ao canto, à laia de galdéria de revista, como prégo que impede a chaga de mais se rasgar, e deixando ver a cãrie dos dentes raros de mentirosa, como os de serra estragada, amarelecidos e cortinhos, de roedor, mostra de quando em vez, çao apregoar, um enxerto de oiro já oxidado, única joia que possui em todo o corpo, mas já muito menos brilhante que a cabeleira, juba que á fôrça de ensopamentos em águas oxigenadas e esfreganços de unguentos e brilhantinas rançosas, reluz ao sol que nem capacete de bombeiro, empenachado por uma maçaroca de aparas de cobre, torcidas e retorcidas como chavelhos de borrêgo.

Firme como um cépo, junto à caixa dos ganhos, mealheiro pintado a zarcão, pernas escarranchadas para melhor equilíbrio, bem *campée* nas pantorrilhas de balaustre, telinta os francos na palma da mão suja e de dedos reduzidos, como quem lhes toma o péso, anunciando a mercadoria com réles trejeitos, gaiteira e dengosa, na sua voz roufenha de pichel amolgado:

« — Uma volta, 50 centimos, meus senhores!... »
E è só trepar para o lombo do orelhudo cevado de car-

valho... Há quarenta a escolher, todos iguais e rosados que direis — salvo seja!... crianças grandes em pelota todos lusidios, todos a rir, todos a piscar um ôlho de troça mortos por andar à roda, para cima e para baixo, ao som daquele estafadissimo realejo automático revestido a espêlhos, que pela miléssima vez esganiça a canção da *Mariette*, num compasso monótono mas estrcina...

« — *Mariette... ma petite Mariette...* »

E enquanto o carrossel gira aos solavancos, os pares se abraçam com cio fingindo médo ao perigo de se estatelarem, as garotas excitadas, de sentidos e cabeça tonta, dão gritinhos em falsête assustadiço e os machões simulam lubricamente desequilibrarem-se para se lhes agarrarem às nádegas, os *cochons* de madeira envernizada continuam a rir de focinho erguido catrapiscando a clientela num esgare de manipanço mal cavacado, e a meretriz directora do torneio, repetindo o seu pregão aguardentado, vae apalpando as coxas dos mancebos que lhe passam ao lado na montada suina, e vae fazendo contas pelos dedos aos mariolas que desejou e aos lucros que embolsou, nessa tarde, trauteando simultaneamente a catilena do realejo:

« — *Mariette!... Ma petite Mariette!...* »

A freguesia esquentada pelo folguêdo é composta de *boniches* e operarios na sua maioria, uma ou outra costureirita do bairro e algum estudante boémio de passagem, que na democracia do riso trepam aos flancos do animaleco de pau com cauda alçada e torcida, como bigodes de gendarme, tudo à cata da excitação animal, da sensaçãosinha de estonteamento, coração aos pinotes e brejeirice no instinto, como caloiros temeratos a ensaiarem o vôo no desenxovalho traficante do femeaçõ.

Agora é o méco proprietário do aparelho rolante, carroça giratória que engoda os papalvos e diverte os foliões, que de côco fóra da moda sôbre o ôlho papudo e cúpido, e de rabêta entre as beičanas deformadas pelo geito de chupar fumo, bigodinho espontado à Charlot, pupila de rato gatuno, com um *tricot* cinzento a cobrir-lhe o arcabôço de carrejão e o cachaço taurino, lencinho encarnado de seda crua no bolsinho da jaqueta mal cerzida, no seu vozeirão sifilitico, igual ao da caixa de música a que acaba de dar corda por meio duma maniveia que nos matraqueia os ouvidos num ruido antipático de trique-traque palhaço, grita à multidão pasmadiça batendo as palmas como quem chama creados de café:

« — *Montez, mesdames!... montez!... Dix sous chaque tour! Allons mes enfants!...* »

E metendo dois dedos imundos às guelas, tal como os cabreiros chamando o gado tresmalhado, atira dois assobios por cima da feira, correndo logo ao balcão a rufar num tamborineco esventrado, em acompanhamento da cantiga que a rapasiada já trauteia...

« — *Si tu veux... faire mon bonheur!...* »

Já as luzes começam de se acender por tôdas as *boites* da feira. Os reverberos electricos multiplicam-se nos espêlhos da barraca do manêjo, fazendo mirabolancias de reflexos enquanto êste rodopia. A alegria redroba e agora, mais claridade dum lado, mais trevas do outro, a intensidade do apertão parece fazer crescer o alarido e água na bôca ao pequenname que se derrete de gôso sôbre as espadas roliças dos leitões rosados, que em sarabanda de fecha-a-roda maniaca, continuam de tromba levantada a fazer de ôlho a quem os monta, numa rivalidade sem consequências com a matrona de pêlo doirado, tão bácora como êles, e tão enxundiosa.

E o orgão da Barbaria lá recomeça mais um número do seu parco reportorio coxeante, sol-i-dô de circo, cada vez mais rouco, cada vez mais fanhoso:

« — *Va z' y, Mariá, ... la terreur de Batignolles!...* »

Paris, 1923.

DIOGO DE MACEDO.

POEMAS GALEGOS

CANTIGA NOVA

A ALVARO CEBREIRO,
AO ARTISTA IRMÃO.

Na cerdeira do meu horto
os paxaros a cantar.
A delicia da alborada
somentes fai-me chorar.

Na cerdeira do meu horto
roxa de tal pedraria
assobia o paxariño
e eu sinto melancolia.

Puxen-me a pensár en ti
sob a cerdeira frorida.
O ar desfolhaba as frores
numa fonte entristecida.

Tenho unha barca ligeira,
tenho un caminho no mar,
se me dis que não me queres
un dia não ei voltar.

Fose eu unha fror singela
margarida entre a herba mol:
fose eu entre o verde prado
unha pingota de sol.

Quizera ser paxariño
que voa ao sol, minha nai,
quizera ser como aquela
barca branca que se vae.

Poi-me na cova unha fror
e unha pedra que diga
« pobre cautivo de Amor »

— **S**e eu te miro enamorado
ti és unha reina altiva.
Se fago que não te vexo
miras-me tão pensativa...

O rodizio do moinho
canta sempre a sua canzon
qual rodizio cantareiro
o meu pobre corazon.

Auga vai caladinha
sob os olmos da ribeira.
Eu me lembro minha noiva
quando estaba a tua veira.

No ceo da noite brilan
centos de estrelas e a lúa,
Eu minha noiva longana
vou lembrando a imagen tua.

Inda me lembro de ti
e guardo um recordo teu.
Aquele teu rir tão lindo!
Se algum te quixo fui eu.

Já se vae morrendo o dia
vão as pombas pelo ceo.
Ai, minha noiva longana
ai, as pombas do teu ceo!

Minha noiva, minha noiva,
como recordo aquel dia.
Recordo o primeiro beijo
c'unha gran melancolia.

EU. CORREA-CALDERÓN.

R I M A S

No mais fondo, no mais fondo
lébo-te dentro de min,
entrache un día xogando
por sempre quedache ali.

Xa o°sabes, crava o puñal
sin ter compasion de min,
pero non-o enterres moito!
porque te podes ferir.

Aos pés do Santo Cristo da Amargura
xuntas van a rezar
nais, mulheres e noivas dos soldados
que combatindo contra o mouro están.

Todas piden o mesmo, ¡ p'ro que diferenza
n'essas pregarías hai!
Soñadoras as noivas din: «! Señor
que volte xeneral!»

As mulheres, pensando nos filliños
rezanurchas: «¡ Señor, que volte san!»
E afogadas, em puro amor somentes
«¡que volte!» din as nais.

RAMÓN CABANILLAS.

COMO TI QUEIRAS

Amada, escuita a voz do teu amigo
mansiña e mol como a d-un anho novo
ou fera como a d-un faminto lobo
segundo sexa o anjo ou o enemigo.

Juiz do meu amor ou má testigo.
Acochadinho viverei no tobo
c-os agarimos que contento proba
do teu olhar no que feliz me abrigo.

Mais se ti queres vel-a valentia
dos namorados corazons humanos,
que eu seiba que a turbar tua alegria

Chegaram d'outra terra homens extranhos
e olharas-me, arriscado na porfia
morrer como os antigos espartanos.

(Do libro no prelo «D'Outono»).

G. LÓPES ABENTE.

A PROPÓSITO DA "DIANA"

Desfeito da pena há alguns mezes, é com um gôsto grande que hoje a volto a empunhar.

Um não sei quê de frio ma esfriara, e eis que de súbito se aqueça, se revigora ao saudável calor benéfico dum livro, perfeição amorosa de um belo « Par » literário. Na verdade, como diz Afonso Lopes Vieira, a *Diana* se casa perfeitamente a *Amadis*, e de tal gôsto, com tão natural e vívida tendência, que nem parece senão que no lar dos leitores portugueses é, de coração perfeito, — *la perfecta casada*.

Mas dessa bela obra que é a *Diana*, reintegrada no seu papel português por mão admirável de mestre, não quero agora extrair mais que o pretexto, edificante e preciso, para falar dêsse mestre: entendedor tão consumado da lingua, tão seu leal servidor, que eu não creio haver outro em todo Portugal com mais preclaras qualidades. Gôsto, justeza e preceito se juntaram neste grande poeta, Afonso Lopes Vieira, a quem chamaria militante o que quisesse dar medida exacta dêle.

Eu já não falo — porque é um dogma quasi — na sua forte individualidade lírica, no *quid* que o instalou no *braço* da nobreza da nossa grei letrada. Em tal comuna ordeira, — *gradus diversi et ordinis distincti* — tem êle lugar que se conhece bem. Falo de preferência no altíssimo valor que Afonso Lopes Vieira representa, numa novelística derreada como a nossa, para o efeito de restabelecer os padrões do génio da linguagem. É neste campo que o seu talento prevale.

Perfeitamente identificado com tôdas as *medidas* da nossa bela estilística, desde a *medida velha*, com que privou em mestre Gil dos *aitos*, até a *nova medida*, a policiada medida italiana do grande Sá de Miranda, Afonso Lopes Vieira refina as prosas vetustas, reaqueece os fôlios frios, e milagrosamente nos persuade de que há de feito alguma coisa de adquirido, consumado e perfeito na arte de escrever, que é forçoso estimar.

Assim, ao lado dos grandes modelos pessoais da prosa, original e innovada, vai encorpendo aquele modelo que é entre todos permanente e vivo, como que o vaso sacro da linguagem. A-par da maneira de Camilo, do geito de Eça, do modo de Fialho, das feições de Malheiro Dias, Raúl Brandão e Aquilino, Afonso Lopes Vieira vai dispondo o que há de essencial no verbo português, sua constância e irreductibilidade à moda, — seu substracto; e isso o faz com tão perfeita pericia, que admira como alguém possa — e êle o pôde — celebrar *justae nuptiae* com « língua madre e senhora ». E é êste casamento que sobretudo o exalça.

Podará discutir-se se a rigidez do estilo, a severa conformidade aos cânônes da lingua é uma virtude ou um vício. Estremar-se hão os puritanos puristas dos neologistas relapsos. Irão a uma banda, uns, ao outro lado, os outros; e estes ficarão mais perto da verdade. Mas o que é inegável, e em Afonso Lopes Vieira se entende, é a excellência educativa do seu processo afinado, nem hirto por demais nem blandicioso em excesso, justo e ágil, superiormente elegante porque sóbrio e corrente.

Na milícia dos escritores portugueses, querendo comparar Afonso Lopes Vieira, eu só conheço uma figura apta para sofrer confronto. E sofre-o, não no seráfico, melífluo geito de retratar finezas ou distender conceitos. Porque refiro ao nosso bom Bernardes, excluo a candura e o Oratório. Mas ficam dêle, a emparelhar com o prosador moderno, a ordenação serêna do discurso, o sábio dom das palavras, a êsse gôsto archi-perfeito de linhas que de ambos faz exemplos.

Os vocábulos, nas obras dum e doutro, são como ideias cunhadas, intangíveis valores em que não ousam bolir como nos vasos sagrados. Daqui, talvez lhes venha algum prejuizo!... Mas o que para cada um dêles se perde é ganho para todos, éa — própria nobreza irreductível da lingua, a sua virgindade.

VITORINO NEMÉSIO.

A S O I D A D E

Sol a queima, e auga a molla
e-anda a pobriña, sen guia
buscando quen a recolla
dês-que morreu Rosalía.

Pisa cardos, pisa abrollos
e-apénas o sol se pñ
co-as lagrimiñas nos ollos
entra no meu corazón...

Vem, de mansiño, co a lua...
¡Deus sabe de donde llega!
Portugal dice que é sua,
e-as brétemas que é gallega

E-a enmeigadora sorri!
mentra-la festexo eu,
porque se demora aqui;
si é certo que alá naceu.

Hay n'estes ermos lugares
branca ermida!
e-uns penedos, e uns pinares
que lhe cautivan a vida.

Sol a queima, e-auga a molla,
e anda a pobriña sen guia
buscando quen a recolla
dês que morreu Rosalía

ANTONIO NORIEGA VARELA.

PALAVRAS SÔBRE O SALÃO DE OUTONO

Com Diogo de Macedo, meu dilecto amigo, me fui de visita ao Salão de Outono, agora aberto nas Belas Artes de Lisboa. Bom é referir que tão excelente artista serviu de amparo a quem, como eu, de tudo fala por falar sem mór prazer nem melhor sabedoria que a dum simples olhador de coisas belas. Eduardo Viana, seu organisador, já de meus ouvidos conhecido, visto o eco do seu nome até nesta remota terra ter repercutido, procurou reunir à sua beira expositores que não o diminuissem antes o elevassem. O menino Deus foi entre os doutores mais celebrado que entre os pescadores de Tiberiade, porque só entre eles seu saber rebrilhou. É agora, no quietismo meditativo desta paisagem coimbrã que eu mais sinto a exaltação das telas de Viana. Tem este pintor, como nota dominante de seu pintar, a riqueza do colorido, uma riqueza humana, sem artificialismos nem alindamentos, uma espontânea riqueza, tóda vibrátil, que não chega a saber-se se teve natal em sua paleta, se na fragrância do motivo. Eduardo Viana é um pintor de seiva, sensual, buscando mais dar-se em suas telas do que dar aquilo que propriamente pinta. Estreita união liga seu ser íntimo ao ambiente exterior, uma verdadeira osmose se realiza entre a alma d'ele e a alma da natureza. Não se entenda, todavia, que com isto significar pretendo desumanidade ou superficialidade em suas telas. Não; Viana é humaníssimo, embora nem sempre verdadeiro. Assim como da combinação inconsciente de dois elementos se gera a água, a pintura de Viana se gera da combinação de duas inconscientes forças. A legenda daquele outro pintor, claro pintor de minha maior admiração, Guilherme Filipe: *pinto porque SIM*, melhor caberia a Eduardo Viana do que a ele.

Ah! Será bom, contudo, não esquecer que na combinação da água participam moléculas contadas de hidrogénio e oxigénio e que o artista não olvida outrossim esse quantitativo, sabendo quantas partes d'este e daquele elemento necessário se torna combinar, de molde a obter determinado efeito. Eduardo Viana pode considerar-se pintor de personalidade distinta, embora Cézanne lhe haja transmitido certas maneiras que ele adopta como filho emancipado.

Por mero prazer de contraste falarei, se bem meu falar não consiga dizer a suave impressão sentida, de Lino António. É este artista, desde o nome à moldura dos quadros, o mesmo doce pintor. Doçura mística,

ingénua, a doçura de quem desconhece asperezas na vida, a sua. Brando rio caminha a seus pés, rio de dóceis águas, deixando entrever no fundo a areia virginal que ele pretende beijar, sem sequer mergulhar os lábios na linfa.

Lino António desentranha-se em amor, tocando tudo da mesma pureza. É uma criança com ordenação de homem no pintar. Não sei de quadros que melhor me tenham visitado e em estado de tanta graça eu tenha recebido. Este moço ainda há-de vir a compor um *Pauvre Pêcheur*, tal-qualmente Puvis de Chavannes. E na côr, na carnação das mulheres, no arranjo dos quadros, a mesma mão tudo dispendo por obra e graça da divina sensibilidade. De seguida, já que dei em saltar dos violentos para os amorosos, e vice-versa, direi que o António Soares conhecido de mil confusas cabeças de mulheres, semeadas por tódas as revistas de Lisboa, me espantou. Os dois quadros para a Brasileira do Chiado são duas belas promessas. Columbano adivinha-se pairando. A delicadeza característica de Soares, tem seu assento, ainda, nestas telas brumosas. O retrato de *Mota Cabral em traje do país* é, até certo ponto, do melhor produzido por este pintor. A mascara sóbria, cheia de carácter, ressalta do fundo com humana viveza; sômente a parte inferior do quadro foi descurada. António Soares entrando neste caminho, entra bem, esquece as fúteis cabeças de mulher tanta vez pintadas. De salto, passarei agora por Milly Possoz, o melhor desenhador do meu tempo, como disse Almada Negreiros. Esta pintora é, por excelência, a pintora das meninas, meninas muito ingénuas que em aguarela nos dá. Mas o que dela mais me agradou foi a gravura em madeira: a delicada trama do desenho, a rebusco do efeito pelo contraste dos negros e depois a execução admirável.

Possoz nada fica a dever a Norah Borges. Almada Negreiros, com grande pezar meu, e, ao contrário do determinado no catálogo, expõe um ou dois desenhos e o óleo destinado à Brasileira, género a primeira vez tentado. É Almada, em meu entender, um grande desenhador e a dedicatória traçada na varina a Milly Possoz, melhor a ele se applicaria. De longe caminha esta admiração por Negreiros, pela variedade de seus talentos, e convicto me encontro que é ele um dos príncipes da arte moderna. Picasso, e, afinal, todos aqueles em quem seus olhos poisam, tem ajudado a formar sua estranha personalidade. Uma penetrabilidade a tódas as correntes caracteriza Almada

Negreiros e uma fina inteligência é condão propiciatório à realização de sua obra inteligente. O quadro exposto deixa adivinhar, debaixo das tintas, o lápis desenhando.

Mário Eloy nem sequer me beliscou, é um pintor que se me afigura apagado, pintando de além túmulo. Pode, no entanto, ser erro de minha sensibilidade. Jorge Barradas ficou-me nos olhos pela graça do colorido. É um precioso decorador que nada mais nos dá além duma persistente nota de côr na retina. Sara Afonso e Maria Clementina, isoladas as deixei de Possoz porquanto estas são mais mulheres do que aquela, pintando. Enquanto as primeiras compõem, delicadamente sim, mas com delicadeza espontânea, feminina, a última é já um homem ordenando a graça e a ingenuidade sábiamente. Sara Afonso e Maria Clementina, são de natural simples e harmoniosas, como tódas as mulheres; Milly Possoz é simples e harmoniosa também, mas mais por rebusca que por naturalidade. Mingua-me espaço para melhor referir nomes que mereciam de minha sensibilidade outra ternura, que não esta de sôbre eles passar tal o vento sôbre seára de trigo. Limitarei minhas palavras a Ortigão Burnay e pouco mais. Pintor feito, romântico até à raiz dos cabelos, e duma delicadeza doentia que nos enche de vaga tristeza: foi ele o único que me fez pensar. Manuel Jardim, Amadeu Cardoso e Santa Rita, figuram no Salão por homenagem de seus camaradas. E figuram bem. De Manuel Jardim são os desenhos de linhas simples, à Holbein, com minúcias de visão feminina, já de meus olhos tão queridos e últimas composições do artista na ante-câmara da morte. Amadeu Cardoso, de caprichosa imaginação e Santa Rita, com dois dos poucos quadros que deixou, futuristas à maneira de Boccioni, Severini e tantos outros, fecham a trindade dos levados pela feiticeira princeza das mãos frias. De Albert Jourdin, Alberto Cardoso, etc. e de todos os architectos que tão bem se apresentam no Salão, diria o que deles penso se não fôra esta natural impossibilidade e tirânica imposição do tamanho contado do papel. Termino comigo próprio satisfeito, visto o ingénuo intusiasmo que de tão longe me levou a visitar o Salão de Outono, ter sido recompensado, e bem, pelo valor das telas expostas, provas patentes que a serenidade entrou nos espíritos e o equilíbrio duma nova arte se vai impôr aos pinta-monos da nossa terra.

JOÃO GASPAR SIMÕES.

C R Í T I C A

O Desejado — Testemunhos históricos com perfácio e notas por António Sérgio.

(Conclusão)

Depois de ver como o sr. Antero de Figueiredo perdeu a batalha de Alcácer-Kibir travada em favor de D. Sebastião, conseguindo, contudo, pôr-se a salvo para fazer outros livros com outros cronistas, só mais duas palavras. O sr. António Sérgio, que anda há anos « neste trabalho, doloroso e antipático, de converter à disciplina a inteligência portuguesa » também entra na liça, mas pelo lado oposto: mostrando a rial figura de D. Sebastião que seria quasi quixotesca se não fôsse também grandemente trágica. A carta a Malheiro Dias fica como um completo expositório de crítica, raciocínio e ataque; e só um natural enfado ante tanta asneira explica certos exageros de expressão qualificativa. A sua leitura é a condenação do despautério místico actual e concorda-se que, de facto, o sr. Malheiro Dias seguiu o melhor caminho: recitar aos pardais do Buçaco os conceitos escritos para os estudantes de Coimbra. E daí, não é inverossímil que a recepção outrora feita ao rei se repetisse. Altamente significativo, pelo contraste, é ainda o processo que seguiu: colecionou os textos, pô-los aos olhos dos leitores e deixou-os julgar. Mas talvez por e por que, embora escreva em excelente e claro português, é adversário da fantasia como processo e método, foi um alevante de insultos no arraial dos derrotados de Alcácer... Não nos dá grande cuidado, que o sr. António Sérgio tem feito das suas ideias uma sementeira maior do que talvez julgue.

M. C.

Palavras inuteis — Versos de Aguiã de Pina — Lisboa, 1924.

Alindado com uma capa de Tagarro chegou-nos o primeiro livro do moço poeta Aguiã de Pina. É um livro muito simples, direi mesmo ingénuo.

Influenciado por António Nobre e Correia d'Oliveira mais nitidamente, deixa-se contudo adivinhar aqui e além, através dum ritmo mais doce, uma sensibilidade. Infantilidades há-as. Mas o que deve sempre admirar-se, não é a realização, porque esta pode não ser atingida, é a tentativa. Ora Aguiã de Pina tentou fazer um livro belo, um livro com emoção.

Conseguiu fazê-la aflorar por vezes, e « uma gôta de emoção transforma um minuto da vida — e é esse o único minuto que conta », disse o grande poeta dos Pobres.

B. F.

Homenagem a António Augusto Gonçalves — 3^o de Julho de 1921. — Imprensa da Universidade — Coimbra, 1923.

Este livro regista um facto invulgar no nosso meio e no nosso tempo — o de um grupo de cidadãos, muitos deles eminentes nas sciencias, nas letras e nas artes, tributar pública homenagem a um vivo!

E com agravante: é que esse vivo nem é chefe político, nem ministro, nem banqueiro, nem membro das juntas de inspecção militar!

Casos destes, suposemo-los sempre fora das possibilidades humanas. Porque o homem, regra geral, é um ente mesquinho, invejoso, quesilento, não vendo nunca, com bons olhos, que o semelhante seja maior, melhor ou mais capaz do que êle.

Neste tudo falhou. Todos vieram curvar-se perante um simples homem que nada pode dar-lhes, a não ser o exemplo de sua vida laboriosa, inteligente e honrada.

É certo porém, que tais qualidades se impõem à admiração dos justos e dos bons, e aqui á de todos os amigos das artes belas.

É o que se conclui dessa homenagem, onde figuram nomes como Costa Mota, António de Vasconcelos Simões de Castro, Braamcamp Freire, Carlos Reis, Columbano, Eugénio de Castro, Jaime Cortezão, Magalhães Lima, José Malhóã, Julio Dantas, Júlio Henriques, Leite de Vasconce-

los, Luciano Freire, Silva Gaio, Raúl Brandão, Raúl Lino, Reinaldo dos Santos, Teixeira Lopes, Vergílio Correia, etc.

Que dizem êsses artistas e pensadores?

Que quando um mestre consegue realizar uma obra da grandeza da que nos lega António Augusto Gonçalves, só um sentimento se compreende e justifica em sua presença, o da admiração!

T. DA F.

Ronsel

Recebemos, e muito agradecemos, esta revista, dirigida por A. Cebreiro e Correa Calderon, que, de Lugo-Galicia, nos veio e é uma bela prova da maneira como na visinha terra se cultivam as artes e a literatura.

Poemas Galegos

Da irmã Galiza nos vieram, pela mão afavel de Alvaro Cebreiro, os poemas que ora publicamos. São êles de Correa-Calderón, o lírico mavioso, que em prosa, lírico é ainda, Ramón Cabanillas que no « Vento Mareiro », lembra Rosalia Castro, López Abente de amorosa e mansa voz e Noriega Varela, o poeta da saúdade. Eugenio Montez e Vitorino Taibo outros tantos inspirados poetas irmãos, de não menor valor, ficam mau grado nosso, para, em seguintes números, virem a público. Por absoluta impossibilidade material os deixamos de remissa, do que pedimos desculpa a Cebreiro, tão amável intermediário entre êles e a nossa revista. É do mesmo Alvaro Cebreiro, o desenho que reproduzimos, pintor que, com Castelao, forma o díptico de pintores mais de nós conhecidos, irmãos galegos de nascimento e galegos no geito de compor pela saúdosa melancolia, em todos seus trabalhos esparsa.

Aqui deixamos patente nosso reconhecimento e, do coração agradecemos, a preciosa colaboração, que da querida irmã Galiza nos veio, tal ramalhete de flores, alegrar a monotonia da nossa revista.

J. G. S.

número

6

série

2

PUBLICAÇÃO MENSAL DE:

Afonso Duarte — Alberto Van Hœrtre de Teles Machado — António de Sousa — Augusto Telo — Branquinho da Fonseca — Campos de Figueiredo — Guilherme Filipe — João Gaspar Simões — Vitorino Nemésio.

Número avulso 1\$50; Série de 3 números 4\$50. Redacção: T. da Rua do Norte, 4

Coimbra

15

janeiro

1925

triptico



arte-poe-
sia-critica



7

C o i m b r A
1 9 2 5

IMPRESSÕES

L Á P I D E S

À MEMÓRIA DE ANTERO, NOBRE, CESÁRIO E GOMES LEAL

Enos grato descansar o espírito, uma vez por outra, na beleza solitária e silenciosa de certos recantos da terra.

Lugares há, ali em S. Martinho do Bispo, que são dêsses recantos, onde a solidão e o silêncio se poetizam pela gentileza dos aspectos naturais e onde, por isso mesmo, o nosso espírito se deixa embalar docemente, desanuviando-se, purificando-se, — descansando.

Pelos fins de setembro, então, êsses lugares, desde Bemcanta a Espadaneira sobretudo, realisam um pequenino Eden.

Da estrada ao rio — do cotovêlo da Estrada em Espadaneira até o rio —, serpeia um caminho estreito, sombreado por arvoredos em túnel, que é de encanto maravilhoso: — nêle, a sombra amena e poética faz sair de nós a alma, e dispersa-a, enternecida, por quanto nos cerca e, mais além ainda, por vagas regiões etéreas que o sonho mal sonha. São freixos, amieiras, salgueiros, choupos, com o seu vário porte, com o seu vário tom de verde; são os silvedos caprichosos encabelando velhos muros ou esboroados taludes; são as valeiras de águas oleosas, a espaços arripiadas pelo salto das rãs ou pelo fugidío perpassar de insectos; são até os charcos onde as águas mortas apodrecem, a reflectirem mais brilhante, o verdume da relva e das árvores que os olham...

E na frescura da sombra, voejam mariposas de àsas roxas, ecoa por vezes, surdamente, o grave chocalhar de algum rebanho longínquo ou, com viveza, o esperto pipiar de algum pássaro oculto na folhagem — ecos fugitivos que mais vincam o silêncio e a solidão...

Pelas abertas da parede verde, surgem os longes: milhos, canaviais, oliveiras tristes; um ou outro sobreiro com o tronco a sangrar ainda, por lhe haverem arrancado a cortiça; algum cipreste, insulado, como se as outras árvores, como nós, soubessem que o cipreste é agoirento da morte e dêle se arredassem temerosas... Longes sombrios, longes melancólicos...

Depois, sobrevém ao fundo o rio, correndo, correndo sempre, a roçar-se pelo oiro das areias, — e as árvores das margens, os salgueiros modestos e os choupos altivos, assistem enlevados ao desfile das águas, que os poetas e as lendas fizeram subir ao mais alto pôsto das águas portuguesas.

Lá no alto, deslisam milhafres, lentamente, desenhando círculos escuros no azul do céu...

Vagueio por esta solidão, por êste silêncio, — embrenhado no caminho predilecto, — ¡e o meu espírito descansa, transportado em devaneios de beleza e felicidade!

Não há só ninfas onde a fantasia antiga as criou e as sentiu: — há também as ninfas da luz e as ninfas da sombra... E é nos crepúsculos que do céu descem ou nos crepúsculos que na terra se formam, no meigo ninho dos arvoredos, — que as ninfas da luz e da sombra se encontram, se dão as mãos, e dançam as suas rondas empolgantes...

— Quem me dera aqui viver sempre, em ermo tão suave, entre as rondas empolgantes das ninfas da luz e da sombra, ¡se o espírito se não cansasse também... de assim descansar!

Espadaneira (Coimbra), Setembro de 1924.

CLÁUDIO BASTO.

ANTERO, o santo, esculpiu a maravilha inegalável dos «Sonetos». Livro sagrado. Cânticos dessa Biblia quizera-os eu nos Pórticos dos Templos, nos Atrios das Universidades. E, defronte da Catedral magestosa, a Sé de Coimbra, em cujos degraus Eça de Queiroz, ovate de devoção «ajoelhou para sempre», certa noite estrelada, ao surpreender o Poeta, como sábio Druida, interrogando para Infinito, eu puzera por memória *desta mocidade e dessa página imortal*, (Coimbra é a cidade-monumento dos Poetas), o mais austero bloco de rocha que arrancasse das colinas de arredores, e em cujas faces lageadas, impecaveis, se gravassem — Sonetos de Antero.

ANTÓNIO NOBRE, enfeitado do velho avô-oceano, saudosista à maneira de Garret, o «caro Garret dos quadros regionais e dos enraizamentos que dêle fazem o mestre primeiro do Lusitanismo» — amando Antero, «Antero, a Biblia e pouco mais», — é ainda o maior enamorado do Lirismo comoneano, — «o Luis de Camões e da Esperança». Lusiada no «Só». Sebastianismo e Esperança nas «Despedidas».

E' CESÁRIO VERDE também um criador de novos valores líricos. Os seus versos, dominantes de imprevisto, preciosos no detalhe, naturais, mas sem espontaneidade, — por isso que Cesário é o menos improvisador dos Poetas, lembram-me sempre, ao lê-los, quasi assim o que Camilo disse da formosura: «um geito feliz da natureza».

Mas é GOMES LEAL, indisciplinado e perdulário, o Poeta que em nosso moderno lirismo possui o mais alado segrêdo do verso. Gomes Leal foi todo sentimento e imaginação, mas de uma poetica infância diante do complexo espectáculo da vida.

Ele foi ao sabor só da sua exaltada fantasia, arredando para segundo plano a parada atitude formalista como um cego que espalhasse pedrarias ao acaso.

Mas, embora irregular, caprichoso, deixando correr versos maus como os peores pecados, ninguém como êle tem achados de graça espontânea de expressão, e melhor obedece às leis do ritmo.

AFONSO DUARTE.



É de Milly Possoz a admirável gravura em madeira que em separata publicamos.

O próximo número do «trípico» será consagrado a Camilo, inserindo um trabalho de Vitorino Nemésio, uma carta inédita e um retrato do romancista gravado em madeira por João Carlos.



“tríptico”

MILLY POSSOZ
“SANTA MARIA DE SINTRA”
GRAVURA EM MADEIRA



S O N E T O

O dia hoje amanheceu sombrio,
Plúmbeo o céu, e húmido, viscoso...
O vento põe um rictus doloroso
Na epiderme flácida do rio.

Passa no ar o livido arrepio
Dum silvo de serpente misterioso.
É pálido, grotesco, hiper-nervoso,
Choro de medo, bebo vinho, rio...

Dos corvos o agoirento bando negro
Vôa baixo, a grasnar, cruel, voraz...
A estranha taça onde bebia quebro.

Ficam-me os olhos fundos como poços...
É sinistro, gelado, o vento faz
O ruído singular dum ranger de ossos!

AMÉRICO DURÃO.

L U A S

Lá por fora o luar é um vendaval de luz,
Como este amor desvairado,
Que nasceu numa hora de pecado
E há-de morrer numa cruz!

Lá por fora o luar é um dilúvio de alvura:
— O teu corpo arrepiado,
Quando o tenho nos braços enleado,
E os teus olhos são lagos de ternura!

Hoje fiz-te chorar; eras tão linda assim...
(Lá por fora o luar, pela noite sem fim,
É um duende a correr por montes e quebradas!)

— São luas, sabes, meu amor? — Desejos
De te ferir, para beber, aos beijos,
As tuas doces lágrimas salgadas!

A. DE SOUSA.

Q U A D R A S

Sejam loiras ou morenas
Tôdas têm o mesmo geito...
As penas de amor, são penas
Que se dão em todo o peito!

*

Sempre quis acreditar
Na dureza do teu seio:
Os rochedos, junto ao mar,
Dividem ondas ao meio...

Na capelinha da serra
Foi-se a casar a pastora:
Foi padrinho o S. Tiago;
Madrinha, a Nossa Senhora.

*

São as ondas do mar alto
Aqueles que eu mais respeito:
— Lembram as grandes saudades
Crescendo adentro do peito.

JOÃO NETO.

S O N E T O

A AARÃO DE LACERDA

De dentro de meu peito, sem temor,
Hei-de arrancar meu coração, um dia,
a ver se poderei vencer a dor
que me consome a vida e a atrofia.

Hei-de arrancá-lo e feri-lo, sem horror.
— Que éle, afinal, não tem grande valia
pela razão de ter lá dentro, o amor
que alguém me deu, por troca de alegria:

Fazei o que eu fizer — oh! meus irmãos!
— Tomai os vossos corações nas mãos
e feri-os, a matar, sem compaixão!

— A termos todos, tôda a vida, um mal
a acompanhar-nos—meus irmãos!—mais vale
ficarmos todos nós sem coração!

ALBERTO DE SERPA.

MACIEIRAS EM FLOR

Macieiras em flor, oh! meu Amor!
Que lindas, sôbre a graça do teu vulto!
Quando tu és presença em derredor
Anda Jesus oculto.

E abençoando as cousas meigamente...
É tão leve, tão leve quando passa,
Que se não é o olhar da tua graça
Nem dá por tal a gente...

Chove encanto do Céu pelos caminhos!
Falas!? e há mais perfume à nossa volta,
Estremecem de amor todos os ninhos
Quando em teus lábios essa voz se solta!

É que és tôda florida,
Como são as macieiras!
Foi em ti que fez ninho a minha vida
Que é uma avezinha de àsas feiticeiras.

Em tudo é primavera,
Di-lo o teu vulto leve e o teu olhar!
Numa igreja recoberta de hera
Oh! meu cândido Amor, vamos noivar!

LUÍS GUEDES DE OLIVEIRA.

VITÓRIA DO ESPÍRITO

A SARMENTO DE BEIRÉS

Dizem que para os lados de onde nasce o sol, há dois rios que vindos de origens diferentes se juntam afinal no mesmo rio...

Dava o meu dia por bem empregado, sempre que encontrava na Baixa o Luís de Gouveia. Alto, magro, uma intensa mobilidade lhe animava as faces pálidas, nas quais os olhos se abriam como dois poços, guardando em seu interior profundo a água lustral do pensamento.

Quando passava, sempre desatento à frivolidade envolvente, ora curvado um pouco sobre si próprio, como que a prescrutar-se, ora de olhos em alvo, numa abstracção de quem vai correndo atrás de uma ideia, nunca o encontrei banal e vulgar, enredado em preocupações mundanas, antes pelo contrário, tinha sempre uma atitude espiritual que levava infalivelmente a nossa conversa para as coisas elevadas do pensamento, e à qual êle arrancava os mais subtis aspectos de beleza. Nunca as contrariedades da vida enfraqueceram o seu optimismo forte e reflexivo, repellido-me:

— Amigo, a vida é uma batalha para a qual devemos ir bem couraçados. A couraça do homem de espírito está no conceito daquele misantropo que dizia: há uma única maneira de tolerar a Humanidade: é esperar pouco dela!...

Quando uma tragédia estalou na sua vida, tão violentamente que mal eu percebia como êle não tombava em desespero, respondeu-me apenas:

— Podia ser pior...

E percebendo no franzir dos meus lábios uma ténue desconfiança da sua sensibilidade, retorquiu-me altivo e sereno como um deus:

— É que à alegria da satisfação, um prazer maior se substitui: o orgulho da minha dor! O orgulho de sentir sobre mim todo o peso do mundo, e a-pesar-disso, viver! Viver, amigo, a plenitude da vida!

— Ou vegetar?...

— Ah! não! Viver — dizia-me com acentos de energia viril — viver para a alegria embriagante do triunfo!

— Sim, mas antes do triunfo, se lá chegares, quantas desditas!

— Sim, quantas desditas! Mas que valia o triunfo sem elas?

Depois, meu amigo, a-par das desditas, quantas e quão compensadoras belezas. A dor é para nós como o prisma para a luz solar: através dela a beleza da vida se decompõe em todo o seu vívido e bizarro colorido.

Desde êste momento, para mim as crianças têm mais encanto, as flores mais delicado perfume, a bondade mais ternura e um beijo penetra mais fundo...

Esta filosofia de combativo não lhe atrofiava, entanto, as delicadezas do sentimento. Às vezes surpreendia-o num alívio de estesia, olhos no vago sobre a recordação dum beijo furtivo em certo pulso amado, que na sua vida ficara como uma eterna estrela de saudade!

Combativo embora, se alguma discussão se travava, era freqüente deixar-se vencer, dizendo-me depois muito simplesmente:

— Afinal êste argumento desfazia aquilo tudo...

— Mas por que foi que o não empregaste?

— Para evitar-lhes uma situação desastrosa.

— Mas nessa situação ficaste tu!

— Pois sim, mas vale mais vencer-me do que vencer alguém!...

Todo o homem sensato deve evitar ao seu semelhante uma situação de inferioridade, que humilha sempre e é sempre odienta...

E quando prestava um serviço, costumava dizer, parafraseando Alphonse Karr:

— Afinal quem fica obrigado sou eu porque tive oportunidade de ser útil.

A última vez que o vi, mal me avistou, correu para mim de braços abertos, com um estranho fulgor de alegria nos olhos:

— Abraça-me, abraça-me, estou doido de alegria.

— Mas porquê, homem?

E, solenemente:

— Acabo de renunciar a uma mulher excepcionalmente bela!

— ?...

Ora ouve:

— Eu costumava ir todos os dias para o jardim, logo ao alvorecer da manhã, aguardando êsse momento épico em que o sol, a romper, é como um clarim conclamando, lá para as bandas do Nascente, e ao seu clamor acudindo, ao seu clamor viril, das entranhas da terra as puras seivas emergem, intumescendo homens e coisas. Depois, ficava algum tempo deitado junto duma madressilva, atrás dum muro, lendo ou meditando. E todos os dias infalivelmente, quando as nove horas caíam, eu sentia na rua uns passos apressados, subtis como de

«ovelhinha branca, ingénua e delicada»

que passasse... que passasse...

Muito tempo contive a minha curiosidade, e todos os dias compunha um ramo de cravos e baunilha que detrás da madressilva ela via cair misteriosamente. De cada vez que me sentia impellido a aparecer, logo me assaltava o receio confrangedor de quebrar o encanto do poema, com a pungente desilusão de ver surgir, em lugar da deusa pagã que sonhava, o corpo débil duma costureirita incaracterística.

Mas um dia houve que não resisti, e das madressilvas, ela não viu surgir o infalível ramo de flores, mas a minha fisionomia transfigurada de emoção, transfigurada de emoção, porque na verdade os seus grandes olhos verdes, cheios duma claridade celestial, o seu corpo nervoso, exalando frescura e graça como as flores exalam perfume, a ebúrnea polpa da sua carnção, que à simples vista revelava a consistência *tonus*, faziam dela uma estranha aparição de beleza, bizarra criação helénica que milagrosamente brotasse do cinzel apaixonado dum deus pagão. Insensivelmente, o livro caíu-me das mãos e, quando trêmulamente lhe pedi que o apanhasse, ela respondeu numa voz volumosa e quente, que não era o maior dos seus encantos:

— Sabe que o romance já me arreliava? Ao menos aparecesse!

— Para a desiludir, não? Confesse...

— Mas confessar o quê?

— Que não sou, positivamente, um príncipe...

— Um príncipe de bom gosto, por certo. Mas deixemo-nos de galanteios.

As suas flores já me disseram de si o bastante para que por minha vez lhe possa dizer: conversemos como bons amigos!

E como bons amigos conversámos.

Disse-lhe tudo, tudo, o que podia dizer-lhe a minha exaltada imaginação poética, e ela viu nos meus olhos a expressão indizível das harmonias mudas que os seus olhos magos desferiram nos meus nervos, o êxtase da minha alma agradecida, para quem ela era, mais do que uma mulher, a personificação em que se corporizou, afinal, o meu grande sonho de artista!

E ao pé dela, todo o mundo se esbatia nos longes da memória, e a visão do paraíso surgiu, quando os seus dedos de seda docemente me cerraram as pálpebras, afagando-me as olheiras!

Ah! mas — e felizmente, como hás-de ver — o mundo estava perto, não para fazer em bocados o poema que tanto acalentáramos, mas para inflar mais do sôpro da beleza a minha alma desfraldada.

Uma tarde, ia o sol a afundar-se entre rendas de espuma que o mar lhe oferecia, era a Trafaria uma às brancas de gaivota pousada na areia da praia; tremiam os meus dedos na sua 'cabeleira dourada, iam nossos lábios colar-se na suprema exaltação do primeiro beijo... quando Ela, alvoroçada, se desprende dos meus braços:

— Por Deus, que vamos nós fazer?

Não, não, Luís, nós temos primeiro que dizer um ao outro a nossa vida. Que sei de si, que sabe V. de mim?

— De si, de mim, de nós ambos, sabemos só que nos queremos muito...

— Não, não, Luís...

...E disse-me, então, a sua vida toda.

Mais por conveniências e simpatia de família do que por seu próprio gosto, estava comprometida para casar com um oficial da marinha que àquelas horas andava por mares longínquos e que loucamente a adorava...

Fiquei perplexo, refluiu como por encanto a mim toda a serenidade, e nos meus olhos passou, em vívido relêvo, todo o puro encanto conjugal, que um arrebatamento de sensualidade estilizada ia perder e acaso havia já comprometido! Mas os seus olhos tinham tanta ternura, era uma promessa tão absorvente a sua boca rubra com bocadinhos de neve, que todas as minhas forças amoleciam...

Num supremo esforço, porém, olhei ainda uma vez os seus olhos lá no fundo, beijei as suas mãos pálidas, e...

— Adeus...

Ainda ouvi o seu soluço múrmuro, que já não tinha, não, a harmonia doce dos passos subtis de outrora!

— E aqui tens porque renunciei a uma mulher excepcionalmente bela!

— Uma pieguice, afinal, retorqui-lhe. Não aproveitaste tolamente o que outros irão saborear.

— Que importa, se, em vez dum remorso, tenho dentro de mim, eternamente viva, a satisfação de uma nobre atitude moral — e o que é maior ainda — em vez dum aborrecimento, a beleza imarcessível duma longa, delicadíssima saudade...

MÁRIO DE CASTRO.

ILHA DA FORTUNA CANÇÃO DA ALDRABA

Dois longos sóis no mar são já passados que vogamos, no *Garajau* de lento balaço triste, em cata da Ilha Primária ou das Donzelas. Um portulano medieval a traz sob este signo. *Insula Columbi*, ou da Garça de colo real formoso; *Insula Capra-cia* ou da cabrita úbere e montesa; ao fundo, *Insula di Corvi Marini*, esboçadas na traça da pinacoteca de bordo são como sombras deleitosas, rastos de aves de bico dentirostro. Mas, trabalhados, os dias vão penosos, correm as horas no páteo do mar como nereidas e, pic, pic, nas cordas que a vaga faz erguendo-se, as toninhas cabritam.

O mar é o pasmaceiro mais pasmado e, abaulado em seu regular movimento, debaixo do céu, semelha um cérebro de vastos pensamentos.

Às vezes, do cesto da gávea abandonado, um rápax voa, explora em altitude. E seu olho redondo regressa estático da viva luz difusa, leitosa das nuvens madreporárias que escorrem.

Meio dia batido na sineta de bordo, por toques duplicados, estou na ponte e o capitão do barco. Pêra ruça e cofiada, maçãs do rosto vermelhas como camoesas maduras, êle é o oráculo da armada que só tem capitânea.

Vamos muitas pessoas. Embarcaram os cavalheiros vestidos da lã dos merinos, as madamas de farta seda colada aos peitos e às ancas, como os sábios de barba veneranda e os cansados, esmorecidos jogadores de Mônaco. Em meia nau subiram criados à tolda com almoços frugais, queijos da serra e os amanteigados flamengos, dois gomos da desenojoativa laranja e um hemisfério do cítrico frutinho. E inclinados, tentando o disco, caixeiros de mostras da Covilhã jogam o *burro*.

A civilização da Europa estava mesquinha e caduca. Os ódios à sôlta eram como lobos vorazes mamando na mãe romana, não como Rómulo, como Remo os fundadores da cidade, mas como parasitas derradeiros da velha cidadania. De-balde os povos esperaram que breve, de Leninegrado, viesse o resgate requerido.

Só o mal, pegando como silva, instalava as mais retorcidas raízes para lá dos mais baixos nateiros. E sob a forma múltiplice de dojo, ardil ridente ou negaça, derrubava as raras figuras de asceta, sábio ou letrado em busca da forma archi-perfeita. Os casinos e os bordéis alastravam-se, e não contentes dos mais pacatos burgos, abriam sucursais pelas aldeias serranas, rijas do exemplo austero dos antigos; — a ponto que, roídos de miséria, os *leaders* sociais passaram a porteiros e contratadores de teatro.

Resolvemos pois, perto de mil portugueses, tentar no Mar do Sagaço as ilhas da Fortuna. Um conselho se reuniu pressuroso para fretar galeão. Resolveu-se passar à vida verdadeira, sem sinal, nem diferença hierárquica. Mas os batoteiros teimaram em levar no bôlso algumas fichas e os caixeiros em frescalhar a opopónax. Grandes senhoras puseram pó de arroz e encomendaram de Paris bisalhos. Banqueiros trouxeram as amantes em reservada *cabine*. E os papos-secos não abandonaram os monóculos nem os sapatos ponteagudos, com ralador na biqueira.

Nas longas horas de bordo, os sedícios costumes burgueses entreteem os viajantes: joga-se, pedem-se refrescos gelados; um casalinho de fresco marido rô-rôla contra a amura. Cadeiras de lona atravancam as passagens estreitas,

e nelas, recostadas com negligente modo, meninas erguem os braços à cabeça. (Bela como és, minha filha, e de corpo subtil na malha roxa que vestes, supinho-te uma alforreca em sêco, vivo presente de El-Rei Mar...)

Murmurado isto comigo, a noite surpreende o barco, encapuchada vem de bruxaria e, sem estrélas, profunda a todo âmbito, é um emplastro de breu no mar Oceano.

— Boa noite! — desci da ponte onde passei a tarde, ao pé do capitão, que agora cachimba o seu fastio, rufando nas vidraças. Sente-se ranger o correntão do leme, que segue na sua calha, recua, avança de novo e devagar, oleado e grosso. Dou uma volta ao convés. Provida de dois êmbolos, vê-se a máquina trocá-los no labor, e parece uma máquina volante de costura pespontando a água salsa. Se houvesse lua, ver-se-ia a cauda espumosa e a sombra do conta-milhas; seria o mar um lençol. Mas não. Enquanto desço ao camarote, desrolho os pés sacando as botas, dependuro o casaco nos varandins do beliche, um novelo de escuridão doba que doba e um ventozinho sêco gira-gira. Vuuu... Canta na mastreação, nos ventiladores que são como flores de jarro. Um pouco mais bufão apagaraia Santelmo. E gorgolante, progressivamente voluptuosa, a água a bombordo — o meu bordo — afoga tôda a vigia.

Vamos experimentar a moleza da cama. Bem... Sômente o cobertor me deixa os pés de fora. Ennogo-me contra o frio, mas a porta bateu, ergui-me e refechei-a. Só agora, de papo para o ar, considero a proximidade da terra afortunada aonde pus meu desejo. Lá, dizem, corre o tempo mais doce que um favo de mel cantado por Lucrécio. A vida é natural, e branda e boa. Os corações são amplos e perfeitos. E a paz, senhora de âsa branca, abraça as coisas tôdas sob o frouxel da penugem, feita da luz mais fofa, do mais meigo calor e da mais santa graça.

Vu, vu... ¡Ah, maroto de vento, que me atrazas a marcha!

De manhã. Aromas de cedro, de pitóporo, de faia, impregnam os pulmões à gente; que regalo... Nasceu o sol com rubor de donzela e subiu, deitou no azul um pingo de oiro esplêndido. Eu sonho. E já no horizonte se desenhou a terra. Correm de seus fúgrios as donzelas vaidosas, as rebarbativas damas, os banqueiros de bota ladroa, de borracha. Afluem maquinistas que o óleo vil besuntou, cozinheiros trazendo na mão couves tronchas, os cora-mastros com véstia de ganga escura. E todos, varados de surpresa, enquanto a sereia larga o seu pio de espanto, vêm, ao fundo, enorme, ascendendo em pluvial de rosas a grande ilha de que Platão falava, e nela a *Civitas Dei* formidanda.

Uma abada de pétalas e fôlhas cai, tomba sôbre os maldosos de nós: é a luz da aurora. Mae já ao esplendor subitâneo, sucedeu oiro, oiro vertido, pluri-forme e ofuscamente, sucedeu a luz que a todos esclarece e iguala dadivosa. Não mais, em velhas cidades corroídas, sombra de hostil palácio a dar alento à humidade, e nesta, sôbre cacos de barros, sobras de rancho podre aos pobres tristes. Nunca mais a betesga e nela aberta a porta onde a pobrinha, necessitada rameira, debruça os seios e espera. Para longe o verde tapete onde os cegos, os maus de entendimento, lançam o pão das filhas em rodelas. E prisões de revoltados justos, de ladrões sem roubar, de matadores que apenas deram vida, nunca

Ó minha casa da serra sem disfarces de caiado, como é do uso da terra e também do meu agrado!

Telhas em onda quebrada, meu triste telhado antigo, pareces terra lavrada e semeada de trigo.

Encho-te os regos de milho: poisam-te as pombas em bando. — Guarda-me como teu filho enquanto por aqui ando.

A porta já tão velhinha, gemente, quási que chora; não deixa ninguém na rua, Todos a abrem de fora.

Tem apenas uma aldraba; pois então para que há-de ter fechadura de chave como as portas da cidade!?

Eu não tenho que roubar, nunca fiz mal a ninguém: não tenho que recear como muita gente tem.

Aldraba da minha porta, meu poema de humildade, quantos entram, quantos saem sem nos deixarem saudade.

Mas se sai alguém amado tens um som dorido e fundo: então devias pesar mais do que o pêso do mundo.

Quem vai prá guerra ou pró mar há-de erguer-te na saída: és a última a falar na hora da despedida...

Aldraba da minha porta, que não conheces ninguém e sem diferença anuncias má gente ou gente de bem!

Aldraba, gasta, a bater, cantiga de bom agoiro, se a Bem-Amada te erguer concerto-te a fino oiro.

BRANQUINHO DA FONSECA.

mais junto às muralhas dos fortes, ao pé das tôres feias, com negras varas de que fogem pombas.

Primaria sive puellarum, a ilha da Fortuna abriu seu seio a nós todos.

1925.

VITORINO NEMÉSIO.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA GUILHERME FILIPE NA CORUNHA

Quasi todos estes quadros foram feitos em Coimbra. Há aqui notas justas, como não podia deixar de ser, nalguns há mesmo côr local, como dizem os críticos. Mas, se há notas justas, eu não tenho culpa, ninguém está livre da forte sugestão da natureza.

Eu pintei e pinto, procurando esquecer-me de tudo isso, alargando a minha visão até à subtil indiferença por tudo o que está fora dela.

Não quero dizer que fujo à influência da natureza, nem eu mesmo sei se quero outra coisa que pintar quando pinto; mas a verdade é que eu vejo, até nas côres inteiras que saem dos tubos, a matéria da saúde, e é apenas saúde da natureza que eu quero que fique.

É natural que desagradem a muita gente quadros como o «Cristo negro», «O estudante e a prostituta», mas é para isso mesmo que êles aí estão. Pertencem a uma fase de reacção contra um meio parado que eu tive de tolerar durante quatro anos. Essa visão canalha é das mais finas de toda a minha vida e oxalá ela se alargue mais e recolha em si todos os assuntos que lhe pertencem, até que o céu se aviste, através do fogo do inferno.

Tem-se abusado muito da palavra — síntese — quando se fala de pintura. E a maioria dos pintores que procuram ser modernos não só abusam dessa palavra, mas ainda procuram chegar a ela seja lá como fôr, julgando que por si só êsse é o ponto final.

Eu não tenho obsecção da síntese porque eu não tenho outra obsecção senão pintar como sinto naquele instante em que tenho as côres nas mãos e estou diante do assunto — naquela hora só, bem cingida e bem fechada, fora da qual já tudo é diferente. Mas se alguma obsecção perdoável se pode ter, é a da essência, para a qual nem sempre a síntese é um passo.

A essência chega-se intuitivamente pela paixão e pela sinceridade; a

síntese pela inteligência pura ou desarmada.

Pela síntese, as formas que vagueiam nas aparências são encontradas, recolhidas, e, cultivam-se ou deformam-se; pela paixão ou pela sinceridade o espírito chega ao assunto muito antes de nós mesmos, de modo que, quando lá chegamos pela síntese, encontramos a essência ou intimidade das coisas. Quero dizer, que síntese sem essência está fora da minha maneira de ver; e uma coisa sem outra é quasi tão impossível como religião sem Deus e tantas coisas sem outras.

Se algum amor eu tenho a certos troços de pintura que tenho visto, é porque vejo que foi feita com o completo esquecimento de tudo e, apenas, com o espírito presente — o interesse do assunto proveniente da paixão com que foi visto.

Mas não se deve falar muito nisto porque é loucura, e nós não devemos chegar à loucura pela verdade, devemos antes chegar à verdade pela loucura.

* *

A grandeza dos volumes está na luz que os revela e nos olhos afeitos às grandes superfícies.

Para uns olhos novos tem mais interesse, pelo que tem de plástico e de humano, um copo de barro sobre uma mesa, que uma grande paisagem aberta sobre um largo horizonte.

A forma impõe-se sempre, a côr só se impõe quando é dada com intenção de forma.

Preocupa-me muito a beleza pura; atropelo a lógica, a verdade aparente, a perspectiva, para tornar mais pura a minha concepção.

A evolução em mim não está na perfeição da técnica, como se costuma dizer, mas no modo de ver e interpretar. Quanto mais claro vejo um assunto, por muito complicado que seja aparentemente, tanto mais penetro e mais preso fico da sua intimidade.

Tocar a intimidade é, pois, criar beleza. A técnica é uma resultante; varia segundo o assunto.

Sem pretender qualificar-me vaidosamente de louco, direi que em pintura sou um irresponsável pela forte razão de que estou sujeito à influência do irrevelado, e que tenho de falar na linguagem oculta do que já existe, para que os assuntos me respondam. No modo de comunicar com as coisas está toda a verdade da pintura.

GUILHERME FILIPE.

Palavras do Catálogo da Exposição.

UNIVERSIDADE L I V R E

Um grupo de pessoas, fervorosamente dedicadas à causa da instrução, acabam de empreender uma benemérita obra: criaram entre nós uma Universidade Livre.

A formação dum instituto de educação popular, de vulgarização científica e ensino artístico, impunha-se há muito em Coimbra, como terra tradicionalmente dada aos trabalhos do cérebro e meio cuja importância industrial determina, com o acréscimo da população operária, condições cada vez mais exigentes de inteligência e cultura. A Universidade Livre há-de satisfazê-las.

Na sessão solene com que inaugurou seus trabalhos, êste belo instituto expôs, pela bôca do sr. Dr. Aurélio Quintanilha, os altos fins que visa e o porque se fundou. Salientando o assustador melindre que a luta de classes oferece, insistiu o orador na conveniência da mais estreita união de doutos com indoutos, de intelectuais burgueses com militantes operários, a-fim de que se corrijam excessos e se cultivem vontades.

Conseguiu de facto o ilustre professor da Universidade de Coimbra pôr a questão em termos os mais justos; e sobretudo provou, em que pese aos detractores de ofício, que é um dos mais cultos e formosos espíritos da sua geração.

À Universidade Livre oferece o triptico o seu deminuto préstimo.

PUBLICAÇÃO MENSAL DE:

número
7
série
3

Afonso Duarte — Alberto Van Hœrtre de Teles Machado — António de Sousa — Augusto Telo — Branquinho da Fonseca — Campos de Figueiredo — Celestino Gomes — Guilherme Filipe — João Gaspar Simões — Luís Guedes de Oliveira — Mário de Castro — Vitorino Nemésio.

Coimbra
15
fevereiro
1925

Número avulso 1\$50; Série de 3 números 4\$50. Redacção: T. da Rua do Norte, 4

tríptico



arte-poesia crítica

8

CENTENÁRIO DE CAMILO

C A M I L O

Conferência promovida pela Universidade Livre e pronunciada no Salão Nobre dos Paços do Concelho de Coimbra, sob a presidência do Senhor Doutor Eugénio de Castro, em 16 de Março de 1925.

I

SENHOR DOUTOR EUGÉNIO DE CASTRO, MINHAS SENHORAS, MEUS SENHORES :

Quem vos vai falar sobre Camilo não é camilianista, não pertence à confradia vasta dos que o têm por grão-mestre; mas sendo um pobre escrevedor de coisas, humilde peão da linguagem, aceitou êste pesado encargo de se ocupar do cavaleiro, como o apagado grão de areia aceita do sol que o ilumina a luz celeste e crua, deslumbradora luz que a tudo obriga, e que por ser etérea, incoercível, é que tanto vive no sol como no pó mesquinho. Era de-certo melhor que, para instrução da leitura camiliana, alguém idóneo aqui viesse, vos falasse nitidamente de Camilo, esclarecesse a vida do escritor sem chocalheiras rebuscas, colhesse, enfim, para vos mimosear, as verdadeiras flores de maravilha que vingaram na sarça de tantos milhares de laudas. Sarça tão grande e requeimada, que parece, qual novo Monte Olivete, regada a suor e sangue de agonia.

Mas, já que vos não elucida quem deve, possam ao menos vossos ouvidos guardar uma voz que se eleva em honra do escritor, e deseja, neste concêrto do centenário e em presença dum príncipe das letras, ter um afino que lhe não desdoure a memória. Nas procissões de Entêrro das aldeias, em sexta-feira-santa, vai um banquinho a que trepa um figurante da santa mulher Verónica. Dêle abaixo se expõe a vera efigie de Cristo. E' pois guardando as proporções devidas entre êsse quadro e o de hoje, que eu vejo aqui, nesta cátedra simples e também ambulante da Universidade Livre, o pobre banco de cima do qual se diz o comovido *O vos omnes*. E à semelhança da personagem litúrgica, posso mostrar-vos o sudário — rôsto sangrento sobre fundo branco — dêsse Camilo que foi o mais cruciado, o mais triste, o mais doloroso e sombrio dos escritores portugueses.

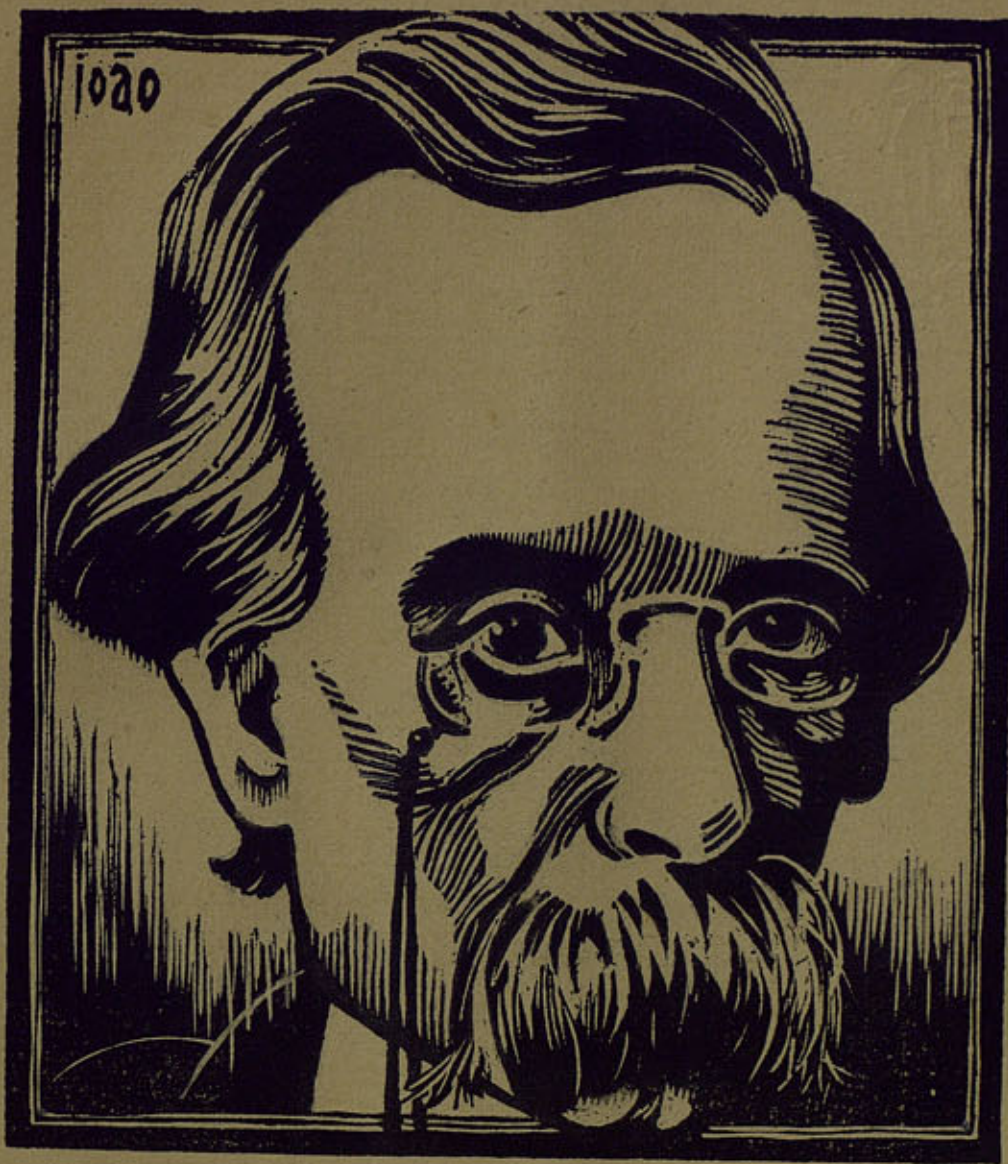
As minhas primeiras leituras de Camilo datam do ano de 1911, se é que não estou enganado; e lembro-me de que, convalescente, estranhamente me souberam. Não poderei agora recompor minhas pueris ideias, os sentimentos que nesse tempo antigo a pena do escritor foi acordando em mim. Seria curiosa, entretanto, a minha auto-restituição à era, já longínqua, em que recebi pela primeira vez tão duradoira impressão. Sensações, pensamentos, tôda a teia espiritual da vida nos enreda melhor quando nos colhe meninos. Há então em nós uma frescura que pouco a pouco deserta, e é como se água lustral, derramada numa superfície enorme, fôsse fugindo sob o calor da vida em fumo vago e cheiroso. Assim Camilo me veio encontrar um dia. E se mais tarde outras prosas me deleitaram, pelo boleio, pela graça de linhas gerais mais sóbrias, de-certo a prosa dêle, com dar-me então uma rara impressão de força, me deu a medida dum sentir português que não conhece excedente.

É, com efeito, esta identificação de Camilo com o seu meio, o que faz dêle êsse tão querido autor, o mais popular entre todos, acomodando-o às inteligências cultas e às menos providas mentes. Que circunstâncias, porém, compareceram nêle para formá-lo assim, dando-lhe molde tão à parte na galeria dos escritores seus coevos, não digo já portugueses, peninsulares até?

Variadíssimas foram, e só o catálogo delas ocuparia um precioso tempo a quem pudesse fazê-lo. Não se trata, em verdade, de aglutinar *a priori* considerações de meio; a vida amorosa e vária, a portuguesa; a educação absorvente entre a livresca poeira dos nobiliários e dos crónicons; a inquinação do virus de uma sociedade gasta, ingénua e tumultuosa; enfim, a dolorosa condição de grilheta da pena, com o editor à vista. Cuidar-se-ia de exumar do aluvião da prosa, que se tem gasto sobre o homem, — e que eu venho acrescentar destas inúteis palavras — o rigoroso estudo que se exige e o explicaria de vez. Mas nem sou eu a pessoa obrigada a isso, nem posso mais do que louvar-lhe o estilo. — Para os devotos desta figura enorme na nossa literatura, não é, de resto, indiferente um depoimento a mais, por muito pobre que seja.

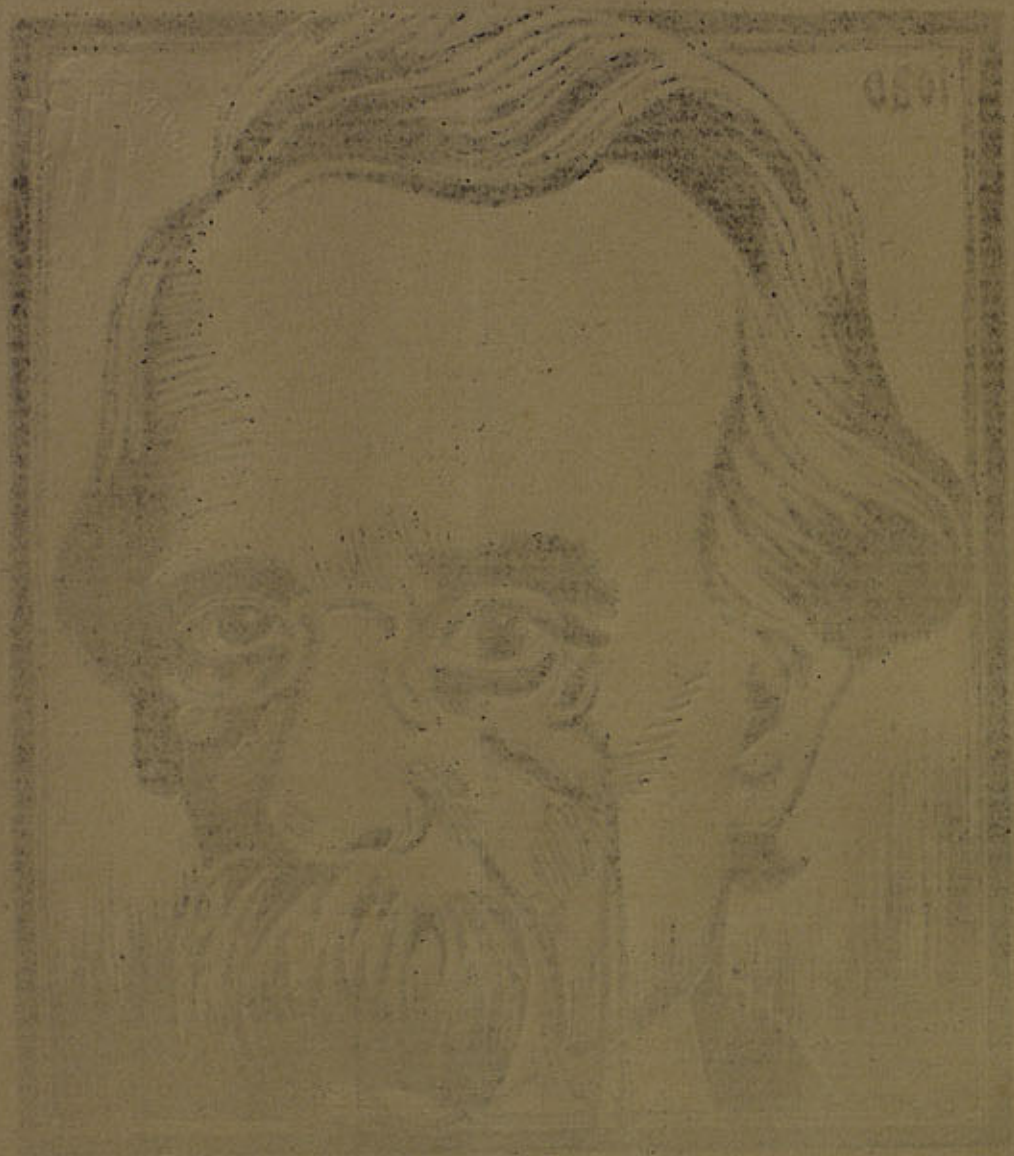
Filhado numa língua que ao doce sabor das trovas acrescenta, no discurso sem rimas, a vigorosa riqueza de uma elocução variada, o estilo de Camilo não se assinala pelo traço largo, lés-a-lés, embora suave e lesto no correr, que dá à linguagem de Eça de Queiroz — por só tomar o mais perfeito exemplo — êsse aspecto de harmonioso curso de uma levada alegre. O sêgrêdo da composição, dos quadros reais e equidistantes na novela, não o possuiu Camilo grandemente, e é talvez esta a razão porque o seu génio exuberante tem pessoalidade. Refiro-me a êsse cunho egotista, que dá à prosa do mestre um tom de cavaqueira: ou a oração romântica e convulsa, molhada de lágrimas, ou a mal contida impulsão da veia aguda, hilare, violenta, que se resolve a cada passo num formidável jôgo de imprecações e doestos. Assim, desviado da preocupação unificadora, quanto à novela e ao romance; apartado da obsessão do todo, do completo, da urdedura inconsútil e harmoniosa dos livros, o temperamento de Camilo devia de achar-se à vontade para viver mais nas linhas que nas páginas, e nas palavras mais do que nas linhas. Isto se prova justamente quando o escritor pretende ir com a moda realista, não podendo nela encontrar a fórmula rigorosa, impessoal e nítida que é a virtude da escola, mas mais uma vez o pretexto para dar largas à sátira de *Eusebio Macario* e *A Corja*.

De grande vida verbal falei eu; e é relendo algumas das mais celebradas páginas de Camilo, do Camilo sarcasta e maligno, zargunchador e azêdo, que se tem a impressão de tal sobrabundância.



“tríptico”

JOÃO CARLOS
“CAMILO CASTELO BRANCO”
GRAVURA EM MADEIRA



C A M I L O

Estas coisas do estilo, meus senhores, as mais custosas de revelar e entender, perdoareis que eu expunha com menos rigor de crítica e alguma retórica a mais. São os mistérios duma arte que ainda não tem ensino regular. Suspeitam-se, não se afirmam; entrevêm-se apenas, não se lobrigam bem; — um pouco são como a chave dos dias nefastos na avara mão dos pontífices. Por isso talvez os escritores, quando nos falam de processo, nos parecem às vezes bastante obscuros e vagos.

Eu nunca esquecerei, por exemplo, uma conversa com Aquilino Ribeiro sobre questões desta índole. Fazia êle o alto favor de me ouvir, sob a Arcada, em Lisboa, e generosamente me expunha o plano do seu *Romance da Raposa*, ainda inédito então. Conhecido de mim o propósito de desenhar a raposeta com todo o ardil que tem, — mestra, um pouco, e na medida do razoável, da precavida conduta que até as crianças serve — viemos depois a falar do seu *Jardim das Tormentas*. Eu proclamando, sem prejuízo do texto *ne varietur*, as excelências da forma primeira do livro; Aquilino insistindo na superioridade da composição definitiva, peripatetizámos muito, com grande proveito meu. Mas o notável é o emprêgo constante que me fazia Aquilino, querendo explicar-me a técnica, de uma linguagem que era, sem dúvida, a mesma dum architecto ou pedreiro. Em sua bôca tudo era *volume*,

saibro, rebater, acamar, — termos e verbos que lhe a êle pareciam da mais perfeita clareza. E, de facto, descobria-se neste falar figurado a lei da sua prosa. Como o alvenel e o canteiro, o escritor mantém, frente à obra, uma attitude a cada passo retida e agudamente vigilante. Se desbrava os grandes panos dum trecho, contém-se, depõe a-miúde a pena mais grosseira para pegar na mais fina. Se já afeiçoa uma descrição esboçada, um diálogo, um tôsko retrato literário, abranda o impulso, segura e larga continuamente os fios tão delicados das vozes, e esquadro, transferidor, o nível alternam-se na mão, que é a grande e justa regra. A pouco e pouco, assim, o gabinete do escritor se vai assemelhando a uma oficina de estatuário, com os seus torsos abandonados, as suas Vénus de Milo desmembradas e altas, os seus bustos, e aquela poeira onde a luz do trabalho ilumina, com mão doirada e esperta, como que os vagos caminhos de um sofredor pensamento. Eis o sinal, parece-me, da irmandade de todos os artífices pelo suor da tarefa. A beleza é a água duma única fonte pura. Searas, poemas, viadutos, estátuas de guerreiros e breviários de monjas, tudo o que é belo e útil sofre os transes iguais do eterno movimento. E o ritmo vigoroso, o prazer vivo de produzir e ser, outra coisa não é do que esta música estranha e em surdina, que vem dos malhos rudes, e das suaves penas a correr no papel.

II

Se quisermos encorporar Camilo nalguma sorte de oficiais da pedra, — esta pedra ora maleável e dúctil, ora demais empedernida, que é a preciosa língua portuguesa, havemos de compará-lo a êsses maçons lamecenses de cunhais e cornijas, tão pessoais e destros, que encheram de graça e mimo igrejas e casas do norte. Na verdade, como aponteí há pouco, os seus apetrechos não serviam a grandes massas de prosa, onde se guardasse um ritmo sem pecado, uma envolvente linha de união que noutros autores existe. O seu léxico é rico, a sintaxe opulenta, mas a bitola de traçar as novelas varia em cada uma. No discurso polémico, então, o seu estilo é como um corcel desbridado. Espirra aí um sarcasmo cuja índole brava, causticante, se não subordina à contensão mais singela. Quem está em frente à página não é o experiente cinzelador que vai deixar a um canto o sainete, a imagem fina e ágil da ironia; — pelo contrário, é o génio ardente que se retrata nela com tôda a crua verdade, sem precauções nem ensaios, e, por isso que rude, desalinhado e desgrenhado às vezes.

Eu bem sei que o escritor sem paixão, impessoal e frio, que foque a vida fielmente, e, fazendo assim de vagamundo-fotógrafo, coleccione instantâneos sem que a chapa entremostre o gráfico da lente; eu bem sei que um escritor dêste gôsto é tão difícil de achar como a uma esmeralda azul. Mas o que no comum dos livros revela àquele que escreveu, é em Camilo, não a velatura, a esfumada sombra pessoal, senão o desenho francamente autobiográfico, das mais flagrantes linhas. Nêle não faltou, portanto, a qualidade específica de personagem, a dupla face de criador-criatura, indispensável a apaixonar um povo que adora os reis que se fizeram reis, os navegadores que se determinaram por si, os desgraçados que a si buscaram desgraça.

Ora, facilitando a Camilo o curso franco entre as almas, esta dualidade do prosador o impediu de perfeitamente falar àquela casta de espíritos, cuja ânsia, avidez de comoção, se não dessedenta em páginas convulsas, mas nos serenos fôlios da lavra dos *jouisseurs*. Emprego a palavra estranha porque é estrangeiro o padrão dos escritores dêste gôsto. Em França, pelo menos, são êles os mais abundantes. Viajeiros na vida, sempre arredados das paixões que lhes servem para compor os livros, realizam o tipo da literatura fria, sempre feita de fora para dentro, em que o leitor, como de cômoda bancada, vê o desfile das figuras, extrai do cortejo o pitoresco e o ridículo, e quando assiste a um prorromper de lágrimas não sofre como quem chora, sente sômente um rápido reflexo de piedade e tristeza. São estes escritores como aqueles índios a que Gaspar Correia refere que apanhavam as cobras enrolando nas mãos uma virtuosa planta. Ficavam tontas e sem morder, as cobras; assim tais escritores não são tocados das paixões que tratam nos seus livros.

E esta, porventura — e dado que prometi falar do meu sentir sobre o mestre — a ocasião de opinar que campo é o que prefiro ao estremar escritores: se a hoste calorosa onde se alista Camilo, formada por penas de aço, meio angélicas, meio demoniacas e sempre febris a escrever; se a brigada aérea, subtil, em que luzem os cálamos alados, armando os Eça e Anatole de uma malícia fina. Confesso que a minha inclinação é para os maliciosos, onde não está Camilo. Se a prosa é uma arte, eu entendo-a com imutáveis normas de isenta observação. Quero dizer que o prosador deve tudo medir a uma distância certa. Os motivos pertencem ao mundo exterior, que os anima, os geresce e consome ao sabor das leis universais. Literários embora por mera posição, tais motivos não podem furtar-se à série que os comprime. Lá vivem, lá têm

C A M I L O

seu natural cabimento, aí mantêm relações tamanhas que não há separá-los. Ora, a meu ver, a grande virtude dos escritores objectivos, cujo modelo português perfeito é Eça de Queiroz, consiste justamente no auto-domínio que realizam, e lhes permite serem aparentemente desnervados. Não se trata, porém, da apatia, da insensibilidade traída a incautos olhos. E' antes, o deles, um estado muito agudo de receptividade ao meio, uma espécie de hiper-nevrose crítica, que os habilita a serem, um pouco, os fios por onde segue a corrente. Espiritual corrente de não se sabe o quê, essencial à vida, mas portadora, de-certo, de todo o encanto e viveza que as obras de arte dão.

Camilo, creio, foi muito pouco assim. Minguou-lhe a permeabilidade a grande parte das sensações subtis que o universo reúne. Mas aquelas — e grandes foram — que o seu génio pôde entender e dar com garra poderosa, enfeixam porventura os mais vivos, os mais palpitantes documentos literários da língua portuguesa.

¿Porque o seu génio, de ouvido afeito só a certos murmúrios, concentrando-se nêles os repercutiu melhor? Não. Porque o idioma em que escreveu era o de uma nação cuja face, no corpo geográfico e étnico da península, é qualquer coisa de semelhante à metade da água bicéfala da heráldica. E sendo assim a irmã cognada de Espanha, Portugal há-de exprimir seu etos singular, sem grande aptidão de análise, apertado entre serras, sabido mais do mar largo do que da larga ideia. De resto, esta existência duma fisionomia hispânica inteiramente à parte, assinalada, no mais geral dos traços, por um predomínio do passional e dramático, é coisa há muito tempo constatada. Quanto ao fundo de identidade que existe entre a nossa pátria e a vizinha, não será de todo descabido lembrar aqui o que disse, prefaciando a primeira edição do seu livro *Horacio en España*, o maior humanista de aquém-Pirenéus, Menéndez y Pelayo: «¿Necessitarei explicar — indaga o mestre — porque chamei a este livro *Horacio en España* e não *Horacio en Iberia*? Primeiro, porque o nome de *Iberia* o desacreditou entre as gentes de bom senso certo partido político. Segundo, porque o nome de *Espanha*, que abusivamente aplicamos ao *reino unido de Castela, Aragão e Navarra*, é um nome de região, um nome geográfico, e Portugal é e será terra *espanhola*, ainda que permaneça independente por idades infinitas; mais: ainda que Deus o desagregue do território peninsular, e o faça andar errante, como a Delos, em meio das ondas. Não é possível romper os laços da história e da raça; não voltam atrás os factos, nem se altera o curso da civilização por divisões políticas (embora durem eternamente), nem por vontades humanas. Todavia neste século disse Almeida-Garret (*sic*), o poeta português por excelência: «*Espanhóis* somos e de *espanhóis* nas devemos prezar quantos habitamos a península ibérica». *Espanha e Portugal* é tão absurdo como se disséramos *Espanha e Catalunha*. A tal extremo nos trouxeram — termina Menéndez y Pelayo — os que chamam *língua espanhola* ao *castelhano* e incorrem noutras aberrações dêste gôsto ».

À parte, é claro, o tal ou qual ardor do espanhol ortodoxo que nestes dizeres se acusa (Menéndez y Pelayo fala *pro domo sua*), o que reproduzi é inteiramente verdade. E, que o não bradasse tão grande autoridade, bastar-me-ia a prova que um acaso feliz te deu, não há um ano. Vinha eu de Paris, onde tomara o rápido de Hendaia numa manhã brumosa. No meu compartimento haviam abancado um jovem bretão, a meu parecer, uma senhora idosa com séneto, e uma moça que devia de orçar por seus vinte e seis frescos. Distraído como vinha, não deixei de notar que em todo o caminho, ao menos até Bordéus,

a menina em questão não soltara um monossilabo único. E julgando-a francesa, porventura das relações do par de fresca data, entrei depois a supor não fôsse aquela uma pobre pequena triste, e saúdosa dos seus. Mas saco então dum *Diario de Noticias*, e eis que descubro a verdade.

— E' V. espanhol? — notou-me a senhorita, animada por aquelas letras, legíveis para ela, que o meu jornal continha.

Expliquei-lhe, que português. E objectando-me que que me entendia bem, desfiou seu rol de queixas, os dias tristes que passara em França em casa duns parentes, tôda a odisseia do seu castelhano bárbaro naquela terra estrangeira. Depois juntou-se a nós outro espanhol com um cãozito branco. E acarinhando-o com visível ternura — uma ternura que até no pobre bicho parecia achar um irmão (— *Perro más chico! Chico perro mio!*) — a pequena espanhola findou seu desabafo com esta voz singular:

— *Crea usted, señorito; ¡hasta tenia ganas de llorar!*

O combóio furara os Pirenéus. Um sendal de sombra sucedia no ar ao pano da tardinha. Campos de um verde vivo, do verde quente que poisa tão bem na oca daquela borda cantábrica, eram negros, mediatundos e sossegados. E então pensei que aquele desfavor entranhado com que a espanhola se despedia de França, eu vagamente o sentia, embora a mente mo emendasse prestes, e que no íntimo de nossos seres, ali adrede encontrados, havia o quê de profundo, de irrecusável, que nos unia. No colapso dos tempos, D. Quichote e Camilo abraçavam-se, irmãos.

Êste abraço entre Camilo e o cavaleiro da triste figura, trocado em meu pensamento, poderá parecer-vos um tanto ou quanto estranho. Todavia é o próprio escritor que no-lo torna verossímil, entre outros passos de sua obra, numa passagem do livro *No Bom Jesus do Monte*. Quando o surpreende a notícia do casamento de Aldonsa, declara expressamente: «Atorreado pela pancada... não sabia se devia consolar-me lendo o *Manual do Epicteto*, se as *Prisões de Silvío Pellico*. Fechei os olhos: tirei á ventura um livro da estante, e sahiu-me o *Dom Quichote*. Li, chorei e consolei-me. E' que eu tinha entrado no amago do atormentado coração que se desfogava nas risadas loucas, asperrimas e moralíssimas d'aquelle livro ».

Como se vê, há até entre as figuras ambas, mais que um fraterno amplexo, uma penetração recíproca, estrutural, acabada. ¿O que é, de resto, o Engenhoso Fidalgo, senão o persistente espírito cavaleiro que se homisiou na Península e que perdura em Camilo? Nado em berço bretão, êsse lendário cavaleiro emigra com nossos avós, os celtas, para aquém-Pirenéus. E' o Amadis de tão perfeita lealdade e ardido entendimento. Adora a Oriana e, segundo uns, desposa-a; segundo outros, nem lhe macula a fimbria do vestido. Também D. Alonso Quijano nunca encontrou Dulcínea; contudo fala dela como se a houvesse visto: «¿E' possível — estranha o nosso herói, com aquele sobrecenho ingénuo com que diz: «*ruin villano!*» — é possível, em verdade, que o nome de uma tão grande princesa não haja chegado a ouvidos vossos?»

Mas, transcurra a idade média, o cavaleiro comum a tôdas as pátrias da Ibéria parece gasto e anacrónico. Dá ainda — em Portugal, sobretudo — os exemplares humaníssimos do tipo dos *altos infantes*, navegadores e guerreiros. Na agonia do século XVI, produz o híbrido herói, tão discutido, que se perdeu em Alcácer. Em D. Sebastião, porém, já igualmente se cal-

C A M I L O

deiam o generoso Quichote com o obsecado, mimoso pimpolho da teologia mística, essa teimosa teologia peninsular, já tocada do ecuménico e do apostólico, que houve por bem abrir prima tonsura no belo cabelo a Amadis... Até que a aurora do século XVII havia de pôr para sempre, na panóplia das desdenhadas coisas e com a mão de Cervantes, aquelas adarga e lança, tôda a armadura refeita a papelão e a grude, com que Quichote saiu a brigar, um dia, da porta dum curral. Ah! Mas não vejamos na genial novela o epitáfio de cavaleiro, aonde passaria, a-par dum bico de ave de necrópole uma asa de epigrama. Vejamos antes a autobiografia satírica, a um tempo scéptica e fervorosa, verdadeiro contraste de desconsôlo e de fé,

do descendente do mais antigo celta que cavalgou na península. Ele cumpre o seu destino, mau grado a realidade que a cada passo o retém. Rasga com naus as bretmas, e com as lanças já bôtas conquista os ares e os moinhos. Em balde o espirito mensor, que lhe veio de Roma, o desenganará às vezes, lhe mostrará a assustadora diferença entre o finito e o infinito. Ele sabe que o guia um mito, mas lá vai. Nêle a razão é tibia, o peito forte. E de figura em figura, amesendado à tavola redonda dum ideal muito nosso, reincarna em Camilo para sofrer de novo, não tanto já as irrisões da turba, mas as paixões duma terra onde os castelos são vendas, como no tempo de Cervantes.

III

A linhagem peninsular de Camilo escapou a quasi todos arroladores da sua obra, em cuja milicia, aparte os bons romeiros, só se lobrigam mercadores fuinhas com seus jericos apregoando:
— *Compram-se rascunhos, alfnetes e outras curiosidades de Camilo Castelo Branco!*

Não admira. Ao bufarinheiro só convêm as agulhas. Mas, porque a nobreza obriga, outrotanto não sucedeu a Ramalho e a Eça de Queiroz. O primeiro, no estudo crítico que precede a nona estampa do *Amor de Perdição*, declara isto: «O romanescos de Camillo Castello Branco é — transportado ás condições da vida contemporanea — o romanescos dos hispanhois do século XVII. Procede inicialmente da dymnastia dos *Amadis* e dos *Palmeirins*, e participa do genio peninsular de toda a litteratura poetica subsequente: do lyrismo contemplativo de Santa Thereza, do mysticismo dramático de Calderon e de Lope de Vega, da satira picaresca de Cervantes, de Hurtado de Mendoza e de Quevedo». Quanto a Eça de Queiroz, o maior, o mais digno émulo de Camilo, quasi desnecessário seria lembrar agora o passo, occorrente nessa tão nobre carta que vem nas *Ultimas Paginas*. Entretanto, ei-lo aqui: «... fallando de V. Ex.^a, considero sempre a sua imaginação, a sua maneira de vêr o mundo, o seu sentimento vivo ou confuso da realidade, o seu gosto, a sua arte de composição, ou a fraqueza ou a força, do seu traço; e, pelo menos, admiro sem reserva em V. Ex.^a o ardente Satyrico, neto de Quevedo, que põe ao serviço da sua apaixonada misanthropia o mais quente e o mais rico sarcasmo peninsular. E os seus amigos, esses admiram em V. Ex.^a sêccamente e pêccamente, o *homem que em Portugal conhece mais termos do Diccionario*».

Aqui ficam as opiniões de dois homens que não fizeram, respeito a seus maiores nas letras, a tal ou qual murmuração de senhora-vizinha que anda ao redor de Camilo. E, já que estou com a mão na massa de castelhanos, vejamos como quadra ao propósito aquele dizer de Cervantes: «que há alguns que se cansam em saber e averiguar coisas, que, depois de sabidas e averiguadas, não importam um ardite ao entendimento nem à memória».

Volvamos agora os olhos para o cerne da prosa camiliana, e veremos, embora de relance, como a sua estrutura nos favorece o assêrto.

Em primeiro lugar, descobre-se na madre de tão poderoso estilo o veio que enervou a fala culta, sôlta nos paços e nas sés, porém entrançado com o filão popular, mais pitoresco. Aparta-se assim do meio termo, não é a lingua linguareira e impolida. Guarda, parece, a modulação dos tempos mais remotos que Portugal conheceu, êsses tempos em que as estradas romanas seriam acordadas do tropear, e as quebradas beirãs feridas das vozes das legiões. Já corruto, o latim esboçava na Ibéria os seus dois ramos mais fortes; entretanto, as vozes eram ainda as da lingua pedestre, da aravia dos soldados fragueiros nos arredores do pretório. E só à custa de muito sangue e dor, finalmente, o português e o castelhano appareceram, seguiram os rumos de duas diversas culturas, não sem trazerem cada uma, pegada, alguma carne da outra. Ora, o temperamento do solitário de Seide é dos que têm mais viva essa dolorosa lembrança.

O português de Camilo, que Eça de Queiroz diz talhado pelo figurino de Filinto, é em verdade um policiado idioma em mão dum grande perito. Nada porém nos traz à ideia neste homem o rabujento gramático, com sua férula alçada, sobreceño flectido em tenebrosa ameaça, e a outra mão respigando na grande seara da lingua as já tombads espigas. Rabuje, se a tem, não manifesta o pedagogo: é o pirronismo próprio de quem sofreu tormentos e estava cheio até aqui... O mais — exuberância, rosáceas de sintaxe e adjectivação a fogo, essa linguagem de multicolor embrechado que nos domina e enfeitiça — não é o artificio dos retóricos, que, por terem copiado alguns manuscritos feiráticos, apanham as cócoras dos pergaminhos e as mordeduras dos anóbios. E' mas a lingua viva, latejante, solerte, talvez um pouco prejudicada pelos doentes nervos que do cérebro a trouxeram; todavia, como as rochas eterna e como os ventos livre.

Nesta pequena praia do ocidente, como se houvera nascido com fala tarda, desajeitada e custosa, eu vejo Camilo que passeia ao largo reflectindo e sonhando. Visitam-no os belos, formosíssimos pensamentos que se moldaram em português. A candura redolente do verde pino, com D. Denis; as dores da arraia miud, com Fernão Lopes; rimas de Sá de Miranda; com António Vieira, o sentencioso; com o *Judeu*, a sátira mordente. Sobretudo o visita o eco inapagável as vozes de Camões. Camilo passeia ao largo, o rar parece reminiscência da sua prosa. E, como tritra na amargurada bôca as pedras de Demóstenes, o que em seus livros cai não são palavras, — os frios, inexpressivos *termos do Diccionario* — mas qualquer oisa como um verbo vivo, feito com sangue e pó.

Se atentarmos, por último, nos mananciais prováveis a que o espirito de Camilo foi pedir alimento, compreenderemos melhor as razões porque foge ao tipo de escritores em que a princípio falei. Esses, os brincadores e preciosos, jornadeiam nos livros com prevenida mente. A alma, que nêles também é valor, parece preservada de tudo o que possa feri-la. Mimosa, é guardada em cristalina redoma. Fora dela desenrolam-se os dramas, o homem desfila com seus trajos e andrajos: sofrimento, a mentira de máscara afivelada, uma alegria com dominó vermelho. Em contra, porém, da dominante psique do vulgo, incapaz de subtrair-se à contra-scena do mundo, êsses espiritos conseguem posição favorável à clara visão dos fenômenos. E, na redoma, suas almas titilam e debilmente se comovem.

Eu bem sei que nesta casta há os pobres, insuficientes fazedores de livros, sem grandeza e sem fôrça. Mas há-os também de tal gênio que parecem falar-nos a distância, de alguma estrêla pálida e longínqua, cravada porém em tais esferas que dela abarcam seus olhos todo o girar dos mundos. A formação de Camilo, como sabemos, não no-lo insere aqui: pelo contrário, insinua-o na caravana sofredora que todos nós formamos, e onde êle vai com o seu camelo ao lado, a dor por carga, ora soltando pragas ora rezando ao Senhor.

Que vida foi a sua? Nasce em Lisboa; habita em Vila Real, ama na Samadã; aos dezasseis anos casa; é guerrilheiro, raptor, duelista, cábula e boémio. Nada, portanto, daquelas existências sossegadas que dão clareza, serenidade e proporcionado entendimento. Em S. Miguel de Seide, é verdade que o escritor nos parece numa propícia estância. Ali o supomos tranquilo, e o vergel minhoto — cuidamos — põe-lhe no lábio a fruta de Vergilio,

Frigida vix coelo noctis decesserat umbra...

Mas não. O que a manhã topa ali não é a geórgica lêda: — a acácia do Jorge é um poisadoiro de fantasmas. Encontra mas é o grilheta sôbre o papel em branco, a resolver em tinta as lágrimas da véspera. E assim o vale de Camilo, na verdade, é aquêlê vale de prosa e lágrimas de que o grande Eça lhe fala.

Prometi indagar das fontes de Camilo, mas vou longo, e fiarmo-nos no registo do seu espólio livresco é sermos demais confiados. A livraria do escritor, rica de manuscritos, é pobre na letra redonda; — pobre, pelo menos, se atendermos às exigências naturais dum grande espirito. Ela, contudo, nos instrui do fundo assistemático da sabedoria do mestre, pois nas estantes se justapõem as frutuosas manchas de texto com a linguarice impressa. Andam por lá os sermões, as crônicas, e adivinha-se na profusão dos livros de viagens e dos roteiros, materiais que êle palpou. Nem deixa de estar neste departamento o *Itenerario*

da Terra Santa, a tão delicada prosa de Pantaleão de Aveiro. Em suma: as suas leituras não são o sábio folguedo, essa descuidosa sesta de escritores scépticos e benévols, os gozadores. Fôsse outra a sua vida, não conspirasse tanto contra êle a sua vis dramática, e teríamos quiçá um Camilo de predilecções helénicas, de certo mais universal, porventura menos curioso de lêr. Donde se infere que a grandeza camiliana, a sua verdadeira immortalidade, está sujeita às variações de um Portugal castiço e tão típico, que o criou à sua imagem e semelhança — perdulário, ardente, indisciplinado — e a quem êle deu uma prosa perduradora e nobre, que guarda as gemas da lingua.

Meus Senhores: Perdoai das minhas palavras o desacêrto, e ao pensamento pobre que elas vestem emprestai o agasalho da vossa memória boa. Eu sei que são inúteis, embora às vezes possam parecer luzentes; mas vós, os mais confiados, duvidai de todo fulgor que não irradie das ideias. Não há muitos anos que me ensinaram a amar os frutos da razão. Beleza verdadeira, imperecedouro encanto que nada empana ou turva, só ela no-lo dá, essa razão que foi a deusa revolucionária e a pura razão de Kant. Do seu assento etéreo, rege supremamente as mais terrenas acções. E' contingente e humana: por isso duvidai de quem vos disser que a possui. Mas acreditai, a-pesar-de tudo, em tôdas as aparências aonde fôr evidente a sua dedada luminosa.

Digo isto principalmente porque sou moço, e começo a sentir os defeitos de um Portugal não razoável, êste Portugal a que a exuberância de sentimento deu achaque e feitiço, — ainda de braços sôbre o mar, inda cantando as velas já perdidas. Depois, o crepitar das ameaças, a falsa noção de divisórias eriçadas que afastam igual de igual, que fazem de irmão inimigo, — todo êste lôgro é mal de sentimento. Corrijamo-lo pois. E, se queremos a pátria grande, vivedoura — um Portugal, emfim, que não destôe da comunidade humana aonde é lei o espirito — tentemos preparar a paz de consciência que tanto faltou a Camilo, a cuja memória tutelar então se applicariam estas palavras, que, ditas a Renan, Anatole France pôs como vozes da eternidade na bôca duma deusa:

«Recebe de minhas mãos o ramo de oiro que fizeram crescer teus cuidados; vive na glória, vive nos mais nobres corações e nas mais fortes almas dos homens, vive em mim, oh melhor meus amigos. Tu obtiveste a immortalidade que aspiravas. Tudo o que concebeste de belo e de bom permanece, e nada será perdido. Lentamente, mas sempre, a humanidade realiza as quimeras dos sábios».

Monte Arroio, Março de 1925.

VITORINO NEMÉSIO.

número
8
série
3

PUBLICAÇÃO MENSAL DE:

Afonso Duarte — Alberto Teles de Hutra Machado — António de Sousa — Augusto Telo — Branquinho da Fonseca — Campos de Figueiredo — Guilherme Filipe — João Gaspar Simões — Luís Guedes de Oliveira — Mário de Castro — Vitorino Nemésio.

Coimbra
20
março
1925

Número avulso 2\$00; Série de 3 números 5\$00. Redacção: T. da Rua do Norte, 4

tríptico



arte-poesia crítica

9

C O I M B R A

UM IDÍLIO ATRAVÉS DOS PIRENÉUS

Aqui vamos ambos, cabeça à viração, o corpo dela confiadamente encostado ao meu, subindo ambos as lombas pequeninas e ondulosas e os pináculos lanceolados de dois mil metros; acarinhando aquele jerico que, filosoficamente ocupado consigo, nem para nós fita as orelhas; sonhando com a casinha branca que além está entre árvores e nos conjura ao amor e à serenidade. Cotovias que se banham na labareda espacial do sol, de-certo cantando, nebris que coroam os morros altos com o diadema fugaz dos seus vãos, o meu olhar e o dela, entrançados, os estiveram prendendo.

— *Oh! c'est merveilleux! Il faudrait avoir des ailes comme les oiseaux; non il suffirait d'être libre comme les oiseaux et pouvoir aller où bon nous semble* — exclama com voz jovial.

— *Oh oui, rien de plus triste que l'homme prisonnier de l'homme!*

— *Tout au moins, quelle gêne!* — tornou-me com uma bela afoiteza que lhe ignorava.

— *C'est un problème à nous...*

— *Très rarement...*

Desprevenidamente, ao fio dos versos de Prudhomme, continuámos a discorrer em francês, que foi — disse-me ela — a sua língua de berço. E no idioma do *franc-parler*, tão avêssio ao esforço e ao constrangimento, apareceu-me Geneveva transfigurada. Até ali fôra uma mulherzinha incerta, com raciocínios cândidos e locução tímida, a fugir para o regaço da mamã. Queria parecer séria e era afectada; erguia-se em tacões de senhora e ficava pequenina no jeito e pueril no pensamento; revestia-se de modos largos de sociedade e era, sobretudo, colegial. Ainda que lhe desse o tratamento de dom, meus olhos teimavam em ver nela um deleitável *Chaperon Rouge*.

Imprevistamente, só com falar em francês, a língua breve, lúcida, que coage o pensamento à rectidão e lhe empresta asas para voar, se guindava à maioridade com tôdas as ternuras, tôdas as malícias, todo o carácter da mulher. Já a sua palavra não era reticente, nem o seu espírito indeciso ou medroso. Dir-se-ia ter encontrado a neuma a cujo ritmo marchavam em forma impecável, nas Panateneas, as raparigas gregas.

Como uma roupagem larga, pesada, talar, assim a embaraçava a língua portuguesa nos movimentos de sua alma bisonha. Feita por teólogos e prégadores, poetas melopaicos e homens rudes, devia tê-la eu já sen-

tido a acalcanhar-lhe a personalidade, a obrigá-la, como censor ou aia devota entulhada de rapé, a permanecer de saia curta e cabelos em trança, em despeito do instinto, desperto ao turbilhão da vida.

Assim surpreendi em delito de carência a língua que me deu primeiramente os sinais do mundo, embalada nas águas e cantada nos montes, devaneadora a mais, especulativa a menos, um pouco vulcânica, ainda a alancear mouros e a converter judeus. Nela a gentil adolescente ficava um botão de rosa, mal entreaberto e com um perfume leve, tenuíssimo. Na francesa, pelo contrário — inimiga do acanhamento pela impessoalidade que transmite à expressão oral, segura na polidez para recear o deslize de mau gosto, com uma probidade que guarda da hipocrisia e raro falha ao que se quere, civilizada, tão civilizada que atingiu o ponto morto do seu apogeu — Geneveva desabrochava mulher feita, dez vezes mais sedutora.

Já não tinha cobardia em ser coqueta; já não hesitava nas passagens árduas da sinceridade; já tôda a flexibilidade do seu espírito balouçava ao calor do meu espírito como vime ao vento. E era franca, sem descer a desenvolta; voluptuosa, sem deixar de ser casta; tinha sal, mas o sal moderado da Escritura. E agradei ao *preux* e aos trovadores, às preciosas e às cortesãs, ao *faubourg* e ao palácio, aos Voltaire e aos Anatole ter criado por engenho e arte o instrumento maravilhoso através do qual a alma se filtra nua e clara como o sol por uma vidraça.

E, mediante a *fala* expedita, também eu me encontrei à vontade para desafoagar do alvoroço que me tomara. Primeiro com galantaria, brincando, num simulacro de ânimo leve, como se a escolhesse para alvo numa batalha de flores. Depois, com seriedade, com ternura, com embevecimento, como se há meses e não horas nossos olhos se andassem falando. A minha voz era trémula mas o meu espírito afoito, levado por vereda direita. E a divina adolescente, que de princípio me ouvia folgadamente, baixou os olhos e na púrpura da sua face e nos monossilabos, quasi múrmuros, se me confessou rendida.

O *je vous aime* não veio aos meus lábios nem aos dela. O *je vous aime* ficaria para quando nossas bocas se unissem. Por agora ficava-nos uma certeza: nela, do meu amor intenso, inquebrantável; em mim, do seu seio desperto para o ritmo novo da emoção nova. E a sua mão aceitou a minha e, a furto, seus dedos se torceram contra os meus e falaram.

Desde aquele instante, o mundo mudou para mim e eu com o mundo. *Oh! la vie était bonne*, e eu bem assente na vida, ditoso, forte, alheio aos negros pensamentos da minha suspeitada decrepitude!

A quebra que vem após a corrida para a felicidade, a beatitude absorta que sucede a um gôzo espiritual, por muito tempo, nos levou silenciosos, olhos perdidos ao longe, par a par, como dois noivos que, batendo a mesma pulsação, nada têm que se dizer.

Ladeiras de verde relva ou de rechinado restólho, à sombra de altos penhascos, vão sempre perpassando. Aldeias de poucos fogos lançam-nos seu sorriso pintalgado de entre hortas e pomares, onde a água, ora a borbotar nas aspas dum moínho velho, ora a esbracejar, de lima, num campo de pastagem, faisca branca e pura como freirinha atarefada. Ainda reluzem nos muros dos cômoros e nos mainéis dos alpendres os ventres róseos e lácteos das abóboras; ainda, num quintal soalheiro, duma haste longa e esfolhada de cucurbitácea, desabrocha a grande flor amarela, mais doirada e fantástica que o gral de Monserrate. Por sôbre montes e terras de cultivo, casalejos e fábricas, a meus olhos deslumbrados, o sol é mais que luz; tem personalidade táctil. Não o vejo na mesma plana que as mais coisas da criação; parece-me antes que essas coisas, essas serras, essas leiras e balsas foram feitas para o sol passear, sentir, gozar, como domínio seu, apenas seu. E eu vejo o sol em sua corporeidade adorável de *missier* com os olhos da cara como S. Francisco com os olhos da alma. Desce do céu? Sei que anda na terra. Está a ver-nos; está a ver que o observo. Leva as arvores no ar; sim, é êle que leva no ar, como andores, êsses choupos, êsses salgueiros, todos os *verdes pinos*. E, voltado para nós, a sorrir como um grande e lampeiro sátiro, diz-nos também: Sejam felizes, seus namorados!

Em Zumárraga — *gare* branca atulhada dum mosqueiro de sotainas pretas — uma casa na colina atrai nosso pensamento às doçuras presumíveis dos noivados. Os horizontes dilatam-se a perder de vista através de largos côncavos sinuosos. Desdobrando-se por êles fora, a floresta dá-lhes a aparência de lagos, em que as águas dormitam a sono morto, imperturbado. Lá longe, a onda vegetal desfaz-se em tufos, arraiais, procissões de arvores, contra o flanco duma das moles pirenaicas, enfarinhada pela poalha branca, que sôbre ela vai joei-



"tríptico "

EVA AGGERHOLM
DESENHO

S O N E T O

Homem! — por entre sombras e pecado,
 Quedas, esquecimento, ausência escura,
 Não és sombra somente, só clausura,
 Esfôrço inútil, sonho atraído.

No coração do Mundo, inviolado,
 Há mais beleza ainda. Na luz pura
 Mistérios virgens. Cada criatura
 Leva em si um arcanjo ignorado.

Pecar? — Redimirás o teu remorso.
 Queres subir? foi vão o teu esfôrço?
 Queres ser bom? — és outra vez Caim?

Ergue-te! Não descanses! Não descreias!
 Rasguem-te embora os pulsos as cadeias,
 Cerque-te a noite, a escuridão sem fim!

Dezembro 1924.
 Alto Congo.

AUGUSTO CASIMIRO.

S O N H O

Já meus cinco sentidos apagados,
 Meu corpo feito bronze de escultura,
 Um clarão de Crepúsculo fulgura,
 E vejo um Luar de mundos ignorados.

E mares e rios, serras, vales e montes,
 Tudo que fica a uma distância infinda,
 Abranjo-o para Além (e mais ainda...)
 Da transparência azul dos horizontes!

Já não sou eu em carne de martírio;
 Sou nevoa irreal esparsa em Luz divina,
 Enmanação subtil de rosa ou lírio...

Sou a sombra de Deus e Luz de mim:
 Vou para onde a alma se destina,
 Com saudades do mundo donde vim!

CAMPOS DE FIGUEIREDO.

C A N Ç Ã O

Tardinha plaina em que te vi, de encanto,
 Vulto piqueno de andorinha nova.
 E' primavera!... Tudo se renova
 E surges tu envôlta neste canto.

Meu sonho tomou corpo... Oh! minha trova,
 Ergue louvor neste momento santo!
 O céu azul envolve-te num manto,
 Ficas etérea, como a lua-nova!

Oh! Deus que vens dar flor às macieiras
 E floriste os meus olhos com seu vulto,
 De amor seja florido aquele seio!

... **B**randinho como o fumo das lareiras
 — Muito brando, brandinho... Que de oculto,
 Seja florido todo o meu enleio...

Primavera de
 1 9 2 5

LUÍS GUEDES DE OLIVEIRA.

SENHORA DA ALAMÊDA

É à hora saudosa da Alamêda
 Que aparece pizando o claro-escuro
 Aquela, tôda bruma, triste e lêda,
 Que entre as sombras dos Plátanos procuro.

Aquela que me traz em labarêda
 E é o nome de amor por quem eu juro;
 Bela canção de dôr que me degreda,
 Cantar, — chôro de fonte em que eu murmuro.

— **E'** sombra, e dá-me sol, febre vermelha!
 E dá-me sêde, amor, e sinto fome
 Do mel silvestre que alimenta a abêlha!

— **S**enhora da Alamêda! A mim bastou-me
 Só ver-lhe a sombra... E já o luar espêlha,
 E a noite em saudades me consome.

AFONSO DUARTE.

T R I U N F O

Um dia, as expressões que eu hoje emprego
 Serão palavras grandes e leais;
 E estes olhos que eu trago — olhos de cego —
 Hão-de espelhar o sol como os cristais.

Um dia, êste meu vão desassossêgo
 Será sêde a beber cada vez mais...
 E as minhas asas negras de morcego
 Hão-de subir como as das águias reais!

Um dia, o dominó que me máscara
 Há-de cair-me aos pés; e eu hei-de erguer-me
 Num trono de Miséria e de Desgraça.

Todos, então, me voltarão a caía...
 — Mas eu, que vi um rei nascer dum verme,
 Hei-de esgotar, triunfando, a minha Taça!

JOSÉ RÉGIO.

SONETO DA ROSA

Se me recordas, entristeço e faço
 porque o teu vulto sensual me esqueça,
 e o teu olhar, a tua bôca e essa
 graça de garça que tu pões no passo.

Sonho... — fumo esgarçando-se no espaço —
 — nas mãos, em concha, amparo-te a cabeça...
 e, sem que a minha bôca desfaleça,
 beijo-te a bôca e cinge-te o meu braço.

Já, no jardim deserto da tristeza,
 vens aos meus olhos como a luz acesa
 que uma penumbra dolorida apaga...

Vai-se extinguindo o meu desejo... Olha,
 tu fôste a rosa que, ao abrir, se esfolha,
 nuvem perdida que no céu divaga!...

BRANQUINHO DA FONSECA.

U M P O B R E H O M E M

Ao segundo lance da escada, que atingimos, tomei-lhe a mão e beijei-lha: então Serafina teve a extasiada postura que eu já conhecia nela, agravada, com mais cabeça atrás e menos receio do vulgo. Qual era o vulgo, ali? Reparei bem, sem propósito: era o gato *Suspiro* com a cauda enroscada, os verdes olhos abertos entre as triformes alças de suas patas orelhinhas. Miou. No saguão, em baixo, havia só negror; nenhuma flecha de luz subia do couro da porteira. Imbecilmente gaguejei então. Tremia todo, e a-pesar-de que Serafina esperava herdôicamente o meu devido porte, fui mazombo e canhoto.

— Acredite, Venâncio — disse ela recorrendo à grande peroração — que há momentos na vida... — olhos em alvo — momentos em que o separar-me de alguém equivale a partir-me... — gesto da vela, que derramava cera em tornos — como que a arrancava do coração uma das plantas mais amadas.

Neste ponto, um pouco se quebrava a sua linha de êxtase; emendava a mão. Também a chama da vela, que afrouxara em concomitante desmaio, agora recobrava a sua linha esguia de luz *ab uno ad omnes*...

— Isto sucede-me — rematou — muito indistintamente, com as pessoas superiores de coração e de espírito que me entendem. Por exemplo, consigo... — Mudou de expressão, de novo para o êxtase, dizendo: — E tanto, tanto lhe queria falar... Coisas práticas... Uma maneira, talvez, de nos aborrecermos menos...

Cerrou a minha mão na dela, contra o peito, então esticado sob a magenta blusinha; e eu, desastrado, não tive ali ao menos o viril olhar requerido, os braços fortes para o amplexo atalhador. Estava ali e não estava. Eu, verdadeiramente eu, andava por fora, no peristilo da Academia, braço dado a um retórico que me arredondava os períodos da declaração negregada. *Amo-a* — pensava então dizer-lhe — *como à exqu岸ita flor que me sorriu no deserto, quando...* E aqui, a imaginação tropeçava-me para compor o Sahara, os ventos ásperos levando as areias às dobras como trigo em joeira. *Mais qué? Mais qué?* — persistia o literato, impertinente, aonde devia estar o homem. *Como trigo em joeira, mais qué?*

Ainda minha mão estava na dela ao pé do seio, e agora entendo: tinha a impressão que se goza ao tocar num papo de rolinha, sentia ali céu e inferno, um céu riscado de vergões ao rubro dum grande torpor carnal. Muito paciente foi Serafina, que prolongou a posição perigosa, deixou ficar cerradas as pálpebras translúcidas muito tempo, o bastante a pintarem-nos. Até que, já eu achara o oásis bem composto, com ela em figura de egípcia, longe dali, no maldito deserto da literatura pacóvia, soltou os seus dedos nervosos dos meus lorpas:

— Adeus...

Foi um adeus reticente e com uma ponta de ironia. Trôpego e sempre pateta, desci os degraus e voltei-me para ela, já na porta:

— Adeus, Serafina.

E com calcanhado passo ela subiu nervosa, com-certeza irritada.

Bateu o portão no trinco doce, *Yale*; ouvi um gemido que devia vir da porteira acordada; e logo o escuro da noite me bebeu, me somou ao seu zero: penetrei no escuro e fiz parte d'ele toda a noite.

Eram duas e tanto da madrugada quando os meus passos batiam dali, daquela casa muito fofa na noite de inverno muito dura, pela rua de X a fora. Dobrei a Avenida da República que estava quasi deserta, — caía uma neblina velhaca e muito mórbida,

envolvendo os globos da luz eléctrica em halos roxos. E frio! No passeio contrário ao que eu seguia, dois policíacos batiam as chancas e conversavam curvados, mãos nos bolsos; passou um tresnoitado com o sobretudo ao ombro, luvas de papo-sêco, lançando a botina com um sonido arripiante, que parecia desperto em mim; e, cantando metálicamente nas agulhas, o último carro do Arco do Cego voltou à Praça Saldanha. Corri sôbre êle quanto pude e ainda logrei pôr a mão no apoio da plataforma, mas o carro ia a g. Acompanhei-o de rastos; por fim, estatelei-me.

Não foi tão curto o instante em que fiquei posternado, que me não desse tempo a ouvir, ainda de borco na lama, a voz dum dos policíacos que perto dali bocejavam:

— Oh so, olha que se chapou um tipo além, não viste?

Dirigiram-se a mim pressurosos mas já eu estava de pé. Sacudi-me. Saíra daquela aflição rasgado na joelheira e com um quadril a doer, o chapéu arranjara um adôrno de lama e estava todo amolgado. Mas lá fui deslizando. E então, a passo cavo pelas avenidas desertas, liguei as quedas ambas num só fio, a minha falta de arrôjo e de ginástica enriquecendo-me tudo na vida. Pouco tempo durou a filosofia, contudo. Gradualmente, ao sabor duma fatal continuidade, o meu discernimento foi-se delindo, apagando, como uma chama de bugia quasi sem cera alguma. Pobre razão, a minha! Ela era e é a enteada do meu lar, que só amima as damas fúteis dos sentidos, femininos a receber o universo sob as formas que enganam: formas vaporosas de som, coristas da minha ópera; garridas formas de côr, mulheres do meu harém; e essa multidão pasmosa e inominável de formas que pelo tacto e o paladar apercebo, degluto à doída e sem medida.

Agora, ao comprido das ruas desertas, seguia agarrado por uma dor incrível que vinha não sei de aonde — de dentro de mim com-certeza — e que, em vez de mil cabeças, tinha mil garras ou mais para toda sorte de apertos. Angustiosa, como a impressão derivada do subitâneo mergulho dum tifoso em água fria, subia a galope em mim e me estreitava a garganta. Quente como um alto forno, escaldava-me. E depois, nem fria nem quente, apenas morna dor, mágoa indizível e esparsa, entorpecia-me os membros e fibrilava em meu peito.

Eram então as altas horas veras. Dormia a cidade toda. Tac, tac, nas calçadas brunidas, os meus passos acordavam um som de campa fria; repercutiam-se, e seus ecos marchavam atrás de mim como ordenanças. Mas não eram respostas humildes de uma sonora marcha de triunfo, por trilho doce ou pelo vencido trilho de Atila, — sim responsório condóido do transe da minha alma. Já ali morta a esperança. E ao teor da minha sombra nos muros, foi o espírito correndo a minha história, desde que me arrancara do calmo lar ilhéu e viera à fortuna, curioso do mundo e dos outros. Fôra uma longa derrota, de que não chegara a ancorar. Lá longe, ao pé do mar, ainda no estaleiro, a barca da minha sorte ouvira as vozes de bom chamo que sopram de áureas cornetas. O que elas diziam então... Depois, mundos e fundos de encanto em nada se verteram, ou, pior que nada, haviam fincado o pé no jornal do José Nunes, no ram-ram de Lisboa, e nos gritos agudos que de manhã a rua da Atalaia me apresentava aos ouvidos.

Com tudo isto e os autos eu tinha chegado à Rotunda. A direita, o Parque Eduardo vii avultava sem defenir o relêvo; era um capuz de treva sôbre a Penitenciária. Lá estava o Marquês entaipado, como um pião amojado em catassola enorme. A Avenida era uma esticada fita métrica de que a Rotunda era a caixa. E as tílias

nos talhões mimosos abriam as ramas à chuva, uma chuva esfarelada e fria como graníbulos tombando.

Vinham agora os varredores subindo. Como o outono já desse a conta dos dias ao inverno, raras fôlhas, daquelas cobreadas, nostálgicas que atoram, ou de um amarello de oca malhadas de muito azebre, jaziam molhadas nas valetas a obturar alguns boeiros. Enrugadas de lama, as bermas da Avenida não tinham que varrer. Mas, nos passeios acamados de fino areúscio, lá raspavam os gilbarbeiros da Câmara, providos de cabos enormes montando os varredores. Às vezes os almeidas paravam: era um tamanco que lhes fugia do pé ou um apetite de fumaça que vinha: sacavam dos bolsos dos coletes alguma prisca acendível e, em concha bivalva as mãos ambas, eu via arder os fósforos. Para cima, então, depois de meia volta rapada pelos Restauradores, um *Renauld* macio arfava e deslisava. Vinha aos solavancos e aspergiu-me de lameiro. Mais esta!

Reparei melhor na minha fatiota: era uma andaina verde, que nos fundilhos parecia de lustrina, comida toda a penugem dos fios, e agora rôta nas cócoras dos joelhos e marchetada de lostras. Vinha molhado e sentia as pernas moidas; um ferro no coração apertava. Todavia, aquele do automóvel repimpava-se com uma pelica rica, um fato de bom merino, — que bem o vi à brasa do charuto, gordo como um barril.

Subindo agora a Calçada da Glória empinada, espécie de tabuleiro a escorrer, eu meditava nos agravos sociais que a pé firme sofria — a pé firme, quando a pressa de trepar a um eléctrico me não chapava nas ruas... Quem seria, afinal, o homem do *Renauld*? Lá estavam, a meio da calçada, os dois ascensores com seus babetes côr de vinho e os seus números amarelos. Os engates mergulhavam no solo por complicado maquinismo. Daí... Podia ser muito bem um accionista, aquele homem, da Companhia Carris de Ferro de Lisboa. Vinha talvez do bródio, dum clube, de ao pé de mulheres magníficas. E então, por um dos lestos modos de explicar-me ingenuamente os grandes porquês das coisas, a minha imaginação desenrolou a pitoresca fita. O janota, em princípio, tinha conqúlibos nulos; era um miserio. Mas Lisboa, a marmórea, andava farta do *chora* e êle era dono disto: uma rede enorme de calhas pelas ruas e, faiscantes, milhares de cubos que deslisavam sôbre elas. Engenheiros mais patuscos!

À frente de cada, um tipo magro esticava-se e tinha uma mão num manipulo. Outro, entre filas de assentos, usava uma mala a tiracolo, um alicate esmaltado. E, em certos, um gordo sujeito entrava, com um boné estrelado, — um boné estrelado e outro alicate. O figurão do automóvel tinha-os a seu talante em virtude dum pacto firme; e, por isso, os engraçados engenhos da vertigem, engendrados para levar depressa os homens, só levavam os homens depressa dando cada um seu tanto. Vi tudo. Com tais premissas, o figurão me surgiu um poderoso feiticeiro, com uma varinha de condão às ordens. Era o *trolley*. Havia pois uma fêmea que era esquiva, e por olhares, passinhos fidalgos o tentava? Em tal noite o Moet et Chandon espirraria capitoso algures? Uma nova marca de auto surgira famosa na praça? Bem. O dinheiro vinha à uma. Centenas de braços nas paragens erguiam meios-tostões, milhões de tostões de papel. Os carros, que vinham na *tôda*, estacavam. E cheios os lugares da multidão mais diversa, novos braços se erguiam, vozes danadas berravam:

— Pare! Pare com isso! Pare!

Todos, porém, procediam, em sua ideia, como que sob o jugo de necessidade impe-

RAÚL BRANDÃO E «OS POBRES»

«Os Pobres», que Raúl Brandão acaba de dar novamente à estampa, pertencem à trilogia de obras por êle denominada *A Vida e a Dor*. O *Humus*, já publicado, e *A Noite*, em preparação, completam-na.

A mesma vida e idêntico sofrimento se agitam em cada uma delas, sofrimento e vida que o escritor concentrou em meia dúzia de figuras, de cujas bocas pôs a correr seu rio de impropérios, sua levada de desesperos. O Gabiru, o Gêbo, o Pita, Sofia e a Mouca, tôda uma dinastia de mulheres perdidas e vagabundos que há séculos reinam na sombra, eis o mundo que em *Os Pobres* pulula. A um lado o denegrido prédio em que habitam estas criaturas, ao outro o hospital escancarado e a negra terra de peito aberto para recebê-las. Num saguão uma emparedada árvore alimenta de ternura as amarguradas pedras e estende os trémulos braços ao Gabiru, que julga ver nela o seu amor. E, do rés do chão à trapeira, a mesma desmedida miséria, os mesmos represos gritos, o mesmo concentrado sonho. Impetuosa enxurrada esta da existência faminta, calcada, caminhando não sei para que distante e ignorada praia «onde as mãos esqueléticas dos que sofreram encontram enfim a mão que os ampara»! Será a misericordiosa mão de Deus que o escritor incúlca? Parece-me ser ela um dos fios de que sua obra é tecida: surge-nos no sub-solo das almas, imponderável quási. Onde maior o descalabro, onde mais brutal a dor, logo ela lá está, invisível, abrandando e dulcificando. Raúl Brandão em cada obra escrita cria um mundo, mundo que estremece e a cada instante transfigura. O de *Os Pobres* vive na sombra. É o mundo de que apenas conhecemos a mão saindo da noite a implorar. Em o *Humus* esta mesma humanidade se agita, mas mais puída, mais grotesca, sonhando quicá mais alto e mais alto mostrando suas mesquinhas entranhas. Que o escritor é tal qual o Senhor-Nosso, dum lado erguendo, do outro baixando a manta com que cobre suas criaturas. Ora mostra suas celestes faces, ora suas terrenas imagens. Somos esculpidos nesta dualidade. Por maior que seja o engenho do estatuário, sempre o barro transparece a atestar nossa linhagem de simples filhos de Adão. A alma do autor da *Farça* assemelha-se à água, por onde passa, deixa sinal de seu trânsito. Tôdas as imagens que gera são espelhos

da sua. Por vezes afigura-se-me vê-lo, até, na carcassa do Gabiru, quando, ao fechar-se em sua estreita mansarda, exclama: «Vou idear!». Mais ou menos é êle que passa, como abrasador clarão, por tôda aquela humanidade.

Sofre com o Gêbo a impotência para a vida e, na trágica noite, sente-se amarfanhado no corpo do Ladrão, escutando, ao pretender lançar à bôca das ondas o tenro corpinho de criança, a palavra «Pai»! Tudo em sua obra vive, sonha, se desgasta e morre à mercê de seus designios. Transfigura e revolve tudo: revolve-se a si e aos outros. É lendo-o que venho a acreditar sermos todos estruturalmente idênticos. Só o ambiente em que somos nados e depois vivemos, a educação, enfim, nos diversifica. Raúl Brandão, sou em crê-lo, não demora muito os olhos na contemplação de outras almas que não sejam a sua. É mais poeta que romancista, embora escreva romances e não versos. E, como poeta que é, arranca das entranhas a vida que reparte tal-qualmente a ave pelicano. De mistura com as penas ainda vem a terra que ama e o sangue do coração, sendo assim suas figuras, ao tempo que angélicas, terrenas; que celestes, humanas. São desdobramentos de personalidade e nada mais. Volto a dizer que o escritor se esconde na carcassa do Gabiru. A' sua semelhança, mal conhece o mundo e constrói mundos, mal viu ao pé uma árvore e disseca-a até às raízes, mal amou e é capaz de morrer de amor. «De realidade e de sonho arquitetamos as figuras que se misturam na nossa vida. Elas existem mais pelo que lhes damos de nós mesmos do que pelo que na realidade são», monologa o singular filósofo, encolhido em sua trapeira. Eis, parece-me, uma confissão do mesmo escritor. Mas, se tôda a humanidade que em suas obras mora se lhe desentranhou do próprio ser, que extraordinária alma a sua! Imagino-o, às vezes, um indisciplinado deus, de mãos encardidas do barro e camarinhas de suor borbulhando na fronte majestosa. Seu jeito desordenado de escrever revela sua divina potência. Aqui um bocado, além outro, mais ao diante ainda outro, e tudo ligado por invisível corrente, imponderável teia. Um indisciplinado deus êle é, em verdade, um deus que deixou perder da ordenada fábrica dos mundos qualquer infima engrenagem reguladora. *Ao principio era o verbo*, a ordenação na gênese dos seres; perdida que foi, porém, a minúscula peça, tudo nesse enge-

nho se alterou e, ao criador, jámais volveu a apolínea serenidade na criação. É êste jeito inarticulado de escrever e aquele profundo penetrar no mistério que o enreda e nos enreda, que lhe dão lugar isolado em nossa literatura. Sua linguagem é diferente de tôdas as linguagens, sendo a mais ingênua e natural. Não é a língua de raízes no cérebro nem outrossim no coração, mas a língua nascente do próprio ser, a sonoridade da mesma consciência. Escreve tal qual sente, sem meditar longamente nas asperezas do leito em que vai lançar a água de sua linguagem. Pedras, leves detritos que em seu seio correm, vidas que vivem de sua vida, tudo lá vai levado naquele rio de curso ora doce como o das lágrimas ora vertiginoso como o dos oceanos. E nesse trânsito de humaníssimas vozes nos esquecemos da pobreza de vocabulário e da quási sempre igual construção sintática. Ao autor de *Os Pobres* perfeitamente se ajustam estas palavras de Vogüé, a propósito de Dostoievsky, no prefácio do livro «*Souvenirs de la Maison des Morts*»: «*le grand intérêt de son livre, pour les lettrés curieux de formes nouvelles, c'est qu'il sentiront les mots leur manquer, quand ils voudront appliquer nos formules usuelles aux diverses faces de ce talent*». Em verdade, difícil se torna julgar o talento de Raúl Brandão, como o de Dostoievsky, à face dos vulgares cânones. Fogem a qualquer classificação. O escritor português participa dalgum modo do lirismo peninsular e dêsse singular religiosismo que caracteriza o gênio russo. Incapaz de compor, seus romances como seus livros de impressões tornam-se longos monólogos, infindáveis colóquios de almas ou consciências. Lembram fundos poços em que se ouvisse sempre o eco das mesmas vozes e sempre se contemplasse o reflexo das mesmas estrêlas. Vozes e ecos que com serem constantes não deixam de ser grandiosos. Falta-lhes, no entanto, aquele sinuoso caminhar de vidas, que, pelos variados sucessos, pelos imprevisos encontros, dão os lances dramáticos e tornam as obras literárias verdadeiras figurações do mundo real. *Os Pobres* é, assim, o eco dos gritos que uma levada de miseráveis solta na imensa noite, e Raúl Brandão o profeta dêsse deus que não subirá ao Calvário, antes a êle descera, a-fim de enxugar a fronte dos que têm sede de justiça e fome do suavíssimo verbo amar.

JOÃO GASPAR SIMÕES

(Cont. da pág. 2 — UM IDÍLIO ATRAVÉS DOS PIRENEUS)
rando uma nuvem vaporosa. Mas já a partir daquele côncavo as matas vão escalando umas após outras as ladeiras em anfiteatro, escuras aqui, baças além, até se esfumarem na distância ao dobrar a corcova dos morros, para formarem novos degraus de outros novos anfiteatros. Por cima das imensas balsas, os oiteiros calvos, os vértices lanceolados, chispam uma luz crua de Sinai. Nas faldas cresce pontuada de arbustos uma erva verde, duma tinta tão fresca e mimosa que nem rodapé de veludo acabado de tecer.

— Os horizontes de Rocesvales!
— exclama uma voz à nossa espalda.

E' o pai de Genoveva e a sua mão ergue-se a apontar os fuminhos longínquos que tremeluzem para lá da galopada dos montes.

Roldão, Angélica, Oliveiros e o Arcebispo, o desfiladeiro funesto onde *halt sunt li pui e tenebrus e grant, li val par funt e les erves curanz*, pouco podem no êxtase visual em que se projecta e vagueia nossa alma incendiada. Um bocejo mal sofreado, e o architecto fecha a sua Canção de Gesta para voltar à abstracta quietude da banquetta.

O comboio vai cauteloso por um trôço da via em reparação, tropeando nos railhes com a ligeireza folgada dum menino, a saltar de chulipa em chulipa. Como em todos os monstros da brusquidão, há também nêle uma reserva de delicadeza. O penacho de fumo rasteja pelas rampas, esfarrapa-se nas urzes orvalhadas e fica a oscilar em flocos de algodão entre prender-se à terra e subir ao céu. Apita a locomotiva e os abetos e os piornos parecem escutar. Más lá se passa a ravina, e esgaldando-se na recta, as cem rodas batem um compasso endiabrado. Cortamos em diagonal a chapada dum monte, no sopé do qual se avista um ribeiro correndo a bom correr, por entre alas de choupos, para um valezinho, como prato de Delft, azul e esmaltado. Hortas, perfis acutângulos de casas, ruas em quincôncio: uma aldeia. Cabeças de mulher às janelas, vultos moventes, bandos imóveis... e outra vez a serra com bouças tapetadas dum verde muito terno e coscoros de rocha bruta.

Como me seria agradável ter nascido, viver, morrer nestas paragens, domar o solo fugidio, jogar a pelota, amar num *pueblo, allá, lejano*, uma Genoveva, para ver a qual fôsse preciso vadear torrentes

e geleiras e desafiar os ursos, se ursos magnificam ainda esta comarca assombrosa!

Comunico à jóia das jóias a aspiração de minha alma, enamorada dela e da natureza pirenaica, e ouço-lhe exclamar, alegre como a cotovia que além se banha na morna chama do sol:

— Também eu gostava!

— Mas eu só gostava consigo...

A sua bôca não me responde, mas a mão aperta a minha, e diz-me que sim, que só comigo, de noite e de dia, na dor e na ventura... por todo o sempre.

Inédito das *Filhas da Babilônia*, 3.^a ed. no prelo.

AQUILINO RIBEIRO.

(Cont. da pág. 4 — UM POBRE HOMEM)

riosa, dêles próprios. Só eu corria vamente atrás dum carro, até me estatelar, reclamando:

— Mais um, sr. guarda-freio. Está aqui um passageiro que quer contribuir para o gozo do patronato, para as suas mulheres e automóveis. Sou jornalista. Venâncio Gomes, repórter da *Terra*, com passe da policia...

Mas a campanha do eléctrico retinha e o carro bordava uma curva, cantando pressuroso. E entretanto, os meios-tostões em punho, cadetes, moços de fretes e varinas regougavam, involuntários contribuintes das grandes orchatas alheias:

— Lá tenho de ir a butes!

— Que espiga!

— Uma destas!

— O último carro do Dafundo! Perder o último carro do Dafundo!

E, filosófico desta exquisita seita, dei eu fundo na travessa da Cara, em cima, sobre S. Pedro de Alcântara com suas luzes foscas.

— Trago aqui uma caixa, um caixão!

— proclamou de súbito sobre mim um vulto magro, de sob um casaco puido. Era o Sampaio Conde, que àquela hora, meio alumbrado de decilitros brancos e pitoresco por isso, vinha da rua da Emenda, da redacção da *Terra*. — Mas não a dou ao Carvalho — prosseguiu — que não agradece estas coisas. — Aqui para nós, amigo Venâncio, vou mas é escarrá-la ao *Notícias*, que pode render. Não achas?

— O quê? O que é que tu descobriste, homem de Deus?

E Sampaio Conde sacou do bôlso uma tira, que soletrou dêste gosto:

— Consta que a Companhia Carris vai aumentar as tarifas.

Eu disse:

— Ora sebo! — e segui.

Na rua da Atalaia bati palmas com força e o guarda noturno veio:

— Já vai!

Desembocara dum saguão pertinho, e o rop-rop do seu capotão de oleado era o único ruído da rua. Entrei no meu quarto abafado, com moleza, e comecei a despir-me.

Esse quarto, forrado de vermelho, mobilava-o um guardo-fato de casquinha, um toucador e uma banca. A cama, de boa amplidão e de moleza perfeita, andava sempre com frescas roupas alvas; e

tudo isto, inventariado de relance por mim, ao recolher, era motivo para lhe dar ressaltos em face às magras posses de que eu dispunha então.

Nessa noite, porém, pensei pouco: abri distraidamente os lençóis e, moído de corpo, deitei-me. Tinha uma vela ao lado, quasi gasta. Pela janela da rua da Atalaia, rasgada e ampla, entrava bôciamente um coalho de sombra aloirada, vaga, como se fôsse composta do atrito da dor nos prédios. Tudo calado. Apaguei a luz, virei-me, ouvi o carroção do lixo, que passava; uma vassoira rapou... E então o sono, a quem em menino ouvira chamar José Piqueno, pareceu-me realmente qualquer coisa de humano, de pessoal, que se acercava. Um velho gnomo, imundo de percorrer o universo a cerrar olhos, não apresentaria aos surdos sentidos do meu corpo, já meio adormentados, aquele aspecto de coisa mole e suja que me vinha aquietar. De resto, esta tendência a personalizar desgostos era já velha em mim. Criara-me no medo vago a duendes, e pelas ruelas de Vilório, à noite, via marchar fantasmas. Estas sombrias entidades formavam a meus olhos uma segunda criação: nasciam de mim, como dum paúl exalações nevoentas, côr de chumbo e de cobre; mas eu contemplava-as em plano de objectividade fria: racional aparentemente; no fundo, porém, trabalhada por um delírio vago e nervoso. Meus fracos nervos, assim, iam alimentando com um mundo mau de espectros a vida vã do meu cérebro. Ria-me dêstes titeres, mas êles também se riam de mim, na sombra.

Nesse dia, os meus desencantos com Serafina, que não eram erros de que a razão desse conta mas só sentimentos gastos em vão e em fumo, convocavam o meu exército de obscuridades. E na modorra da madrugada, naquele sono que encontrava o meu corpo todo pisado e dorido, senti então o barbaçudo velho, guarda do esquecimento. Ah, no Bairro Alto, estava à beira do Letes. Aturdido, porém, por tão vária sorte de quedas, o meu dormir não era bronco e amnésico: era um caos posterior à formação do universo, o fundeadoiro de mil esbarrondamentos. As mãos do papão do sono, esfarelavam-se nêle cem castelos.

Deram as quatro da manhã, as cinco, e eu ouvia-as bater em minha cabeça com o martelo da vanidade: eram projecções alucinatórias do eu que revertiam mais loucas à origem. Assim dormi nessa noite.

Ao vir da manhã, o pesadelo foi cedendo a um desgosto mais lúcido, apercebido da minha presença na rua da Rosa, 100. Começavam no ar os pregões das varinas madrugadoras, o do homem magro das colheres de estanho e o do *Pirolitoli*; passavam na minha rua as primeiras carroças brutas. E eu adivinhava entre os vozeiros crus o regougo das meretrizes, por trás dos lençóis brancos, com retratos de santas nas quatro paredes sujas.

Acordei então e chorei. Uma mágua absurda tomara conta de mim e mostrava-me a dor do mundo: sonhos bons, Serafininhas de casto olhar propício — oh poeira vã que moia tanto os olhos... Surpreendi-me a chamar em meiga surdina:

— Mãe...

E pareceu-me que ouvia esta doce voz calmante:

— Deixa lá... Estou aqui.

(Do romance inédito, *O Ilhén Vendúcio*).

VITORINO NEMÉSIO.

PUBLICAÇÃO MENSAL DE:

número

9

série

3

Afonso Duarte — Alberto Teles de Hutra Machado — António de Sousa — Augusto Telo — Branquinho da Fonseca — Campos de Figueiredo — Guilherme Filipe — João Gaspar Simões — Luís Guedes de Oliveira — Mário de Castro — Vitorino Nemésio.

Número avulso 2\$00; Série de 3 números 5\$00. Redacção: T. da Rua do Norte, 4

Coimbra

20

abril

1925

